

Paula Accioly de Andrade

El Discreto e A Arte da Prudência:

A contribuição de Baltasar Gracián na formação do homem de corte

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História Social da Cultura. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Orientadora: Berenice de Oliveira Cavalcante

Rio de Janeiro
Outubro de 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Paula Accioly de Andrade

El Discreto e A Arte da Prudência:

A contribuição de Baltasar Gracián na formação do homem de corte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História Social da Cultura. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Berenice de Oliveira Cavalcante

Orientadora

Departamento de História – PUC-Rio

Prof. Bernardo Ferreira

Departamento de História – UERJ

Prof. Ricardo Benzaquen

Departamento de História – PUC-Rio

Prof. João Pontes Nogueira

Vice-Decano de Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais

PUC-Rio

Rio de Janeiro, 2 de Outubro de 2006.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Paula Accioly de Andrade

Graduou-se em 2003 no curso de História, em Bacharelado e Licenciatura, pela Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro. Foi Bolsista de Iniciação Científica do projeto de pesquisa “*Caos e Criação no ideário do Oriente Antigo*” coordenado pelo professor Emanuel Bouzon, de 2001 a 2002. Em 2004, participou do projeto de pesquisa integrado “*Forma Mentis*” coordenado pela professora Berenice Cavalcante

Ficha Catalográfica

Andrade, Paula Accioly de

El discreto e a arte da prudência: a contribuição de Baltasar Gracián na formação do homem de corte / Paula Accioly de Andrade ; orientadora: Berenice de Oliveira Cavalcante. – 2006.

93 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em História)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. Gracián y Morales, Baltasar. 3. Espanha - Séc. XVII. 4. Barroco. 5. Corte. 6. Discreto. 7. Etiqueta. 8. Discernimento. 9. Engenho. I. Cavalcante, Berenice de Oliveira. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Para meu noivo Rodrigo
Para minha avó, cinco anos depois: saudades

Agradecimentos

À professora Berenice, pelos estímulos e conselhos para a realização desta pesquisa. O trabalho em conjunto foi muito enriquecedor e recompensante.

Aos Professores Ricardo Benzaquen de Araújo, Bernardo Ferreira e Flávia Eyleer por terem gentilmente aceitado fazer parte da Comissão examinadora.

Ao meu pai, pelas conversas, ensinamentos e carinho. À minha mãe pela presença. À minha irmã pelos cuidados muito atenciosos.

Ao Rodrigo, meu companheiro de tanto tempo e que a partir de outubro iniciamos uma nova etapa.

À minha família sempre presente.

A meus companheiros de mestrado, principalmente Fabiola, e velhas amigas redescobertas pelo curso Fernanda e Tatiana.

À minhas amigas, Lais, Silvia Helena, Elsa, Marina, e Giselle.

Aos funcionários da secretaria do departamento de História da PUC-Rio Anair, Cláudio, Cleuza e, Edna Timbó, por serem sempre muito prestativos. Bem como aos professores do mestrado e doutorado em História Social da Cultura da PUC-Rio.

E, finalmente, ao CNPQ e à PUC- Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Resumo

Andrade, Paula Accioly; Cavalcante, Berenice Oliveira. ***El Discreto e A Arte da Pudência: A contribuição de Baltasar Gracián na formação do homem de corte***. Rio de Janeiro, 2006. 93 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente dissertação propõe uma investigação de dois textos do autor espanhol Baltasar Gracián (1601- 1658): *El Discreto* (1646) e *A Arte da Prudência* (1647), cujo título original é *Oráculo Manual e A Arte da Prudência*. A partir da leitura de ambos os trabalhos são esboçadas algumas peculiaridades da monarquia absolutista de Filipe IV (1621-1665). Valores e conceitos como *engenho*, *discrição* e *etiqueta* que estavam presentes na vida dos homens de corte, são retomados aqui a fim de desenvolver a pesquisa e contribuir na compreensão da vida em sociedade durante o século XVII. Para o melhor aproveitamento dos textos é estabelecido um debate sobre diferentes conceitos do Barroco, que foram produzidos em diferentes momentos por autores distintos. É a partir da compreensão das características do *Discreto* e do Barroco que se pode concluir a importância dos textos selecionados, não apenas para a sociedade espanhola, como para outras cortes da Europa Ocidental. Desta maneira, os textos de Gracián são de fundamental importância para formar um quadro da monarquia espanhola do século XVII e dos homens que a constituíam.

Palavras-chave

Baltasar Gracián; Espanha; século XVII; Barroco; corte; Discreto; etiqueta; discernimento; engenho.

Abstract

Andrade, Paula Accioly; Cavalcante, Berenice Oliveira (Advisor). ***El Discreto e Oráculo Manual e Arte da Prudência: The contributions of Baltasar Gracián at the formation of the court's man.*** Rio de Janeiro, 2006. 93 p. MSc. Dissertation – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation aims an investigation of two texts of the Spanish's author Baltasar Gracián: *El Discreto* and *Arte da Prudência*, which original title is *Oráculo manual e Arte da Prudência*. Based at the reading of both works are delineated some particularities of Filipe's IV absolutist monarchy. Valours and concepts as ingeniousness, discernment and etiquette, which were presents at the life of court's man, are recapturing here to develop the investigation and contribute at the understanding of the society's life during the 17th century. For the best exploitation of the texts, is established a debate about the different concepts of baroque, which were created at different moments by distinct authors. Is based on the comprehension of the *Discreto* and baroque's characteristics that it is possible to conclude the importance of the selective texts, not only for the Spanish society, but also for the others courts of the western Europe. So, the Gracián's texts have a fundamental importance to portray the Spanish monarchy of the 17th century and the men who formatted it.

Keywords:

Baltasar Gracián; Spain; 17th century; Baroque; court; Discreto; etiquette; discernment; ingeniousness.

Sumário

1. Introdução	09
2. Baltasar Gracián: um homem barroco	15
3. O <i>Discreto</i> e a sociedade de corte	35
4. Manuais de comportamento: <i>El Discreto</i> e <i>A Arte da Prudência</i>	55
5. Considerações finais	78
6. Referências bibliográficas	83
7. Apêndice	85

1

Introdução

Ao ler o texto de Baltassar Castiglione, *O Cortesão*, para uma disciplina do curso de mestrado, foi-me apresentado uma sociedade muito interessante e fascinante sobre a qual pouco havia estudado até em tão: uma sociedade cortesã italiana, onde o manual de comportamento era fundamental e os hábitos sociais possuíam uma grande importância. O interesse pelo tema aumentou e passei a estudá-lo mais profundamente, quando me deparei com um escritor espanhol: Baltasar Gracián, jesuíta e autor de textos sobre o comportamento humano, a moral e outros valores sociais que deveriam nortear o cortesão, denominado por ele como *Discreto*.

O objetivo inicial deste estudo, era, exatamente, promover um estudo comparativo entre os dois autores e seus manuais de comportamento. Foi-me sugerido pela banca qualificadora do projeto optar por um deles, e assim o fiz: elegi elaborar um estudo sobre dois textos de Baltasar Gracián, *El Discreto* e *A Arte da Prudência*. No entanto algumas dificuldades surgiram dentre elas encontrar uma edição de qualidade dos textos. O único texto que está traduzido para a língua portuguesa é uma edição da Martins Fontes de *A Arte da Prudência*, que foi aqui utilizada. O texto do *El Discreto* existe na versão original na Biblioteca Nacional e em versões virtuais, mas utilizei com maior frequência a tradução para o francês editada por Gerard Lebovici. Além disso, os estudos sobre o autor espanhol, por pesquisadores brasileiros, ainda se encontram num estágio incipiente, há referências ao autor e seus textos em alguns trabalhos de João Adolfo Hansen e Renato Janine Ribeiro, mas não são encontrados textos que tratem especificamente de Gracián e sua obra. Portanto, é com base nas leituras das versões disponíveis dos textos de Gracián e de alguns comentadores que a dissertação será elaborada.

Pretendo, portanto, desenvolver uma compreensão sobre a sociedade espanhola do século XVII. Segundo José Antonio Maravall este período, conhecido também como

Barroco espanhol, possuiu e produziu uma cultura própria, que era dirigida às massas¹. Esta produção cultural foi estabelecida em diferentes meios artísticos, como nas pinturas, nas peças teatrais e até mesmo nos tratados políticos e morais. Toda a produção deste período, traz consigo características próprias que formam a sociedade em questão, e acredito que através do estudo de parte da obra de Gracián pode-se compreender aquela realidade.

Deste modo, os textos de Gracián nos mostram algumas peculiaridades importantes do tempo e do país em que viveu, pois a Espanha pode ser considerada, no século XVII:

Pouco européia, excessivamente católica e nobiliárquica, impura de sangue e cultura, inquisitorial.²

Por constituir uma nação caracterizada por uma realidade própria, a história espanhola é melhor compreendida por um espanhol e por isso o trabalho de Gracián se transforma em fonte de inúmeras informações sobre o Barroco espanhol.

O *Discreto* era uma figura social inserida no contexto da monarquia absolutista, que possuía características próprias, seja moral, comportamental, entre outras. Fato, destacável é, que o *Discreto* compõe um ser que só pode ser concebido em uma monarquia absolutista. Daí surge a particularidade da sociedade de corte e de seus componentes, que venho entender através dos livros de Gracián, ou seja, devemos procurar em seus trabalhos a compreensão de um jesuíta do século XVII sobre a sociedade em que vive e seus homens.

Um atributo de fundamental importância na sociedade barroca, mas que ao mesmo tempo está presente em outras nações da Europa ocidental, é a vida social na corte. O monarca absoluto formava uma corte palaciana que era por ele mantida e sustentada. No caso francês o rei e seus cortesãos habitavam o Palácio de Versalhes, no espanhol seu equivalente era o Palácio do Buen Retiro. Em ambos os casos, tratavam-se de palácios próximo à capital do país e com uma decoração similar, baseada nas vitórias reais.³ Deste modo é possível perceber que em alguns pontos a corte francesa de Luis XIV e a espanhola de Filipe IV possuíam alguns aspectos em comum.

¹ MARAVALL, *A Cultura do Barroco*.

² MARAVALL, *Idem*, 16.

³ BURKE, *A Fabricação do Rei*, p 194.

Os cortesãos franceses parecem ter sido tomados de interesse pelo estilo espanhol: em todo o caso, o guia de sobrevivência na corte da autoria do espanhol Baltasar Gracián ganhou oito edições francesas entre 1684 e 1702.⁴

Nesta dualidade dos trabalhos de Gracián é que reside parte da grandiosidade do autor, pois ao mesmo tempo em que ele trata da particularidade da sociedade espanhola, são desenvolvidos temas comuns a diferentes países europeus, tornando possível para os leitores de hoje compreender traços marcantes da Espanha, mas também aqueles que caracterizam o século XVII de uma forma em geral: a sociedade de corte e a religião cristã.

Sobre o tema da sociedade de corte Norbert Elias trabalha em seu livro⁵ com a sociedade francesa de Luis XIV, onde a retrata magistralmente. Nele o autor deixa claro o funcionamento da mesma, explicando a importância da lógica do prestígio e o surgimento de uma razão artificial de sociabilidade – a etiqueta, bem como a possibilidade de governar que ela trazia para o rei. Sem dúvida, este texto servirá de base para esta apresentação.

A centralização do poder nas mãos do rei é apresentada como algo a ser trabalhado pelo *Discreto*, a seu favor. Para Elias este processo foi iniciado tempos antes do absolutismo atingir o auge, mas é finalmente concluído no século XVII. Portanto, não se trata de uma mudança brusca à qual o *Discreto* e o rei tiveram que se adaptar, ao contrário, foi algo que ambos criaram juntos, ao longo do tempo como um *Processo Civilizador*.⁶

Neste ambiente onde a vida social e particular são uma coisa única, não havendo distinção entre os aspectos públicos e privados a racionalidade de cada homem assume um importante papel. Exatamente por não haver distinção entre os âmbitos públicos e privados é que todos os atos deveriam ser calculados e pensados antes de concretizados. Nestes termos, há uma transição da racionalidade em voga durante o Renascimento para

⁴ BURKE, *A Fabricação do Rei*, p.195

⁵ ELIAS, *A Sociedade de Corte*

⁶ ELIAS, *O Processo Civilizador*.

uma racionalidade Barroca: passa-se de uma razão natural para outra que é desejada e calculada. Este argumento é apresentado por Giulio Carlo Argan⁷.

Esta racionalidade artificiosa, calculada, acima referida, é expressada na sociedade espanhola barroca pela etiqueta. A etiqueta, além de diferenciar aquelas pessoas que teriam o privilégio de admirar a presença do rei, servindo, desta maneira, como mecanismo de governo do soberano, funciona, também, como uma forma de auto-controle das emoções dos cortesãos palacianos, pois eles deveriam se comportar de acordo com o esperado pela sua posição social e não como desejassem. Portanto, a rede de relacionamento existente nesta sociedade é baseada na dependência uns dos outros, cada componente reconhece sua posição social e é reconhecido através da relação com os demais membros, sejam eles burgueses, escravos, nobres, cortesões ou até mesmo o próprio rei. Um *Discreto* deve se comportar como todos esperam, o mesmo acontece com membros da burguesia, de modo que um reconheça no outro a sua própria posição social. A partir deste ponto, é possível notar que a estrutura da sociedade de corte é fixa e permite uma pequena mobilidade, que é mais horizontal do que vertical, ou seja, há menos mudanças de classes sociais e mais mudanças entre os membros de uma mesma classe social: o prestígio de cada nobre é determinado pela vontade do rei, de maneira que a presença real passa se torna um jogo de ambições entre os nobres, assim, desejam uma posição de maior contato e dependência do monarca absoluto.

A lógica de inter-dependência desta sociedade é essencial para que ela seja compreendida, pois é baseada nela que muitos costumes serão determinados. São as características peculiares desta sociedade que serão destacados nos textos selecionados para este estudo, pois elas nos permitem compreender a mentalidade dos homens barrocos.

A questão religiosa também teve forte manifestação na vida espanhola, foi sempre muito presente e combatente contra o islamismo, de modo que a tradição religiosa no país era muito forte. A Contra-Reforma determinou, no caso espanhol, uma liberdade e ao mesmo tempo uma limitação nas escolhas de cada um, pois se por um lado pregava o livre-arbítrio, em contra-posição às religiões protestantes que defendiam a pré-determinação, por outro a Inquisição cerceava esta liberdade defendida. A intolerância

⁷ ARGAN, *Ensaio sobre o Barroco*.

religiosa manifestada pelo Tribunal do Santo Ofício espanhol contrasta com a defesa do livre-arbítrio. A liberdade era delimitada, portanto, pelos conceitos cristãos e pela monarquia absoluta. Fora da Espanha a aproximação entre política e religião também estava presente de diferentes formas. De uma maneira geral, em todas as monarquias absolutas esta aproximação acontecia, pois a Igreja e os nobres eram beneficiados por privilégios similares, como a isenção fiscal. Além disso, como será trabalhado no segundo capítulo, existia uma proximidade entre a inquisição e o poder real, no caso espanhol, onde o caráter combativo da Igreja estreitava ainda mais esta relação. Assim, como acontecia com o *Discreto*, a inquisição era mais um momento onde a religião e a política se encontravam.

Desta forma, torna-se ainda mais interessante a apresentação destes aspectos sob o ponto de vista de um jesuíta, que valoriza os ensinamentos de Cristo, mas que ao mesmo tempo procura encontrar a melhor maneira de se comportar social e politicamente, revelando um caráter duplo de seus textos, que representam também um objetivo desdobrado em duas faces: uma relacionada com aspectos terrenos, de comportamento e a outra ligada aos aspectos religiosos.

Esta dupla face do objetivo de Gracián evidencia também suas características como homem de seu tempo, como um verdadeiro homem barroco, que se encontra sempre dividido entre a glória terrena e o seguimento dos ensinamentos religiosos, já que o autor precisa recorrer aos seus superiores para aprovarem seus textos: aprovação de representantes de Deus sobre seus atos terrenos.

É com base nesta aproximação entre a religiosidade e a sociedade de corte que este estudo sobre o *Discreto* estará baseado. Trabalhos com este tema eram comuns no período, sejam de autores diferentes ou variações e traduções de um mesmo livro, como foi o caso de Gracián. A preocupação com a formação do homem de corte estava presente ativamente em suas vidas, e a concepção de Gracián parece ter sido aceita por muitos, pois ele procura resolver este impasse entre a aproximação de dois elementos aparentemente contraditórios, a vida terrena e a religiosa.

Conceitos e noções surgem desta perspectiva, como uma maneira de indicar aqueles homens como deveria se portar o verdadeiro *Discreto*. Os leitores de Gracián procuram exatamente uma explicação de como se portar nas mais diferentes situações.

Portanto, uma questão válida para este trabalho é especular sobre os possíveis leitores de Gracián. Quem, no século XVII, lê os textos do *El Discreto* e da *A Arte da Prudência*? Quem quer aprender a se portar baseado no ideal do *Discreto*?

Para responder a estas perguntas devemos refletir sobre a sociedade da época. O primeiro aspecto que devemos levar em consideração é algo básico, ou seja, a leitura supõe alfabetização. As pessoas ligadas à Igreja e que tinham cursado as universidades, sem dúvida poderiam compor o quadro de leitores de Gracián. Mas como é sabido, nem todos os nobres e componentes da família real era alfabetizados, deste modo somente aqueles que tivessem estudado poderiam ser introduzidos nesse grupo. Em relação à burguesia, devemos acreditar que a pequena burguesia estava excluída desse grupo, sendo considerado apenas parte da média e alta burguesia. Assim, os leitores de Gracián são compostos por parte da nobreza e por parte da burguesia, a quem interessava as boas maneiras na corte. Aos primeiros era fundamental saber se portar nas cerimônias e saber como aumentar o grau de seu prestígio e se manter numa boa posição social; aos segundos era importante conhecer o funcionamento da sociedade de corte para tentar se incluir nela. Havia, portanto, uma certa disputa pela posição social entre a burguesia e nobreza. Que era passível de ser usada pelo rei como forma de viabilizar seu governo, ora beneficiando um e ora outro.

É assim, que o conhecimento de termos como engenho, discrição/ discernimento, - que serão trabalhados no segundo capítulo- se tornam comuns nesta sociedade. A preocupação de estar e permanecer inserido nesta corte movia os homens do século XVII, para alcançar o entendimento da sociedade de corte e do teatro ali representado.

Portanto, diante desta breve apresentação é possível perceber que Gracián define o verdadeiro *Discreto* como um homem bom, ético e que fosse preocupado com uma boa posição social, pois ela representaria que ele é também um bom cristão, temente à Deus e seguidor dos ensinamentos religiosos.

Desta forma, acredito que só é possível a compreensão do *Discreto* inserido na monarquia absoluta, e portanto pretendo entender esta mesma forma de governo através do comportamento dos agentes sociais, ou seja, visualizar o absolutismo espanhol pelos atos e comportamento do *Discreto* descrito nos textos de Baltasar Gracián.

2

Baltasar Gracián: um homem barroco

O presente trabalho será baseado no estudo de dois grandes livros do século XVII do autor espanhol Baltasar Gracián (1601- 1658): *El Discreto* de 1646 e *A Arte da Prudência (Oráculo Manual e a Arte da Prudência)* publicado em 1647, ambas tematizando a vida na corte. O propósito é analisar a influência dos ensinamentos de Deus nas formas de comportamento na sociedade espanhola.

Baltasar Gracián, filho do médico Francisco Gracián e de Ângela de Morales, nasceu no dia 8 de janeiro de 1601 em Belmonte na Espanha. Morou durante a infância em um povoado vizinho, Toledo. Ingressou no noviciado da Companhia de Jesus em Tarazona no ano de 1619 e é possível acompanhar sua trajetória através dos estudos do jesuíta Miguel Batllori obtendo informações sobre sua vida dentro da Companhia, como escritor, professor, ou até mesmo como aluno. Sua morte se deu em Tarazona em 6 de dezembro de 1658.

Gracián recebeu, nos colégios da Companhia de Jesus, uma educação humanística que foi fundamental para sua sólida erudição. Assim, baseando-se no humanismo clássico, Gracián pode construir uma visão peculiar e própria sobre a vida humana e então, refletir sobre a mesma em seus textos, pensando sempre na capacidade de moldagem do homem e na realidade política em que vivia. No âmbito moral temos que sublinhar um aspecto importante, o fato de ele pertencer à Companhia de Jesus, mesmo que em alguns momentos tenha se afastado dela, pois os princípios cristãos sempre foram algo muito presente em seus textos e fundamental no seu modo de entender a realidade. Foi exatamente esta base humanista e cristã que o permitiu formular sua concepção sobre a vida humana.

Depois de concluída sua formação é que Gracián escreve seu primeiro trabalho, *El Héroe* em 1637 publicado em sua terra natal com o pseudônimo de Lorenzo Gracián, mais tarde descobriu-se que se tratava do nome de um dos irmãos do jesuíta. Em 1640 publica em Madrid seu segundo texto, *El Político* e no ano de 1642 *Agudeza y Arte de*

Ingenio. É em Huesca que publica *El Discreto* em 1646 e *Oráculo Manual y Arte da Prudencia* em 1647, esta última é por nós conhecida como *A Arte da Prudência*. Em 1650 Gracián escreve a primeira parte de *El Criticón*, a segunda é de 1653 e finalmente a terceira e última no ano de 1657.

Quanto à forma de pensar a vida, Gracián pode ser entendido como um pensador racional, mas não racionalista, pois englobou em seus estudos fatores que os racionalistas deixavam de lado, como por exemplo os sentimentos, a fantasia, o *engenho* e o gosto humano. Assim, propunha um novo modelo para alcançar o conhecimento da vida humana. Estes aspectos não poderiam ser descartados pois segundo ele, o homem não é apenas razão, é também emoção; cada um deles representa uma forma de atingir o conhecimento da verdade, e era isso que Gracián buscava: a verdade da vida, a verdade moral.¹ Na realidade, esta busca pela verdade era algo recorrente aos pensadores do século XVII. Algumas transformações filosóficas foram marcantes no século em questão, Argan argumenta que “a revolução filosófica de Descartes e a científica de Copérnico e Galileu e a crise religiosa serviram para transformar a relação entre o homem e o universo no século XVII”². Portanto, a filosofia cartesiana estimulou parte dos filósofos a iniciarem uma busca pela verdade, pela essência de todos os aspectos mundanos, e neste sentido a racionalização dos assuntos foi tomada como critério para diferenciar o que poderia ser considerado verdadeiro daquilo que era falso. Assim, aqueles temas que pudessem ser compreendidos de maneira lógica, pela razão humana, passaram a ser considerados verdadeiros. A aproximação à Deus realizada pelos homens barrocos acontece no sentido da busca pela verdade, pois o intelecto humano aspira a verdade. O conhecimento e o estudo da natureza e da história permite um conhecimento da verdade relativa que não é similar à verdade absoluta de Deus.³ O racionalismo passa a ser compreendido associado à religião e não como aspectos opostos: Deus representa a verdade absoluta, a racionalidade em seu ápice. Pode-se notar, então, que Gracián estava de acordo com a corrente racionalista do século XVII pela busca da verdade, sem desconsiderar os sentimentos e os aspectos humanos dos homens barrocos.

¹ AYALA, *Pensadores Aragoneses*, p. 296

² ARGAN, *Imagem e Persuasão*, p. 49

³ ARGAN, *Idem*, p. 53

O *El Discreto* é formado de vinte e cinco capítulos, que tratam da descrição que um bom homem deve ter. Na versão francesa o título da obra foi traduzido para *L'homme Universel*, de modo a passar ao leitor a abrangência que o termo possui em espanhol, é um trabalho de caráter retórico que proporciona aos seus leitores exemplos eloqüentes e didáticos.

Sobre o *El Discreto*, pode-se afirmar que o último capítulo destoa dos demais, pois é nele que o autor descreve a vida, etapa por etapa, de um Discreto estendendo-se inclusive à questão da morte do mesmo. O capítulo XXV pode ser considerado um dos mais expressivos, pois nele encontram-se aspectos gerais e conclusivos da obra, como a separação da filosofia moral e natural e a divisão ideal da vida de um homem. É recorrendo à filosofia moral e ao fundamento da ordem social, que Gracián procura identificar a moral que organiza a conduta social.⁴

Outro tema de grande interesse é a reflexão sobre a vida, o homem e a passagem do tempo que são visitados com frequência pelos mais diferentes artistas durante o Barroco, como por exemplo Shakespeare, Calderón, entre outros.

La nature exposée à nos yeux pour nous instruire se partage, dans l'espace d'une seule année, en quatre saisons différentes. Et cette variété dans l'univers nous représente la diversité des âges qui forment le tissu de la vie de l'homme. Le printemps qui ne montre que de tendres fleurs, c'est notre enfance qui ne laisse voir que de fragiles espérances. L'été, c'est notre jeunesse: temps orageux, où les passions sont violemment agitées par la chaleur du sang qui bout sans cesse. L'automne, couronné de fruits, c'est l'âge viril, c'est l'âge de l'homme mûr par ses principes, par ses projets, par ses conseils. Enfin l'hiver, c'est la vieillesse qui succède à l'âge viril (...) ⁵

Os trabalhos de Gracián são conhecidos pelo seu estilo engenhoso e pelo conteúdo moral e político. A prosa do *El Discreto* nos mostra os múltiplos gêneros que são utilizados no livro: diálogos (VIII, XVII), elogio (I), discurso acadêmico (II), alegoria

⁴ MARAVALLI, *Estudo da Historia del Pensamiento Español*, p. 341

⁵ GRACIÁN, *L'Homme Universel*, p. 161 “A natureza exposta aos nossos olhos nos instrui se distribuir no espaço de um ano, em estações diferentes. Esta variedade no universo nos representa a diversidade das idades que formam o tecido da vida do homem. A primavera que só apresenta tenras flores, é a nossa infância que deixa entrever somente frágeis esperanças. O verão é a nossa juventude: tempo tempestuoso, onde as paixões são violentamente agitadas pelo calor do sangue que ferve sem cessar. O outono, corado de frutos é a idade adulta, é a idade do homem amadurecido pelos seus princípios, pelos seus projetos, pelos seus conselhos. Enfim o inverno, é a velhice que sucede a idade adulta.”

(III), Memorial (IV), cartas (VII, XII, XXII), sátiras (IX, XI, XX), fábula (XXIII) emblemas (XXI).

O aspecto retórico possuía uma importância fundamental no século XVII, passando, mesmo, a ocupar um patamar no âmbito artístico, que seria capaz de expressar, não somente os argumentos do autor ou orador, mas também a capacidade intelectual daquele que a produzia. Neste sentido, Gracián, no *El Discreto*, faz uso de diferentes gêneros retóricos para expressar sua capacidade cognitiva. João Adolfo Hansen trata deste tema em seu livro *A Sátira e o Engenho*, onde a retórica barroca é apresentada como sendo uma característica básica da elocução, “o prazer do ornato torna-se fundamental”⁶, deixando de ser periférico para se tornar o ponto central de um texto. A retórica barroca se diferencia da antiga exatamente no quesito ornamento, pois enquanto a primeira valoriza o caráter engenhoso dos textos, a segunda preza por um trabalho mais direto. Sobre a poesia barroca o autor escreve:

na base do procedimento encontra-se o conceito, termo de grande polissemia e várias aplicações, muitas vezes equivalentes à agudeza, argúcia, entimema, silogismo retórico, também nomes do efeito maravilha. Valoriza-se a elocução não pela simplicidade acessória de ornato, mas pelo oposto, pela complexidade da relação imagem/conceito que produz um novo conceito, que sendo também imagem, traduz muito indiretamente o conceito-imagem ou ‘definição ilustrada’ inicial. (...) Os temas são de conceitos, ou seja metáforas tomadas ao pé da letra em infindáveis variações. A passagem da metáfora simples tropo de estilo para a base da representação poética visual e a exploração das imagens assim obtidas tornam-se nucleares no conceptismo engenhoso.⁷

Portanto, segundo Hansen, o conceptismo *engenhoso* pode ser entendido como a passagem da metáfora, como simples estilo, para uma representação visual. Assim, “o conceito é um ato de entendimento, segundo Gracián.”⁸ Fumaroli descreve o conceptismo como uma designação de um pensamento brilhante e algumas vezes a palavra agudeza pode ser aplicada com o sentido de conceito, produto do engenho (imaginação).⁹ Ayala, por sua vez, trabalha com a noção de conceptismo como sendo um movimento típico da literatura barroca, que permite a criação de um “novo caminho para o conhecimento da realidade mediante o estabelecimento de relações engenhosas entre as

⁶ HANSEN, *A Sátira e o Engenho*, p. 304

⁷ HANSEN, *Idem*, p.304

⁸ HANSEN, *Ibidem*, p. 307

⁹ FUMAROLI, *Histoire de la rhétorique dans l'Europe moderne. 1450- 1950*. p. 522

palavras.”¹⁰. A retórica barroca aparece, então, necessariamente ligada ao paradoxo, à agudeza e à vivacidade.¹¹

Desta forma, o texto escrito de maneira simples e direta não estaria de acordo com o movimento literário do século XVII. Do ponto de vista retórico, os trabalhos de Gracián podem ser considerados verdadeiramente barroco, pois é através de muitas associações de conceitos que o autor espanhol passa uma determinada idéia ao seu leitor.

O *El Discreto* estabelece, assim, um novo paradigma: o “Homem Discreto” que seria um cavalheiro, teria bons modos, inteligência, seria um homem do mundo e ao mesmo tempo prudente.¹² Helmut Hatzfeld, em *Estudos sobre o Barroco*, apresenta sua concepção do homem barroco ideal, como sendo alguém que sempre se mostra comedido e amável, tenta ser bondoso, mas que ao mesmo tempo está atento às hostilidades que o rodeiam.¹³ O “Homem Discreto”, no entendimento de Gracián, deveria ter um caráter universal – que passaria por sua religiosidade cristã - e não ser apenas restrito a realidade espanhola, pois o Discreto poderia viajar pelas diferentes cortes de grandes príncipes.

Deste modo, o livro em questão nos permite uma aproximação com o ideal, concebido pelo autor, do homem que vive na corte. Diante desta visão do cortesão, acredito ser possível visualizar as práticas da própria corte absolutista espanhola do século XVII, que era estruturada verticalmente mas unida pelos conceitos de honra e dignidade¹⁴. Assim a hierarquia se torna a chave de compreensão social, ainda que ponha todos os “indivíduos na mesma condição de vassalagem em relação ao soberano”¹⁵, existe entre os vassalos uma escala hierárquica. Desta maneira, o Discreto, necessariamente, traria no seu comportamento atitudes próprias deste ambiente e por isso podemos ler o *El Discreto*, como um manual de comportamento do cortesão concebido como homem universal.

Aqui se apresenta uma dualidade, pois ao mesmo tempo em que o Discreto possui um caráter particular, há também um aspecto universal. Ou seja, por um lado o Discreto apresenta uma particularização permitindo entender as práticas do absolutismo e a

¹⁰ AYALA, *Op. Cit.*, p.328

¹¹ GRACIÁN, *A Arte da Prudência*, p. 16 (prefácio)

¹² AYALA, *idem*, p. 323

¹³ HATZFELD, *Estudos sobre o Barroco*, p. 295

¹⁴ HATZFELD, *Idem*, p. 117

¹⁵ ARGAN, *Op. Cit.* p. 57

inteligibilidade da monarquia espanhola, já que a existência do Discreto é possível neste contexto político, econômico e social. Por outro lado, a universalidade do Discreto é relacionada ao cristianismo, à Companhia de Jesus e à obediência dos ensinamentos cristãos, que é um dos pressupostos para se tornar um Discreto de acordo com a concepção de Gracián. Contudo, o cristianismo não era algo restrito à realidade espanhola, mas também a outros países ocidentais da Europa, por isso o caráter universal do Discreto.

O tema da universalidade do Discreto também está presente na obra de Baltassar Castiglione intitulada *O Cortesão*, que foi escrita em 1528. A partir daí podemos notar que este tópico era algo recorrente desde o Renascimento. A universalidade pode ser entendida de dois modos diferentes: o primeiro é o caráter cosmopolita do cortesão, com sendo alguém que pertence a todas as cortes ao mesmo tempo. O outro sentido da universalidade é o da não especialização numa dada atividade pelo cortesão, devendo este conhecer várias artes, seja ela a música, a política, ou a escrita. Neste sentido, a imagem do cortesão é a de um leque de habilidades que as realiza muito bem e exatamente por isso pode transitar por diferentes cortes. Deste ponto de vista, podemos dizer que a universalidade do cortesão está presente na obra espanhola do século XVII de Gracián, bem como na italiana do século anterior.

Gracián, portanto, ao apresentar o seu ideal do homem Discreto, também deixa transparecer ao leitor uma peculiaridade própria do autor. De um lado ele é reconhecido como um autor que trabalha com elementos da filosofia racionalista, mas ao mesmo tempo se mostra atento aos aspectos da moralidade cristã e aos resultados do Concílio de Trento; realizando, assim, uma aproximação entre os aspectos filosóficos e os religiosos.

Gracián es símbolo y personificación del Barroco, al menos de una dimensión del Barroco: la relacionada con lo jesuítico y la Contrareforma. (...) los jesuitas estuvieron relacionados con los más importantes cambios intelectuales en la época. Gracián fue uno de esos jesuitas que vivieron el drama del Barroco, que no es otro que el drama vivido en primera persona. El hombre del Barroco vive la tensión surgida entre lo divino y lo humano, dos realidades que no se han separado aún, pero que tienden inexorablemente a constituirse en realidades autónomas e independientes. Gracián vive esa tensión intelectual y psíquica: religioso y hombre que busca el aplauso del mundo, escritor mundano y místico, rebelde y

hombre de máxima confianza de los superiores. (...) En este puento, Gracián fue casi insuperable.¹⁶

Desta maneira, a ambigüidade barroca se manifesta claramente em Gracián, já que nele podemos encontrar a preocupação com assuntos terrenos e divinos, manifestando, assim, uma espécie de humanismo contra-reformista ou um “humanismo devoto”.¹⁷

O movimento da Contra-reforma surgiu como resultado do Concílio de Trento (1545-1563) e esteve ligado ao Barroco espanhol, na medida em que contribuí para o fortalecimento do cristianismo naquela sociedade, tornando-a fechada quando comparada àquela do Renascimento.

Surgem, neste movimento, novas tendências morais e teológicas, e uma importante questão foi o tema da possibilidade de harmonização da graça divina à liberdade humana. Os jesuítas defendiam a concordância entre Deus e a liberdade humana de modo que se preservasse o protagonismo humano.¹⁸ Desta maneira, os autores se tornam mais conscientes de problemas como a catarse (purificação) e da necessidade de uma linguagem mais refinada e decente.¹⁹ A Reforma católica associa a educação humanística a uma atividade pastoral²⁰ e na Espanha há ainda uma outra consequência que pode ser designada como “inquisição eminente”, que Cervantes descreve como decoro. Esta preocupação constante com a moral é marca dos trabalhos pós-tridentinos, onde acontece uma grande reforma dos modos e costumes.²¹ A partir desta descrição, o trabalho de Gracián se apresenta a nós como um verdadeiro fruto da retórica jesuítica, preocupado com as questões religiosas e com a utilização de formas mais rebuscadas de escrever. Diante deste movimento do “humanismo devoto” ou “humanismo barroco” é que Gracián analisa as maneiras de comportamento dos homens.

¹⁶ AYALA, *Op. Cit.*, p.27 “ Gracián é símbolo e personificação do Barroco, ao menos de uma dimensão do Barroco: a relacionada com o jesuítico e a Contra-Reforma. (...) os jesuítas estiveram relacionados com as mais importantes trocas intelectuais da época. Gracián foi um destes jesuítas que viveram o drama do Barroco, que não é outro que o drama vivido em primeira pessoa. O homem do barroco vive a tensão surgida entre o divino e o humano, duas realidades que não se separaram ainda, mas que tendem inexoravelmente a constituir-se em realidades autônomas e independentes. Gracián vive esta tensão intelectual e psíquica: religioso e homem que busca o aplauso do mundo, escritor mundano e místico, rebelde e homem de máxima confiança dos superiores. (...) Neste ponto, Gracián foi quase insuperável.

¹⁷ HATZFELD, *Op. Cit.*, p.258

¹⁸ AYALA, *idem.*, p. 298

¹⁹ HATZFELD, *Op. Cit.*, p.103

²⁰ FUMAROLI, *Op. Cit.*, p. 434

²¹ HATZFELD, *idem.*, p. 87 - 88

Gracián es presentado como um autor de su época, aunque, como todo gran escritor o pensador, la precede.²²

Na realidade, Gracián retrata um homem que por ser guiado pela discrição (discernimento), se torna universal, que seguindo um modelo de vida capaz de se adaptar às circunstâncias do cotidiano. Caminhando neste sentido, o autor introduz um debate sobre a filosofia moral que trata do comportamento humano e da normatização das ações livres. A filosofia moral que Gracián descreve apresenta o homem como um ser natural que apreende seus conhecimentos da natureza, exceto a idéia intuitiva de Deus.²³ Este argumento é desenvolvido ao longo de todo texto e em sua parte final se torna mais explícito.

la philosophie morale, qui est la véritable nourriture de l'ame et qui la perfectionne dans tous les vertus de l'honnête homme.²⁴

Trabalhando com a noção de ética e com a questão do discernimento/ discrição, Gracián desenvolve uma discussão sobre a filosofia, moral e política. Um debate que não se direciona para todas as pessoas, é verdade. O autor sabe exatamente quem é seu público e para quem está escrevendo - “o homem do mundo”²⁵. Na realidade ele não deseja escrever para todas as pessoas, mas sim para um número reduzido, a eleição do seu público é uma escolha realizada pelo autor. No próprio prólogo de sua obra, Gracián escreve: “No se escribe para todos.”²⁶

Gracián tem, assim, a consciência de que não é qualquer homem que pode se tornar um Discreto, mas apenas aqueles que possuem a verdadeira nobreza, que é caracterizada por ele como sendo uma espécie de singularidade, a única que deve ser ambicionada, e

²² AYALA, IN Pina & Egido, Maria Carmem e Aurora (coords.) *Baltasar Gracián: Estados de las cuestión y nuevas perspectivas*, p.20 “Gracián foi apresentado como autor de sua época, ainda que como todo grande escritor, a precede.”

²³ AYALA, *Pensadores Aragonoses*, p. 330.

²⁴ GRACIÁN, *L'Homme Universel*, p. 163 “A filosofia moral, que é o verdadeiro nutriente da alma e que a aperfeiçoa em todas as virtudes do Homem *Discreto*”

²⁵ GRACIÁN, *A Arte da Prudência*, p.19. Prefácio escrito por Jean-Claude Masson

²⁶ LAPLANA, IN Pina & Egido, Maria Carmem e Aurora (coords.) *Baltasar Gracián: Estados de las cuestión y nuevas perspectivas* *idem*, p. 69

que tem sua fonte na grandeza da alma e na elevação dos sentimentos²⁷. Desta maneira, o público que Gracián pretende atingir é constituído por aqueles homens que possuem ética, que sigam os princípios cristãos e que tenham a virtude como fundamento do verdadeiro herói.

Gracián pressupõe honradez do interlocutor- sua boa índole e sua fé em Deus. (...) Gracián quer ajudar o ‘homem de bem’ a não sucumbir aos designos de seus rivais e adversários. (...) E Gracián quer poupar o homem honrado.²⁸

Outro aspecto que devemos considerar, que aparece no artigo de Jorge Ayala *Vida de Baltasar Gracián*, é que o autor espanhol pode ser considerado um inspirador de outros pensadores, contemporâneos e sucessores dele, seja para copiar suas obras e teorias, seja para incentivar a produção de mais trabalhos. Além disso, é importante ressaltar que muitos de seus textos foram traduzidos para o francês e alemão de modo que seus trabalhos tiveram seus títulos traduzidos para outros idiomas, mas procuraram sempre permanecer fiéis aos objetivos traçado pelo autor espanhol. Tudo isso nos permite perceber a grandiosidade de suas idéias, pois as mesmas transcendiam as fronteiras dos países europeus e aumentavam a influência ideológica da Espanha sobre a Europa Ocidental.

en consecuencia, El Discreto pasaría a titularse L’Homme Universel en la versión francesa, y en la inglesa The Complet Gentleman; El Oráculo Manual, cuyo verdadero título, siguiendo el estilo del autor, debió haber sido El Atento o El Prudente, en francés se convertiría en L’homme de Cour, y en italiano, L’Uomo di corte, en la versión de Maunory (1696) pasaría a ser L’Homme Detropé.²⁹

A Arte da Prudência, pode ser descrita como um conjunto de trezentas máximas que segundo Fumaroli estão a serviço da prudência.³⁰ Estas máximas políticas, morais e sociais estão amplificadas com suas explicações e constituem os pontos essenciais da

²⁷ GRACIÁN, *L’Homme Universel*, p.99

²⁸ GRACIÁN, *A Arte da Prudência*, p.20. Prefácio escrito por Jean-Claude Masson

²⁹ MARAVALL, *Estudios de Historia del Pensamiento*, p. 350 “em consecuencia, El Discreto passaria a chamar-se L’Homme Universel na versão francesa, e na inglesa The Complet Gentleman; O Oráculo Manual, cujo o verdadeiro título, seguindo o estilo do autor, devia ter sido El Atento ou El Prudente, em frances se converteu em L’homme de Cour, em italiano L’Uomo di corte, e na versão de Maunory (1696) passaria a ser L’Homme Detropé.”

³⁰ FUMAROLI, *Op. Cit*, p. 518.

vida em sociedade. Este livro se dirige àquelas pessoas que a desejam aprender, ou seja, sujeitos interessados em entender o conceito de “saber viver”, podendo ser considerado como um guia de conduta sobre um novo modelo de comportamento, onde se torna possível instruir-se sobre as regras do comportamento social. Seu estilo conciso transmite ao leitor uma aprendizagem real sobre a sociedade, limitando-se apenas às verdades que Gracián considerava essenciais³¹.

Sua forma de redação era muito comum nos séculos XVI e XVII, ainda que hoje nos pareça muito objetiva. Segundo Cuatero:

El uso que hace Gracián del término ‘aforismo’, como expresión de un corto y sentencioso pensamiento, es el habitual en España del XVII, donde tiene particular aplicación al pensamiento político...³²

Outros autores contemporâneos à Gracián também fizeram uso de aforismos políticos para apresentar suas idéias, dentre eles: Antonio Pérez, Lorenzo Ramírez de Padro, Joaquín Setanti, Diego Enríquez de Villegas e Pedro de Figueroa.³³ Isso nos permite visualizar que o texto de *A Arte da Prudência* está inserido numa dada tradição. Javier Quiñones, também estuda a utilização dos aforismos e no artigo *Conceptismo y agudeza: Max Aub en la tradición aforística* apresenta algumas considerações sobre o estilo, como sendo fruto da agudeza, do conceptismo, da sabedoria, da brevidade e da precisão.³⁴

Gracián adopta en esta obra el estilo aforístico por considéralo más apropiado para encerrar el sentido de sus descubrimientos sobre la vida em sociedad.³⁵

Ainda podemos encontrar, em *Arte da Prudência*, um indício da crise de consciência que a Europa vivia no final do século XVII e no início do século XVIII.

³¹ AYALA, *Op. Cit.*, p. 323

³² CUATERO, IN Pina & Egido, Maria Carmem e Aurora (coords.) *Baltasar Gracián: Estados de las cuestión y nuevas perspectivas*. p. 90. “O uso que faz Gracián do termo ‘aforismo’, como expressão de um pensamento curto e sentencioso, é habitual na Espanha do século XVII, onde tem uma aplicação particular no pensamento político.”

³³ CUATERO, *Idem*, p. 90

³⁴ QUIÑONES, Javier. *Conceptismo y agudeza: Max Aub en la tradición aforística*. Artigo do Congresso Internacional de centenário “Max Aub, Testigo del siglo XX” Valencia, abril de 2003

³⁵ AYALA, *Pensadores Aragoneses*, p. 323. “Gracián adota em sua obra o estilo aforístico por considera-lo o mais apropriado para tratar sobre o sentido de seus descobrimentos sobre a vida em sociedade.”

Partindo do exposto, podemos notar como Gracián escreve de acordo com a realidade que vivia, pois pôde perceber que o conhecimento da relatividade dos valores morais causaria um certo desacerto na população européia.

A Arte da Prudência, Máxima CXX:

Viver de modo prático. Até o saber há de estar em uso, e, onde não se usa, é preciso saber fazer-se de ignorante. Mudam com o tempo o falar e o gostar. Não se deve falar de modo antigo, e deve-se gostar do que é moderno. O gosto das cabeças é a última palavra em toda ordem das coisas. É o que deve ser seguido então, e melhorado à perfeição: que o cordo se acomode ao presente, ainda que o passado lhe pareça melhor, tanto nos adornos da alma quanto nos do corpo. Só na bondade não vale essa regra da vida, pois sempre se há de praticar a virtude. Já se desconhece, parecendo coisas de outros tempos, o dizer a verdade, manter a palavra; e os varões de bem parecem feitos aos modos dos bons tempos, apesar de sempre amados; de tal sorte que, se alguns há, não são usados nem imitados. Oh, grande infelicidade deste século ter a virtude por estranha e a malícia por comum viva o discreto como pode, se não como gostaria. Considere melhor o que a sorte lhe concedeu do que lhe negou.³⁶

A citação acima nos permite identificar alguns pontos de interesse e preocupação do autor espanhol. A questão do discernimento e da adaptação aos ambientes, que será trabalhado no segundo capítulo, aparece logo na primeira linha, na afirmação de que a sabedoria deve ser sempre utilizada, até mesmo quando seu uso é escondido ou camuflado. Além da adaptação às circunstâncias é necessário, também, se adaptar ao momento em que se vive, pois as mudanças na maneira de falar e do gostar acontecem com o passar do tempo. Apenas na prática virtuosa esta regra não vale, pois em qualquer que seja o tempo deve-se agir guiado pelo bem e pela moralidade cristã. Exatamente neste ponto Gracián apresenta uma crítica à sociedade em que vive, e deixa transparecer que o problema da relativização dos valores não possui apenas resultados positivos, já que de acordo com o autor, a virtude está esquecida e é a esta realidade que o Discreto deve se adaptar e viver da melhor maneira possível, mesmo que ela não seja a forma ideal.

Hazard tem como tema de estudo a crise de consciência européia e produziu um livro com este título, cujo primeiro capítulo apresenta o crescimento do interesse europeu sobre viagens exploradoras, fossem elas dentro ou fora do continente, em oposição à vida regrada levada pelos europeus. Assim, no final do século XVII e no início do XVIII o

³⁶ Grifos meus

humor dos italianos se torna novamente viajante, principalmente por questões mercantis; os franceses se mostram móveis como o dinheiro vivo; os alemães eram viajantes por uma questão de hábito, mania, já que não conseguiam ficar em seu próprio país e os ingleses viajam como complemento educacional.³⁷ Fato é, que o número de viajantes e de seus relatos aumentaram consideravelmente e posteriormente é esta nova forma literária que vai contribuir na relativização dos conceitos e que levará à crise de consciência.

O conhecimento de novos países com culturas diferentes, através dos relatos dos viajantes e o estabelecimento do comércio com o Oriente, permitem o surgimento de novos horizontes que portam consigo a noção de relatividade dos conceitos e da idéias, de modo que o ponto de vista se torna fundamental no desenvolvimento da filosofia. É através desta literatura de relatos de viajantes que se divulga este novo olhar sobre o mundo, pois o conhecimento do diferente possibilita um questionamento dos valores e hábitos europeus. A partir daí os europeus percebem que o ponto de vista é fundamental para o desenvolvimento de uma idéia, surgindo, desta forma, uma postura crítica em relação à sociedade do séculos XVI e XVII. O conhecimento de novos hábitos e costumes permite uma análise dos velhos saberes, e neste momento se inicia uma crise na consciência europeia que possibilita a relativização e revisão dos conceitos, através de uma postura crítica.

Os trabalhos aqui selecionados nos permitem caracterizar uma outra peculiaridade do autor, que acreditava que o político não podia e não devia ser separado da moral. Assim, apesar de serem consideradas textos de caráter político, estes livros possuem também um forte aspecto moral.³⁸ Este é relacionado com sua formação religiosa, e portanto cristã, fundamentada nos evangelhos.

In the works of the three contemporaries – Velázquez, Calderón and Gracián - the elevating use of the Classical and Christian narratives for the propose of adequately expressing the political and spiritual anxieties created by this age of uncertainty and instability is more than a coincidence.³⁹

³⁷ HAZARD, *Op. Cit.*, p. 4-5

³⁸ CUATERO, *Op. Cit.*, p. 93

³⁹ ÄCKER, *The Baroque Vortex*, p. 12 “No trabalho destes tres contemporâneos – Velázquez, Calderón e Gracián- o elevado uso de narrativas clássicas e cristãs para o propósito de adequadamente expressar as ansiedades políticas e espirituais criada por essa era de incertezas e instabilidades, é mais do que coincidência.”

Portanto, não apenas Gracián faz uso da religião para adequar-se ao seu tempo, como contemporâneos do autor também a utilizam, permitindo que se estabelecesse um diálogo entre eles. Entre eles podemos destacar Pedro Calderón de la Barca, na produção teatral e Diego Velázquez na realização de pinturas, que junto com Gracián formaram o grupo de artistas mais prestigiados da corte de Filipe IV (1621-1665).

their respective literary and artistic works expressed common viewpoints in their treatment of religious, historical and mythological themes. One notable example was the glorification of the Spain monarchy and its adherence to the principle upheld by the Council of Trent (...)⁴⁰

Os artistas mencionados baseiam seus respectivos trabalhos nos ideais da monarquia espanhola e Gracián torna isso muito evidente na segunda edição do *El Heroe* quando a dedica à Filipe IV e quando apresenta ao seu leitor um conhecimento mais apurado da corte em *El Discreto*. Além disso, os três fazem uso da mitologia antiga para passar suas idéias. Esta mitologia pagã era cristianizada e além de muito utilizada, era mesmo incentivada pelos jesuítas.

This traditional of allegorizing the pagan mythology so as to corroborate biblical doctrine (...) drew from the same sources as were cited by the early Christian theologians. This doctrine was established by the early Christian theologians like St. Isidore of Seville and St Augustine, among others, and dominated the view of these deities presented in sixteenth – and seventeenth-century Spanish literature and arts.⁴¹

Velazquéz, por sua vez, apresenta a corte espanhola através de seus quadros, enquanto La Barca em suas peças de teatros. Fato é que a monarquia espanhola, mas especificamente a corte de Filipe IV, se faz presente nas diferentes formas de expressão artística. Não só a figura do rei, mas os valores da monarquia eram expressados ao público pela via artística, em alguns casos de forma metafórica e em outros mais diretos, de modo que os três artistas podem ser considerados representantes dos valores reais e

⁴⁰ ACKER, *Op. Cit.*, p. 11 “Nos seus trabalhos literários e artísticos respectivamente, expressa-se ponto de vistas comuns no tratamento da religião, históricos e tema mitológicos. Um exemplo notável foi a glorificação da monarquia espanhola e sua aderência aos princípios sustentado pelo Concílio de Trento.”

⁴¹ ACKER, *Idem*, p. 17 “Esta tradição de alegorização da mitologia pagã como forma de corroborar a doutrina bíblica. (...) Extraídas da mesma fonte que foram citadas pelos antigos teologistas cristãos. Esta doutrina foi estabelecida pelo antigo teologista cristão como Santo Isidoro de Sevilha e Santo Agostinho, entre outros e dominou a visão destes deuses presentes na Espanha literária e artística nos séculos XVI e XVII”.

com um objetivo em comum: representar da maneira mais verossímil possível a corte de Filipe IV.

Diante deste quadro, é possível perceber a preocupação Gracián com a contribuição na formação moral e social do Discreto. Através dos textos de Gracián, bem como dos trabalhos de Calderón e Velazquez, podemos estudar o período barroco. O diálogo entre artistas que possuem objetivos em comum, mas o atingem por diferentes meios e formas artísticas contribuem, ainda mais, para estabelecer um quadro geral da corte de Felipe IV e é neste contexto que este trabalho pode dialogar com o texto de Acker sobre a produção cultural espanhola durante o século XVII. O desenvolvimento e a compreensão do homem de corte espanhol, o Discreto, só é possível através da sociedade em que ele vive: a corte de Felipe IV e produção intelectual do período. Há, portanto, uma aproximação e uma complementação entre as artes visuais e as literárias na Espanha barroca, criando uma imagem comum, que permite a formação de uma cultura própria.

Segundo Acker, a linguagem simbólica também é uma característica dos três artistas, mas era utilizada com cautela para não criar confusão no público:

not only was it necessary that an artist be able to create an image in this work which was easily recognizable as being a particular deity or mystical hero, it was also important that the artist's or writer's intended message be conveyed clearly in his painting or literary work since, in many cases, the patron was a religious order or institution whose intentions for the works were frequently educational⁴²

Helmut em seu trabalho, *Estudo sobre o Barroco*, anuncia o diálogo estabelecido entre Cervantes e Velázquez, mas podemos introduzir também Gracián, pois segundo ele há nos dois primeiros artistas uma preocupação com a grandeza militar da Espanha, como forma de demonstração da força nacional. Gracián, por sua vez, persiste na idéia de grandeza da monarquia através do caráter dos homens, que formam a corte, seja o rei ou o Discreto.

⁴² ACKER. *Op. Cit.* p.14 “não era necessário, apenas, que um artista fosse capaz de criar uma imagem no seu trabalho que fosse facilmente reconhecida como sendo um deus particular ou um herói místico, era também importante que a mensagem intencionada do artista ou do escritor fosse transmitida claramente em sua pintura ou trabalho literário, desde, em muitos casos, o patrão fosse uma ordem religiosa ou instituição cujas intenções para o trabalho fossem frequentemente educacional.”

Acker explica:

...we have attempted to portray an intellectual environment in which historic reality is reflected in the arts. These are influenced by the religious adjustments of a society which found itself compelled to reconcile the old and the new in an unprecedented intensification of creative resources. These arts were the manifestations of a society which was going through its most conflictive transformations, trying to bridge the demise of medieval society and the birth of modern society. Elements in Spain's literature and arts stand as symbolic of this syncretic allegory in its urgent quest for a transformed identity, a self-portrait of monarchy and Church through this time of critical uncertainty.⁴³

Além da utilização de temas pagãos para expressar idéias cristãs, Starobinski nos apresenta, no livro *Le remède dans le mal*, a utilização de fábulas e de mitologia nos séculos XVII e XVIII. Neste texto a fábula aparece como sendo portadora de um conjunto de noções, de aventuras e metamorfose.

O conhecimento desta forma literária se torna fundamental pois é ela que permite a compreensão de textos antigos e recentes, uma vez que possibilita a sobrevivência do modelo antigo, seja pelo retorno aos temas ou aos acessórios ornamentários. Nelas o emprego de referências mitológicas aparecem como um estilo oratório, e portanto, cabe ao leitor a tradução da imagem pelo conceito - cria-se, deste modo, uma linguagem simbólica como havia destacado acima ao tratar do texto de Acker. Deste modo, as figuras das fábulas são interpretadas segundo a exigência da compreensão histórica, não permanecendo, necessariamente, a mesma. Diante deste quadro, Starobinski nos apresenta as fábulas como uma forma de poetizar qualquer assunto.

A fábula é trabalhada no campo do divertimento popular, ou seja, pertencente ao mundo profano. Todavia Starobinski retoma Rollin,

Parfait porte- parole de l'institution religieuse au debut du XVIIIe. Siècle. En incluant la fable dans son programme d'éducation, il ne vise pas seulement à favoriser la compréhension

⁴³ ACKER, *Op. Cit.* p. 29 "... nós tentamos retratar o ambiente intelectual no qual a realidade histórica é refletida nas artes. Estas foram influenciadas pelo ajustamento religioso da sociedade que se encontrou compelida a reconciliar o velho e o novo numa intensidade de fontes criativas, sem precedentes. Estas artes foram a manifestação da sociedade que crescia entre as mais conflituosas transformações, tentando resolver o falecimento da sociedade medieval e o nascimento da sociedade moderna. Elementos na literatura e na arte espanhola se tornam símbolos desta alegoria sincrética na sua busca urgente por uma identidade transformada, um auto-retrato da monarquia e da Igreja durante este tempo de incertitudes críticas."

des oeuvres littéraires ou picturales. Elle doit aussi servir de mise en garde, en qualité de contre-épreuve de la vérité chrétienne.⁴⁴

Aqui, mais uma vez aparece a cristianização de temas pagãos com o objetivo de facilitar a compreensão dos ensinamentos religiosos, a própria Igreja postula o uso monitorado deste mecanismo para atrair um número maior de fiéis, pois a fábula não é considerada uma ameaça aos ensinamentos religiosos. Além da Igreja, a monarquia absoluta, também fez uso da mitologia antiga para criar ideais heróicos. Nesta sociedade barroca a mobilidade das aparências é uma preocupação constante e isto favorece a boa aceitação das fábulas sobre metamorfose que tratem da adaptação das aparências aos ambientes.

No entanto, as fábulas e a mitologia antiga são muito utilizadas durante o barroco, de forma que devemos analisar mais profundamente este fato. As fábulas e os mitos não transmitem suas idéias de maneira direta aos leitores, seus conceitos são apresentados, em muitos casos, sob a forma de metáforas, com linguagem figurada. Neste sentido, podem ser considerados relatos engenhosos dos homens primitivos. O caráter engenhoso destes textos permite os homens do século XVII uma apropriação, um desenvolvimento e até mesmo uma adaptação destes trabalhos. De forma que a utilização de fábulas e da mitologia antiga, seja no âmbito religioso, político ou moral não pode ser considerada ambígua, na medida que os textos antigos e barrocos possuem um aspecto em comum: o caráter engenhoso e criativo.

Além disso, as fábulas e os textos clássicos circulam livremente na Espanha inquisitorial do século XVII, pois não figurava uma ameaça às verdades cristãs ou à monarquia absoluta. Por ser considerada de âmbito profano e popular, assume um caráter de divertimento e de imaginário, e por isso não provoca a censura, pois intimida as verdades postuladas, seja no âmbito religiosos ou político.

Até os dias de hoje, os textos de Gracián continuam atuais e lidos. E por este caráter duradouro, Gracián é tido como um gênio por muitos, entre eles, Schopenhauer e Nietzsche⁴⁵, que se encantam com o trabalho do autor espanhol.

⁴⁴ STAROBINSKI, *Le remède dans le mal*, p. 238, 239. “Perfeito porta-voz da instituição religiosa no começo do século XVIII. Ao incluir a fábula no seu programa de educação, ele não visa apenas favorecer a compreensão das obras literárias ou pictóricas. Ela deve servir de alerta, em contra-prova da verdade cristã.”

Al finalizar el siglo XVII, Lorenzo Gracián seguía siendo en España un autor popular, pero esa popularidade era relativa, al menos en lo que se refiere al conocimiento de su persona.⁴⁶ (...) En general, la mayoría de las referencias de los escritores españoles del XVIII que tiene por objeto a Gracián son positivas, resaltan su estilo ingenioso y el contenido político y moral de sus obras.”⁴⁷ (...) En el siglo XIX, Arthur Schopenhauer reconquistó a Gracián como pensador de la vida humana y como estilista.⁴⁸

Gracián trata de temas pertinentes aos homens do século XVII, mas alguns deles ainda continuam pertinente; como é o caso da natureza humana, o que permite que as observações sobre a moral, ética e a dignidade humana, nos interessem. Gracián pensa sobre a vida humana e por isso se torna importante para os filósofos que hoje desejam fazer o mesmo. “el concepto graciano no es de ningún modo portador de un saber universal, sino el instrumento propio del convencimiento de lo singular”⁴⁹

As citações anteriores nos permitem, ainda que superficialmente, ver a apropriação de Gracián e suas obras ao longo da história. Nos séculos XX e XXI não é diferente, os temas levantados pelo autor continuam muito vivos. *A Arte da Prudência* é seu texto mais reeditado nos dias atuais, é o único trabalho do autor que pode ser encontrado traduzido para a língua portuguesa.

Existem, portanto, muitos críticos de suas obras, das mais diferentes nacionalidades e campos do pensamento. Entre seus comentadores mais atuais encontram-se Benito Pelegrin, Miguel Romero-Navarro, Miguel Batllori, Aurora Egido, Maria Carmem Pina,

⁴⁵ Aspecto claramente identificável no texto de Nietzsche intitulado *Crepúsculo dos Ídolos (ou Como Filosofar com o Martelo)*, que é formado por aforismos. Além disso, outras semelhanças podem ser estabelecidas no texto *O Nascimento da Tragédia*, que é iniciado com a oposição entre deuses os mitológicos, Apolo que representa a razão, e Dionísio que representa o sentimento. O trabalho com estas categorias não é completamente original se pensarmos em Gracián como um autor que trabalha com aspectos da filosofia cartesiana, procurando aproximar a busca da verdade instalada em Deus aos sentimentos e à moralidade cristã. Evidente Nietzsche não trabalha com estes termos do mesmo modo que Gracián o faz, mesmo porque os períodos históricos são distintos, mas pode-se perceber que a preocupação com os mesmos aspectos permite uma aproximação entre o autor espanhol do século XVI com este austríaco no século XIX.

⁴⁶ AYALA, In Pina & Egido, Maria Carmem e Aurora, (coords), *Op. Cit.*, p. 16. “Ao finalizar o século XVII, Lorenzo gracián seguia sendo, na Espanha, um autor popular, mas esta popularidade é relativa, ao menos no que se refere ao conhecimento de sua pessoa.”

⁴⁷ AYALA,, In, *Idem* p. 17 “Em geral, a maioria das referências dos escritores espanhóis do XVIII, que tem por objetivo Gracián, são positivas, ressaltam o seu estilo engenhoso e o conteúdo político e moral de suas obras.

⁴⁸ AYALA, In, *Ibidem*, p. 19 “No final do século XIX, Arthur Schopenhauer retomou Gracián como pensador da vida humana e como estilista.”

⁴⁹ APUT IN FORASTIERI-BRASCHI, *Gracián, Pierce: Conceptos, signos*

Alberto Montaner, José Enrique Laplana, Felipe Gambin, Elena Cantarino, Jonh Elliot e Jose Antonio Maravall. É a partir do ano de 1958 que o número de trabalhos e ensaios sobre Gracián aumentaram, podendo mesmo se pensar em uma “renovación de las investigaciones sobre Gracián tanto en el plano linguístico- literario como en el de sus ideas”⁵⁰ Atualmente são produzidos textos sobre a forma retórica utilizada por Gracián, bem como discussões sobre os conceitos por ele aplicados, aspectos morais de sua obra e estudos comparativos entre Gracián e outros pensadores. Além disso, Gracián é hoje tido como um dos maiores representantes do Barroco e do conceptismo. Os trabalhos de Gracián nos remetem à sociedade de corte espanhola do século XVII, onde a racionalização do comportamento social se torna cada vez mais presente e por isso a necessidade de um manual de comportamento era importante, pois estabeleceria o ideal comum deste novo homem. Esta forma racional de sociabilidade exigia da aristocracia o controle protocolar das formas de relacionamento. A polidez teria, entre outras, uma importante função: distinguir aqueles que não a possuíam e por isso não poderiam desfrutar da presença do soberano⁵¹. A etiqueta também marcou a sociedade espanhola, e de acordo com Renato Janine Ribeiro:

A etiqueta foi, nos séculos de seu apogeu (do XV ao XVIII), minucioso cerimonial regendo a vida em sociedade: roupas, formas de tratamento, uso da linguagem, distribuição no espaço, tudo isso esteve determinado pela lei e pelo costume. Em Portugal e na Espanha, as leis estabeleciam o modo de tratamento a que cada pessoa tinha direito, conforme sua condição.(...) na linguagem e nos trajes a imagem de uma sociedade hierarquizada exibia-se aos sentidos. Na Europa analfabeta, em que até os nobres não sabiam ler e escrever, ver era uma experiência das mais importantes: o poder, o prestígio deviam saltar aos olhos...⁵²

Como homem do seu tempo, Gracián escreve seus trabalhos de maneira singular e mescla diferentes aspectos da vida, sejam eles religiosos ou mundanos (político, moral e social) que contribuem na formação do homem de bem em dois aspectos diferentes. Segundo o argumento de Masson:

A Arte da Prudência destina-se ao Homem Novo, individualista e voluntarista; o objetivo de Gracián é ajudar a navegar aqui embaixo, a forjar a salvação, a moldar o destino (...) ⁵³

⁵⁰ CATARINO, In Pina & Egido, Maria Carmem e Aurora, (coords), p. 149

⁵¹ CAVALCANTE, *Modernas Tradições*, p. 301

⁵² RIBEIRO, *A etiqueta no Antigo regime: do sangue à doce vida*. p. 7 e 8

⁵³ GRACIÁN, *Op. Cit*, p. 19. Grifos meus.

O argumento acima é essencial para este trabalho na medida que estabelece esta dupla característica dos trabalhos de Gracián. Ao longo da discussão o caráter mundano – o manual de comportamento para ajudar ao homem sobreviver no mundo - e o religioso – forjar a salvação e moldar o destino – estarão sempre ao lado um do outro, pois para Gracián esta é a marca do seu tempo: uma dualidade entre o humano e o divino; que aparece até mesmo no próprio autor do texto. Seu objetivo é único, mas se desdobra em duas faces, a mundana e a espiritual. Ou seja, seu desejo é tentar explicar com os recursos da razão o destino do homem no mundo em concordância com os ensinamentos da religião cristã, correspondendo a um racionalismo cristianizado.⁵⁴

Nos dias de hoje, um manual de comportamento para guiar os homens na sua maneira de agir em sociedade e de contribuir para a salvação da alma - através dos ensinamentos cristãos- pode nos parecer sem sentido. Contudo, estes tópicos eram muito expressivos para a realidade espanhola do século XVII, pois a existência do Discreto é admitida apenas em uma monarquia absoluta, fora dela ou inserido em outra forma de governo o homem de corte não possui razão de ser.

Por esta razão, a obra de Gracián marca o tempo do autor, já que seus livros são voltados para seus contemporâneos e para a sociedade em que viviam. Seus trabalhos podem ser considerados, portanto, como sendo uma maneira de testemunhar os problemas que surgiam no século XVII e que foram vivenciados por Gracián. Contudo, as soluções apresentadas por ele transcendem as fronteiras geográficas criadas pelos homens e se tornam passíveis de serem aplicadas a qualquer cristão que vivesse em um sistema de monarquia absolutista.

A partir do exposto, podemos notar, portanto, que existe uma proximidade entre os textos selecionados. Cada um, a seu modo, explora a nova condição do homem: dividido entre os aspectos religiosos e os mundanos. As formas retóricas também se diferenciam bastante, pois enquanto o Discreto é um texto rico em exemplos e bem desenvolvido com múltiplos gêneros literários inserido num único livro, a *A Arte da Prudência* apresenta uma forma simples e resumida de se transmitir uma idéia, desenvolvendo, apenas, uma breve explicação baseada numa frase de efeito inicial. Porém, ambos estão inseridos no

⁵⁴ MARAVALL, *Estudios de Historia del Pensamiento*, p. 343

estilo literário do conceptismo e se utilizam de artifícios literários clássicos do século XVII, como a agudeza e o engenho, conceitos desenvolvidos no capítulo que se segue.

3

O Discreto e a sociedade de corte

Para se entender melhor os textos de Gracián e para que os conceitos neles inseridos sejam trabalhados de um modo mais preciso e consistente é importante considerar distintos conceitos de Barroco. Autores consagrados já estudaram o tema, mas a compreensão de cada um deles é muito variável. Portanto, é fundamental estabelecer uma seleção daqueles cujas interpretações possuem algum diálogo para enriquecer esta discussão e para criar uma noção própria do termo neste trabalho.

Partindo das reflexões de uma referência clássica como José Antonio Maravall, em a *Cultura do Barroco*, podemos entender o Barroco como um conceito histórico, compreendido pelos três primeiros quartos do século XVII. Ou seja, uma fase da evolução do Estado Moderno, com características próprias no âmbito social e político. É um período rico que pode ser entendido como possuidor de uma cultura própria e que estende a todas as manifestações culturais por isso, segundo ele, o Barroco não pode ser entendido apenas com referências à história da arte ou à história das idéias, mas à história social.¹ Esta cultura própria nos oferece as linhas fundamentais de interpretação desta sociedade e dos homens barrocos, pois esta produção cultural é dirigida para homens com o objetivo de determinar o comportamento entre os mesmos e em relação à sociedade, de modo a preservar a mesma. Diante desta compreensão é possível perceber uma aproximação entre Acker e Maravall, na medida em que ambos determinam a existência de uma produção cultural no período que engloba, não apenas artes visuais, mas também as literárias – ainda que neste trabalho apenas o aspecto literário esteja sendo abordado. Esta produção artística durante o século XVII contribui na formação de uma das vias de acesso e conhecimento do período.

¹ MARAVALL, *Cultura do Barroco*, p.24

Em resumo, o Barroco é um conjunto de meios culturais de tipos muito variados, reunidos e articulados para operar adequadamente com os homens, tal como são compreendidos, eles e seu grupo, (...) afim de mantê-los integrados no sistema social.²

Ainda segundo Maravall, no livro *Estúdios de Historia del Pensamiento Español*, Maravall o Barroco aparece definido do seguinte modo: “... uma época de la cultura europea en la que le drama del hombre de desarrolla en primer término”³, portanto, o Barroco pode ser entendido, ainda, como um período que é caracterizado pela tensão e pelas extremidades.

Philippe Beaussant define a sociedade barroca como sendo um conjunto de manifestações da vida que de algum modo são teatralizada, privilegiando e exaltando no homem o espetáculo que ele apresenta aos olhos dos outros.⁴ Helmut, por sua vez, apresenta o tema barroco como sendo útil na representação da manifestação cultural do espírito da reforma católica e do absolutismo no âmbito político, segundo seu pensamento existem outros temas que podem ser considerados barrocos, por conta de uma analogia, “como (...) instabilidade, movimento, máscara e disfarce.”⁵

No entanto, para Giulio Carlo Argan, o “Barroco continuava ligado sobretudo ao domínio da arte como manifestação sensível do movimento, do ritmo e dos valores da existência.”⁶ Segundo o autor, o Barroco não deve ser entendido como uma época de decadência, mas sim de um momento de transformação da razão natural para uma razão artificial ou social: um momento de passagem.⁷ Segundo o autor, o Barroco apresenta uma irracionalidade artificiosa, - uma renúncia consciente da razão natural - pois o irracional barroco é calculado e desejado, de modo que não pode ser apresentado como algo independente da interpretação e do disfarce citados acima, pois é a própria racionalidade do homem barroco que constrói o irracionalismo.

Não é apenas o irracionalismo deste período que calculado e criado pelos homens; a retórica e o artifício também são. A retórica não era utilizada pela artista ao acaso, ao contrário ela sempre aparece vinculada a um objetivo, seja ele político ou religioso. No

² MARAVALL, *Op. Cit.*, p.120

³ MARAVALL, *Estudios de Historia del Pensamiento*, p. 339

⁴ BEAUSSANT, *Versalles, Opéra*, P. 39

⁵ HATZFELD, *Estudos sobre o Barroco*. p. 291

⁶ ARGAN, *Imagem e Persuasão*, p. 47.

⁷ ARGAN, *Idem*, p. 46.

caso da Igreja católica este mecanismo foi amplamente utilizado como técnica de persuasão dos fiéis, basicamente como uma propaganda religiosa.⁸ De acordo com Argan, o engenho e a capacidade criativa do artista passam a ser valorizados e a Igreja percebe a importância deste movimento e usa-o a seu favor. Estes fatores levam a revalorização da imagem durante o período do barroco e, portanto, aproximação entre as artes visuais com valores cristãos, ou mesmo políticos, uma vez que a utilização de imagens para transmitir conceitos se tornou comum também a monarquia absolutista.

O Barroco pode ser considerado, ainda, como sendo uma tentativa de substituir o hendoísmo renascentista, por outros valores voltados para a espiritualidade do ser humano, deixando para trás o antropocentrismo do Renascimento.⁹

Para esclarecer este ponto é importante retomar o conceito de Renascimento para esclarecer este ponto. O Renascimento trouxe à consciência dos homens o fato deles não serem apenas uma criação de Deus, mas ao contrário, eles próprios possuíam a capacidade de criar e transformar. Esta faculdade de criação permitia uma certa intervenção do homem moderno no mundo que havia sido criado por Deus. A consciência da possibilidade de criação permitiu a estes homens valorizar as marcas artificiais, características dos assuntos humanos, mundanos. A noção de artifícios estava presente em diferentes aspectos da vida dos homens, seja na política ou na forma de sociabilidade.

É importante ter em mente, portanto:

Tal como eram entendidas no período, as noções de arte e artifício referiam-se às criações humanas, distinguindo-as das coisas naturais, isto é daquelas que existiam desde sempre. As discussões sobre fado, destino e fortuna, que tanto interesse despertaram naquele momento, refletiam esta compreensão, bem como as especulações acerca do grau de liberdade e da competência desta intervenção. A escolha de um determinado passado como modelo para a reorganização do presente- atitude diante da história inédita até então- exemplifica a magnitude da experiência de liberdade vivenciada pelos homens do Renascimento.¹⁰

O Renascimento permite que o homem tome consciência de que é possível diferenciar as ações dos homens daquelas divinas. É a partir desta capacidade de

⁸ ARGAN, *Imagem e Persuasão*, p. 37.

⁹ Hendoísmo entendido aqui como uma doutrina moral que considera ser o prazer a finalidade da vida. HATZFELD, *Op. Cit.*, p.74

¹⁰ CAVALCANTE, *Modernas Tradições*, p. 11

distinção que o homem moderno pode destacar a atividade humana sobre o mundo: o artifício.

Assim, a noção de artifício desenvolvida no século XVI prolonga-se no século seguinte, ou seja, a descoberta renascentista que o homem possui a capacidade de se modelar e agir no mundo permitiu que o século XVII fosse marcado pela criação de uma forma artificial de sociabilidade – a corte.

Argan diferencia o Barroco do Renascimento, ressaltando que no século XVII há um desprezo e uma tensão frente à razão natural. No Barroco existe uma razão mais artificial, o artifício passa a ser usado pelo homem com mais frequência, cria-se, então, uma razão social. Por isso, a tese de decadência do século XVII é descartada aqui, “o século XVII é simplesmente a inevitável fase de passagem entre um racionalismo e outro (...)”¹¹ Deixa-se de lado a razão natural, tão em voga no século XVI e forma-se uma “racionalidade” da corte que se caracteriza por uma estratégia calculada de comportamento, baseada na possibilidade de aumento ou diminuição do prestígio social¹². A razão humana possibilita um grau de divinização do homem, pois permite ao homem deixar e valorizar marcas artificiais no mundo natural criado por Deus.

Para Jorge Ayala¹³, o Barroco deve ser compreendido em associação ao movimento contra-reformista, pois assim seria possível uma compreensão mais abrangente sobre o período. No século XVIII os filósofos das Luzes viam o Barroco como um período confuso e, portanto, atribuíram a ele um sentido pejorativo. A recuperação do Barroco, segundo o autor, se deu em meados do século XIX primeiro com Jacob Burckhardt e depois com Heinrich Wölfflin.¹⁴

Hauser, por sua vez, trabalha com o Barroco de uma maneira mais voltada para a história da arte e segundo ele:

o barroco é a expressão de uma cosmovisão intrinsecamente mais homogeneia, mas que assume grande variedade de formas nos diferentes países europeus. (...) o barroco (...) engloba tantas ramificações do esforço artístico, apresenta-se em formas tão diferentes de país para país e nas várias esferas da cultura, que a primeira vista parece duvidoso que seja possível reduzi-las todas a um denominador comum.¹⁵

¹¹ ARGAN, *Op. Cit*, p.47

¹² ELIAS, *A Sociedade de Corte*, p. 110

¹³ AYALA, *Pensadores Aragoneses – Historia de las ideas filosóficas en Aragón*

¹⁴ AYALA, *Idem*, p. 293

¹⁵ HAUSER, *História Social da Arte e da Literatura*, p. 442.

No caso espanhol, as artes visuais e a literatura não se encontram em discordância, muito ao contrário, há em ambos a intenção de defender a fé católica ao mesmo tempo em que glorificam a monarquia absoluta de Filipe IV (1621-1665).¹⁶ O Barroco é, assim, um período onde a tensão vivida pelo homem assume forma artística. Na pintura ela se expressa pelo trabalho com as sombras e a dicotomia entre claro e escuro. Na arte escrita, tendo como referência Gracián esta tensão revela-se nos aspectos religiosos entre o bom e mau cristão, entre aqueles que possuem fé ou não, ou seja, entre os aspectos positivos e negativos dos homens. Em ambos os casos o que se pode notar é a tensão e as extremidades sendo trabalhadas por homens que as viviam intensamente.

Há ainda uma conceituação do Barroco que resume algumas idéias destas diferentes compreensões, pois segundo Cavalcante, o Barroco pode ser caracterizado pela convivência de diferentes aspectos:

acirramento das tensões e dos conflitos decorrentes da quebra da unidade religiosa, dos processos no campo do conhecimento, e das novas experiências propiciadas pela vivência em sociedade que ampliavam seus horizontes para além do acanhado espaço da vida nas comunidades predominantemente rurais.¹⁷

Deste modo, pode-se entender o Barroco como ainda ligado a manifestação do sensível, como afirma Argan, ao mesmo tempo em que se relaciona ao âmbito social, de acordo com o pensamento de Maravall, mas sem deixar de lado que existe um aspecto filosófico, político, moral e cultural. É um momento em que se articulam os mais diferentes aspectos da vida do indivíduo, é quando a tensão entre os aspectos terrenos e os divinos, questões que eram questionadas desde o Renascimento se tornam mais agudas.

O homem Barroco pode ser descrito, segundo Ayala, como sendo alguém que vive uma tensão interior na busca por novas formas de expressar sua sensibilidade, seu respeito a Deus, ao mundo e a si mesmo.

El hombre vuelve a vivir una tensión pre-renascentista o medieval cristiana: a tensión entre todo y nada, finito y infinito, cuerpo y alma, mundo y cielo. Pero ahora vive estas tensiones

¹⁶ ÄCKER, *The Baroque Vortex*, p.5 –8

¹⁷ CAVALCANTE, *Op. Cit.*, p. 297

o problemas sin la ingenuidad del hombre medieval, porque el hombre del Barroco es capaz de ver las cosas desde dentro de ellas mismas, conoce su funcionamiento.¹⁸

Trata-se, portanto, de um homem agitado pelas circunstâncias que o rodeiam, suas atitudes, concepção de tempo e espaço são determinadas pela situação em que se encontra.¹⁹

Diante desta tensão vivenciada pelo homem barroco, Gracián desenvolve seus textos tratando dos mais variados temas, de literatura à moral, passando por filosofia, política e história. O autor espanhol trabalha com a Espanha em que vive, com a monarquia absoluta de Filipe IV, com o homem e com a liberdade. Alguns dos superiores religiosos de Gracián consideraram suas obras um pouco rebeldes, pois com elas o autor pretende introduzir algumas mudanças de comportamento (social, político, entre outros) que o seu presente exigia. No caso específico de *A Arte da Prudência* é possível encontrar a aprovação da obra pelo Padre M. FR. Gabriel Hernandez, Catedrático de Teologia da Universidade de Huesca, da Ordem de Santo Agostinho. Esta aprovação é significativa, pois mesmo que Gracián dirigisse os seus textos à determinados leitores, a aprovação religiosa era necessária. Deste modo pode-se notar mais uma vez o caráter e a relação entre os aspectos políticos e o religioso/ moral presente nos trabalhos de Gracián.

Declaro que (...) vi este livro intitulado Oráculo Manual e a Arte da Prudência excerto das obras de Lorenzo Gracián, publicadas por Don Vicencio Juan de Lastanosa. (...) Nada tem que contrarie nossa santa fé, é um espelho da razão, moderna maravilha dos acertos; nem é escolha para os costumes cristãos, e sim um discreto realce das ações em que o engenho possa admirar o que o juízo logra.

A centralização do poder nas mãos do rei e o fortalecimento do sistema absoluto no século em que Gracián vive é muito significativo. “Ao longo do século XVII consolida-se a centralização e afirmação do poder absoluto nas monarquias européias.”²⁰ Pode-se notar, então, que a escolha dos temas dos trabalhos é um reflexo da vida em sociedade daquele período.

¹⁸ AYALA, *Op.cit*, p. 295. “o homem barroco volta a viver uma tensão pré-renascentista ou medieval cristã: a tensão entre o todo e o nada, finito e infinito, corpo e alma, mundo e céu. Porém agora vive estas tensões ou problemas sem a insegurança do homem medieval, porque o homem do barroco é capaz de ver as coisas desde dentro delas mesmas, conhece seu funcionamento.”

¹⁹ ARGAN, *Op. Cit*, p. 69/ 70.

²⁰ CAVALCANTE, *Op. Cit*, p. 297

Assim, a monarquia absolutista se converte em princípio, ou melhor, (...) em chave de abóbada do sistema social: estamos diante do regime de absolutismo do Barroco, no qual a monarquia coroa um complexo de interesses senhoriais restaurados, apoiando-se no predomínio da propriedade da terra, convertida na base do sistema.²¹

Norbert Elias em *A Sociedade de Corte* trabalha com a corte de Luis XIV na França, porém acredito que exista uma certa convergência entre a corte espanhola e a francesa do século XVII. Não é possível, contudo, generalizar a obra do autor germânico e acreditar que ela retrata a realidade espanhola, mas algumas indicações podem nos ser pertinentes. Segundo Elias o absolutismo e a corte foram formados pela transformação dos guerreiros em cortesãos²², que diante das dificuldades que tinham para se manter militar e economicamente tiveram que recorrer ao rei para conseguir seu sustento; é neste processo que ocorre a transformação do guerreiro em cortesão. “vemos como, passo a passo, a nobreza belicosa é substituída por uma nobreza domada, com emoções abrandadas, uma nobreza de corte.”²³ Contudo, na lógica da corte, a dependência dos nobres ao rei, não é entendida de modo depreciativo, mas ao contrário, é visto como uma forma de prestígio social de uma classe superior, ou seja, quanto maior a dependência de um nobre e sua família em relação ao rei, maior é seu prestígio social perante o resto da sociedade.

A transferência do controle tributário dos nobres para o rei, bem como o monopólio da violência pelo mesmo, possibilitou ao monarca criar uma situação ainda não vivenciada em toda a Europa baseada na troca. Ou seja, em troca do monopólio fiscal e das armas o rei concedia alguns privilégios aos nobres, como por exemplo o seu sustento e de sua família na corte e a isenção do encargo fiscal, que recaía sobre o terceiro estado: a burguesia e camponeses. Foi, portanto, a formação da corte que permitiu ao governante realizar a centralização fiscal e militar e ao mesmo tempo tornar seu poder absoluto.

Maravall descreve o estado absoluto:

Estamos aqui en presencia de un absolutismo monárquico que penetra en el regime social, lo informa y dirige la monarquia (...) elega a convertirse, cada vez más, en base única de

²¹ MARAVALL, *Op. Cit.*, p. 76

²² ELIAS, *O Processo Civilizador*, Volume II, Parte II, capítulo IV.

²³ ELIAS, *Idem*, p.216.

sustentación del sistema, en algo así como el único centro del que parte la corriente vital del mismo²⁴

A monarquia absoluta é uma forma de governo rígida, onde a ascensão social é limitada e a liberdade dos indivíduos está ligada ao sistema de interdependências, pois ele é determinante para estabelecer os limites individuais. Elias baseia sua teoria em três princípios aparentemente paradoxais: o primeiro é que a separação social é inversamente proporcional a separação espacial, pois os nobres convivem diariamente com seus criados, do mesmo modo que o monarca estabelece sua supremacia diante dos nobres, mas vive em contato com eles cotidianamente na corte. O segundo paradoxo apresentado é que o ser social é identificado com sua representação e esta situação marca a economia da sociedade que se baseia na ostentação, uma vez que cada membro tem suas despesas mensuradas pela posição social. Finalmente o terceiro fundamento é relacionado à diferenciação entre a aristocracia e a burguesia, pois apenas aceitando a sua condição de dependência do monarca que a nobreza se torna socialmente superior em relação à burguesia, forma-se, assim, uma superioridade pela dependência.

O duplo monopólio fiscal e da força, acima mencionado, foi trabalhado por Roger Chartier no prefácio de *A Sociedade de Corte*, mas é acrescentado à ele a função que a etiqueta possuía, pois ela também contribuiu para a formação dos instrumentos de dominação do rei²⁵. A etiqueta atribuía um valor a cada ação nas cerimônias, revelando o prestígio daqueles que participavam para os demais membros da sociedade. Era ela que determinava o lugar de cada indivíduo na sociedade e que contribuiu para o respeito uns dos outros.²⁶ Deste modo, o monarca possui uma margem de manobra para alterar o prestígio das pessoas na corte como melhor lhe convém e desse modo aumenta a sua autoridade sobre os demais.²⁷

²⁴ MARAVALL, *Estado Moderno y Mentalidade Social*, p. 300. “estamos aqui na presença de um absolutismo monárquico que penetra no regime social, o informa e dirige a monarquia (...) chega a converter-se, cada vez mais, na base única de sustentação de sistema, em algo assim como o único centro da qual parte a corrente vital do mesmo.”

²⁵ ELIAS, *A Sociedade de Corte*, p. 132

²⁶ RIBEIRO, *A Etiqueta no Antigo Regime*, p.9

²⁷ RIBEIRO, *Idem*, p 78

A etiqueta disciplinarizou a conduta dos membros da corte, impondo-lhes um comportamento, controlando suas emoções, racionalizando sua conduta e regulando as relações sociais submetidas a novas formas de competitividade.²⁸

Portanto, é necessário entender que a corte em si mesma representa a razão de estado que viabiliza a governabilidade do rei, uma vez que determina a posição social de cada nobre e passa a gerar uma competição social. Nas palavras de Cavalcante:

A lógica do prestígio significava que quanto maior fosse o grau de dependência de um nobre em relação ao rei, ou seja, quanto mais elevada fosse a pensão e os favores que recebia, maior o seu prestígio em relação ao demais membros da sociedade de corte. (...) As benesses, títulos e favores reais não sendo vitalícios nem hereditários, eram elementos de constante disputa, rivalidades e concorrência entre os membros da sociedade de corte. Este era o mecanismo por meio do qual o monarca reproduzia e individualizava o seu poder, manipulando o antagonismo e a competitividade entre os nobres.²⁹

Portanto, pode-se notar pela citação acima, que a disputa entre os próprios nobres era parte essencial do mecanismo do sistema absolutista. A manipulação do antagonismo é o que permitia ao soberano absoluto exercer sua função, uma vez que o monarca estava sujeito ao equilíbrio das tensões e das forças dessa classe. Para bem governar, o rei absolutista deve sempre se basear nos sentimentos alheios.

(...) deve explorar com cuidado as tensões, suscitar os ciúmes e as invejas, mantendo com isso, diligentemente, as dissensões dentro dos grupos, e orientar suas metas e sua pressão. (...) orientando e movendo as tensões; e nessa tarefa entra sempre um alto grau de cálculo.³⁰

Pode-se entender esta noção de cálculo relacionada à razão artificial. O sistema de corte não permite mais que o homem se guie pela razão natural e por isso a etiqueta se torna importante, pois a necessidade de criação de um autocontrole pelos homens é fundamental, é ele que permite e facilita a vida em sociedade, mas para tanto é necessária uma repressão dos sentimentos que deixaram de ser expressados naturalmente.³¹ A etiqueta passa a ser considerada uma *auto-representação*³², que condensava duas

²⁸ CAVALCANTE, *Op. Cit.* p.301

²⁹ CAVALCANTE, *Op. Cit.* p. 299.

³⁰ ELIAS, *Op. Cit.* p. 136

³¹ HANSEN, In, Novaes, Adauto (org.). *Libertinos Libertários.* p. 93

³² RIBEIRO, *Op. Cit.* p 88

funções: uma social e outra política, pois essas realidades estavam intrinsecamente ligadas, sua importância era grande e sua existência indispensável para esta sociedade, segundo Elias:

*A etiqueta tinha uma função simbólica de grande importância na estrutura dessa sociedade e dessa forma de governo.*³³

Esta sociedade não admite nenhum tipo de surpresas ou espontaneidade, por isso a regra de comportamento e a etiqueta se tornam indispensáveis. O autocontrole demonstra a racionalidade própria, e segundo Elias a competição da vida de corte obrigaria um controle das emoções em favor de uma atitude calculada. Esta racionalidade de corte, só era possível por conta da interdependência social, pois servia para calcular as chances de aumento do prestígio, que nesta sociedade era um instrumento de poder.³⁴ A etiqueta não significa com nos dias de hoje que o indivíduo é uma pessoa educada, mas sim que alguém quer obter prestígio, deste modo a etiqueta é inserida numa “estratégia política”³⁵.

A etiqueta determinava uma lógica de corte, onde cada pessoa de cada classe reconhecia seu lugar na sociedade e respeitava a dos outros. Assim, “as boas maneiras são eficientes na relação com os outros, na criação de um mundo agradável e de uma dominação política.”³⁶ Portanto, o homem de corte e que se utiliza da etiqueta, possui plena consciência de seu valor como uma forma de estratégia política para obter prestígios do monarca.

Se todos cumpriam a etiqueta contrariados não podiam romper com elas; e não só porque o rei exigia a sua manutenção, mas porque a existência social dos indivíduos estava ligada a ela.³⁷

Philippe Beaussant faz uma associação entre a sociedade de corte, sua etiqueta e a razão artificial produzida com a dança. Segundo ele, a dança barroca é um instante onde a aparência é perfeitamente controlada e modificada, cada gesto, movimento, cada atitude e

³³ ELIAS, *Op. Cit.*, p. 102

³⁴ ELIAS, *Idem*, p. 125, 126, 127.

³⁵ RIBEIRO, *Op. Cit.* p.23

³⁶ RIBEIRO, *Idem*, p18

³⁷ ELIAS, *Ibidem*, p. 104

cada passo, são estudados e medidos, uma clara representação do artifício humano, onde a regra está acima da naturalidade.

Neste ambiente, onde predomina uma razão artificial de sociabilidade, a educação ocupa uma posição destacada, pois ela permitiria às pessoas construir uma técnica de representação verossímil, ou pelo menos adequada às ocasiões impostas pela vida social. Aqui introduzimos o tema do discernimento.

Era fundamental ao Discreto adequar-se às mais diferentes situações do cotidiano. Para atingir tal objetivo este homem deve ser guiado pela discrição. Esta discrição é entendida por Gracián como sendo sinônimo de discernimento, ou seja, cabe ao Discreto identificar as circunstâncias para, então, eleger a melhor maneira de se comportar, sendo, inclusive, apto, a fingir a falta de discernimento e de discrição quando achar conveniente e necessário. Segundo João Adolfo Hansen:

Segundo lugar-comum corrente no século XVII, quando se está entre vulgares também não é discreto demonstrar discrição, devendo-se aplicar o fingimento de vulgaridade para obter a aprovação dos vulgares e domina-los.³⁸

Neste sentido, era imprescindível que o Discreto possuísse uma dada qualidade intelectual que o permitisse tratar de qualquer assunto, pois deveria ter habilidade para deixar aflorar toda sua sabedoria e ao mesmo tempo deveria saber ocultá-la. Para que este discernimento fosse passível de ser posto em prática, o Discreto deveria possuir uma outra capacidade. O conceito a ser introduzido aqui era muito difundido na Espanha do século XVII, e abundantemente utilizado por Gracián, trata-se da noção de *engenho*, já mencionado anteriormente. O *engenho* é definido por Hansen como sendo o talento intelectual da invenção, para Argan é sinônimo de imaginação. Segundo Maravall, o *engenho* é uma característica do intelecto humano, base do ato de entendimento e que é passível de variação. Portanto, o *engenho* está relacionado a capacidade criativa e imaginativa do Discreto, a partir dele que serão desenvolvidos diversos aspectos culturais e sociais.

Fumaroli em *L'histoire de la Rhetorique*, trabalha com outro termo fundamental para a leitura das obras de Gracián: o conceito de agudeza que aparece como algo natural

³⁸ HANSEN, *Op. Cit.*, p.84

derivado do engenho.³⁹ Segundo o mesmo autor, para Gracián, a agudeza é concebida como sendo um ato de entendimento, expressando uma correspondência entre dois objetos, ou seja, a associação de objetos permitiria a compreensão da realidade.⁴⁰ No artigo de Hansen sobre o *El Discreto*, a agudeza aparece como um padrão intelectual de pensamento e ação, caracterizado pela metáfora – manifestação escrita do artifício humano –, que condensaria dois ou mais conceitos, de modo inesperado e irônico.⁴¹ Já no livro *Sátira e Engenho* a agudeza é apresentada como capaz de aproximar e fundir conceitos distantes e externos, de forma a interagi- los como um misto.⁴² De todo modo deveria funcionar como síntese da situação e caberia ao Discreto formular agudezas engenhosas. Há, assim, uma correspondência entre os entendimentos de Fumaroli e Hansen. Podemos encontrar, ainda, definições destes conceitos, na obra de Umberto Eco:

um dos traços caracterizantes da mentalidade barroca é a combinação de imaginação exata e efeito surpreendente, que assume diversos nomes – agudeza, conceptismo, Wit, manirismo – e que encontra sua mais alta expressão em Gracián.(...) os conceitos, mesmo não tendo forma própria, devem outrossim ter sutileza ou acuidade capaz de surpreender e penetrar na alma do ouvinte. A agudeza exige a mente desperta, engenhosa, criativa, capaz de ver conexões com a faculdade do engenho invisíveis ao olho comum.”⁴³

Acker, por sua vez, apresenta a agudeza como sendo amplamente utilizada durante a segunda metade do século XVII e como sendo uma forma de seu criador demonstrar, ao leitor, seu engenho e seu conhecimento sobre a dificuldade de trabalhar com imagens contraditórias para criar uma terceira noção.⁴⁴ Portanto, a agudeza pode ser manifestada no âmbito literário e intelectual e permite que a associação de idéias opostas crie um novo conceito. A agudeza engenhosa deveria ser uma característica do Discreto, e através dela seria possível perceber o nível de inteligência do mesmo. Gracián pode ser considerado um representante desta prática de agudeza engenhosa, pois ele é capaz de fundir conceitos e idéias (algumas vezes opostos) para criar uma terceira nação, mas ao fazer- lo usa a criatividade.

³⁹ FUMAROLI, *Histoire de la rhétorique dans l'Europe moderne*, p.522

⁴⁰ FUMAROLI, *idem*, p.526

⁴¹ HANSEN, *Op. Cit.*, p. 82

⁴² HANSEN, *Sátira e Engenho*. P. 293

⁴³ ECO, *História da Beleza*, p. 229

⁴⁴ ACKER, *Op. Cit.* p. 22

No *El Discreto*, podemos notar já desde o primeiro capítulo a importância da noção de *engenho*, pois o título do mesmo é *Genio e Ingenio* e na versão da tradução francesa aparece como *L'Esprit et le Genie*. A obra é iniciada, portanto, com o destaque da importância de ambas as características na vida do perfeito cortesão,⁴⁵ pois “um sem o outro é felicidade pela metade”⁴⁶.

Como já foi afirmado o Discreto deve possuir a faculdade do discernimento para saber agir conforme as circunstâncias da vida na corte. Para se adaptar às mesmas, era necessário fazer uso do engenho, de modo que fosse possível utilizar a imaginação e a capacidade de invenção de maneira prudente, ou seja, esta virtude permitiria, ao Discreto, realizar uma avaliação racional das atitudes alheias para que deste modo fosse possível contorná-las adaptando-se à ocasião.

Mais uma vez a razão artificial aparece como essencial para a vida em sociedade. O artifício se torna fundamental para polir a natureza humana, de maneira que “si la nature est marcher, l’homme baroque danse; si la nature est de parler, l’homme baroque se veut éloquent.”⁴⁷

Deste modo, um manual de comportamento tem uma funcionalidade muito grande na sociedade de corte, e por isso as obras de Gracián são lidas e apreciadas pelos homens do século XVII, que estavam interessados em aprender a melhor maneira de se portar e de avaliar diferentes situações para definir a melhor forma de agir tendo em vista seus objetivos. Enfim, querem compreender esta racionalidade que organizava as formas sociais. Além destes aspectos, não se deve esquecer que para o jesuíta Gracián esta nova forma de comportamento deveria ser marcada pelos ensinamentos cristãos e que seu leitor tenha a fé e o caráter necessário para se tornar um verdadeiro Discreto.

No entanto, se o Discreto deve fazer uso do seu discernimento, de sua discrição⁴⁸ para avaliar as situações em que vive e melhor adaptar-se, é necessário ser discreto e

⁴⁵ “Estos dos son los ejes del lucimiento discreto; la naturaleza los alternas y el arte los realza.” esta é a abertura do texto na versão espanhola; na tradução francesa, a pesar de algumas transformações, o sentido original ainda pode ser encontrado. *L’esprit et le genie sont les deux fondements de notre gloire et de notre élévation. La nature ne les réunit pas toujours, mais l’art peut toujours les perfectionner où il les rencontre.*”

⁴⁶ “El uno sin el otro fue en muchos felicidad a medias.” p. 1, *El Discreto*

⁴⁷ BEAUSSANT, *Op. Cit.* p. 23 “Se a natureza é andar, o homem barroco dança. Se a natureza é de falar, o homem barroco se faz eloquente.”

⁴⁸ Segundo Hansen no artigo sobre o Discreto, a discrição é constituída pela agudeza, pela prudência, dissimulação aparência e honra. Nas monarquias absolutas do século XVII a discrição é o padrão da

engenhoso ao mesmo tempo. Portanto, concluímos que o *homem* Discreto muitas vezes tem que interpretar algo que ele não é na realidade, mas que deve parecer ser neste “vago mundo de aparências”⁴⁹

Diante destes aspectos duas afirmações podem ser feitas: a) se o Discreto deve passar por alguém que na realidade ele não é, ele está interpretando e a corte pode ser entendida como um teatro; b) se a corte é considerada um teatro a conclusão é que nesta sociedade o parecer é mais importante do que o ser efetivamente.

Inicialmente, a primeira afirmação: a corte como um teatro. Retomando o que foi trabalhado anteriormente o Discreto deve se adaptar às mais diferentes situações, assim podemos pensar numa forma de representação, pois muitas vezes o Discreto tem que se fazer passar por algo que não era a realidade. Portanto, a corte pode nos parecer como um teatro; um teatro com atores e platéia, onde a representação é fundamental. Partindo deste ponto, fica mais claro compreender porque na sociedade espanhola as festas da família real e de nobres eram celebradas nos espaços privados dos palácios, mas também se projetam pelas ruas, incorporando a população de uma forma ilusória para a esfera do poder, da qual eles não faziam parte⁵⁰, assim integrando-se como um “publico- platéia”. O teatro, seja a peça de rua ou a representação na corte, é adaptado perfeitamente aos objetivos barrocos, uma vez que é a expressão do artifício humano, neste sentido novas técnicas vão sendo aplicadas às peças de teatro como os efeitos de luz, o que permite tornar a tensão vivida pelo homem barroco evidente para o grande número de espectadores. Nota-se que a visualização ganha força nesta sociedade, seja pelo teatro ou pela aplicação da agudeza – associação de palavras e conceitos- que permitam uma melhor compreensão da realidade.⁵¹

Contudo, não era apenas a população que se tornava platéia deste espetáculo, ao contrário, as funções de ator e platéia se confundem nas mesmas pessoas, ou seja, os nobres que compõem a corte são ao mesmo tempo receptores e participantes. A festa – que no Barroco se confunde com o teatro - passa a ser “um espelho, que devolvia a cada

racionalidade de corte. A discrição é uma categoria intelectual que classifica a superioridade de ações e palavras. (p. 83) ... no século XVII a *discretio* significa a capacidade lógica e ética de discernimento, do juízo aconselhado pela graça divina. (p. 84)

⁴⁹ HATZFELD, *Op. Cit*, p.75

⁵⁰ BOEQUE, *Teatro y fiesta en el Barroco*. p. 12

⁵¹ MARAVALL, *Cultura do Barroco*, p. 369

participante seu papel e imagem no mundo”⁵² e “a forma máxima de simulação na festa barroca é a máscara”⁵³, que permite ao personagem montar um disfarce de modo a criar outro em seu lugar.

El funcionamiento del disfraz se basa en la anulación del personaje real por la presentación visual de otro distinto, frecuentemente antitético, extremo, etc.⁵⁴

As festas políticas e religiosas eram uma grande ostentação, pois nesta sociedade a cultura da visibilidade possui uma força extraordinária, elas são os verdadeiros espetáculos, que custavam somas elevadas e sempre prezavam pelo luxo e pela ostentação. Elemento constante nas festas era o fogo, verdadeira obsessão pela luz, o mesmo se passava com os fogos de artifício, toda novidade era importante para agradar o espectador. O espetáculo era completo, formado pela dança, música e canto, que ocupavam um papel importante pois ajudavam a deter a atenção do público. Os teatros e as festas realizados no século XVII, nos quais a participação dos nobres e da população era indispensável, contribuía para que a representação na corte ocorresse mas naturalmente.

Esta teatralização só se torna possível na medida em que, no absolutismo, não existe distinção entre a vida pública e privada, “não se separa, nas cortes, a vida pessoal da pública”⁵⁵, a representação acontece de forma constante, as emoções agora estão formalizadas pela etiqueta, de modo que a espontaneidade dos gestos se tornam ameaçadoras àquela ordem social e as alegrias se converteram em um grande espetáculo, que segundo Maravall possui um caráter massivo e serve ao propósito de ressaltar a grandeza e o poder da monarquia. Portanto, nesta sociedade o parecer ser se torna realidade e por isso se faz necessário aprender o autocontrole das paixões (a etiqueta), para melhor representar⁵⁶. Aqui é introduzido o segundo aspecto.

⁵² BORQUE, *Op. Cit.*, p. 44

⁵³ BORQUE, *Idem*, p. 24

⁵⁴ BORQUE, *Ibidem*, p. 25 “O funcionamento do disfarce se baseia na anulação do personagem real pela apresentação visual de outro distinto, frequentemente antitético, extremo.”

⁵⁵ RIBEIRO, *Op. Cit.* p. 8

⁵⁶ BEAUSSANT, *Op. Cit.*, p. 24 “le monde baroque est un théâtre où chaque homme joue un rôle derrière un masque (...) ne croyez pas qu’il ment, (...) son apparence, c’est tout lui-même, et il est toujours lui-même quand il change.”

Em *A Arte da Prudência*, de Gracián, a máxima 130 apresenta esta noção:

Fazer e fazer parecer. As coisas não passam pelo que são, mas pelo que parecem. Valer e saber mostrar é valer duas vezes: o que não se vê é como se não existisse. Nem mesmo a razão é venerada quando não tem cara de razão (...) a boa exterioridade é a melhor recomendação da perfeição interior.⁵⁷

E ainda em outra máxima da mesma obra este aspecto se repete:

Realidade e aparência. As coisas não passam pelo que são, mas pelo que parecem; são raros os que olham por dentro, e muitos os que se satisfazem com o aparente. Não basta ter razão com cara de malícia.⁵⁸

No primeiro trecho, pode-se notar vários temas do que vínhamos trabalhando: a discrição, que permitia ao cortesão discernir sobre o melhor momento de fazer uso da máscara, esta por sua vez introduz o aspecto da teatralização da corte que tinha a intenção de criar um personagem distinto que se adequasse àquela circunstância. Todos estes elementos aparecem no trecho e mais significativamente na frase “Nem mesmo a razão é venerada quando não tem **cara** de razão.”⁵⁹ Este trecho nos remete ainda a questão do artifício social, pois apenas ao fazer uso do artifício é que o homem pode conseguir mascarar a realidade, ou seja, a adaptação do Discreto a uma determinada circunstância só é possível através do artifício. Neste caso, o papel da arte é fingir o natural, não como uma simples cópia, pois a invenção artística supõe a introdução de algo novo, mas transformar a natureza em arte.

Na segunda citação, podemos notar que a aparência é muitas vezes mais importante do que o real nesta sociedade, pois o parecer ser se torna a realidade, por isso parecer é mais importante do que ser efetivamente.

Elias menciona em seu estudo esta importância em parecer ser. Segundo o autor, mesmo que um nobre estivesse falido era necessário que suas despesas fossem determinadas pela sua posição social e não pela quantidade de riqueza que possuísse. Um

“ o mundo barroco é um teatro onde cada homem representa um papel atrás de uma máscara (...) não acredite que ele mente (...) sua aparência é exatamente ele mesmo, e ele é sempre ele mesmo quando ele muda.”

⁵⁷ GRACIÁN, *A Arte da Prudência*, p. 89

⁵⁸ GRACIÁN, *idem*, aforismo 99.

⁵⁹ Grifo meu

duque deve gastar como um duque e não como um burguês, que tem seus gastos determinados pelo volume dos negócios. A representação até as últimas instâncias é essencial, ela faz parte da vida na corte. “L’homme baroque est celui pour qui l’être et le paraître se confondent (...) le paraître et l’être doivent coïncider.”⁶⁰ Ribeiro afirma que o que marca um nobre é seu estilo de vida, e “nada, por sinal, mais barroco: o ser de um homem se confunde com sua aparência. Quem age como nobre é nobre”⁶¹

Esta noção de atuação nos remete a motivos muito típicos do Barroco: as idéias de metamorfose e de disfarce. Distanciando-se da Espanha e analisando aspectos do Barroco inglês podemos perceber que em muitos personagens, Shakespeare está o tempo todo trabalhando com o disfarce, o personagem faz parecer ser algo que na realidade não é. Ao contrário, sua atuação é para esconder sua verdadeira personalidade como recurso dos personagens para dissimular seus reais objetivos.

Se distanciarmos do enredo ficcional, esta descrição pode ser dada para o Discreto espanhol- aquele que finge algo que não é. Castilione, no século precedente trabalhou com um conceito semelhante, por ele denominado *sprezzatura*. Esta idéia pode ser caracterizada como sendo a habilidade do cortesão em não deixar transparecer o esforço e a dificuldade de suas ações, ou seja, o cortesão deve agir com graciosidade de modo a aparentar facilidade em todas as suas ações. Novamente o disfarce da verdade aparece como tema recorrente numa obra dedicada ao cortesão.

É importante, contudo, diferenciar disfarce de simulação, pois no século XVII os termos eram opostos um ao outro, sendo que o primeiro é positivo e o segundo depreciado. Para Hansen a dissimulação seria exatamente a manifestação pública da prudência⁶²:

No mundo católico, a dissimulação é entendida como uma técnica de fingimento moralmente virtuoso que oculta o que realmente existe, enquanto a simulação é dada como a técnica maquiavélica que finge a existência do que não há. Dois fingimentos, duas aparências: uma oculta a verdade e a outra produz o falso, segundo a interpretação católica.⁶³

⁶⁰ BEAUSSANT *Op. Cit.* P.22/23 “O Homem barroco é aquele para quem o ser e o parecer se confundem (...) o parecer e o ser devem coincidir.

⁶¹ RIBEIRO, *Op. Cit.* p. 19.

⁶² Nota ELIAS, *A Sociedade de Corte*, p.300, aforismo 179 de *Arte da Prudência*: a segurança da prudência reside numa moderação interior.

⁶³ HANSEN, *Op. Cit.* p. 89

Em Gracián a dissimulação aparece da seguinte maneira:

Sem mentir, não dizer toda a verdade. Não há coisa que requeira mais tento que a verdade, que é um sangrar-se do coração. Tanto é mister para sabe-la dizer quanto para sabe-la calar. Perde-se com apenas uma mentira todo o crédito da incerteza: o engano é tido por falta e o enganador por falso, que é pior. Nem todas as verdades podem ser ditas: umas porque só importam a mim, outras porque importam ao outro.⁶⁴

Portanto, a dissimulação, de acordo com as citações acima, não ia contra as regras da religião católica pois ela não produzia o falso, apenas ocultava o legítimo, disfarçando a realidade. Somente o verdadeiro Discreto tem esta habilidade de fingir algo para melhor se posicionar diante dos demais. A dissimulação está diretamente relacionada ao discernimento e ao *engenho* que, segundo Gracián, eram as bases do homem honrado devoto a Deus. Eram estas características que guiariam a conduta dos homens na terra e, portanto, levariam a salvação eterna. Por isso, as obras de Gracián se tornam relevantes, pois a partir desta concepção o jesuíta contribui na formação dos homens de bem.

A forte presença da religião católica na sociedade espanhola do século XVII, nos apresenta esta diferenciação entre a simulação e a dissimulação, baseada nos critérios cristãos. O Estado espanhol e a Igreja católica possuíam uma ligação muito próxima de auxílio mutuo. “A Espanha foi o escudo do Ocidente contra o islã”⁶⁵ de forma que a “Igreja espanhola destaca-se por seu ardor combativo”⁶⁶. Assim, o soberano espanhol apoiava-se nos preceitos religiosos para evitar qualquer mudança política ou social. Segundo Bartolomé Bennassar:

L’Inquisition a été, pour le Roi Catholique, la meilleure arme contre les fueros, soit l’agent le plus efficace de l’absolutisme (...). L’Inquisition a pu en effet servir concrètement l’absolutisme Royal et de façon plus large les intérêts de la monarchie⁶⁷

⁶⁴ GRACIÁN, *Op. Cit*, máxima 181.

⁶⁵ GRACIÁN, *idem*, p. 14

⁶⁶ GRACIÁN, *Ibidem*, p. 14

⁶⁷ BENNASSAR, *L’Inquisition Espagnole*, p.373 e 374 “A inquisição foi para o rei católico, a melhor arma contra os FUEROS, seja o dinheiro o mais eficaz do absolutismo (...) A inquisição pode com efeito servir concretamente ao absolutismo real e de maneira mais ampla aos interesses da monarquia.”

Deste modo, pode-se notar a inquisição, apesar de ser uma instituição religiosa, possui uma grande força política que era aproveitada pelo soberano absoluto para defender os interesses da monarquia.

The Holy Office was essentially the product of fear (...). In the 1530s and the 1540s it transformed itself into a great apparatus operating through delation and denunciation – a terrible machine that would eventually escape from the control of its own creators and acquire an independent existence of its own. Even if, as seems probable, most spaniards had come by the middle of the sixteenth century to consider the Holy Office as a necessary protection – a haven-sent remedy - , (...) this does not necessarily imply that they were not terrified of it. Fear bred fear, and it was a measure of the propaganda success of the Inquisition that it persuaded the populace to fear heresy even more than the institution which was designed to extirpate it.”⁶⁸

Assim, a Inquisição pôde se tornar um mecanismo passível de ser utilizado pelo poder temporal para determinar os modos de comportamento social. O rei faz uso deste mecanismo como forma de expandir seu controle sobre seus domínios⁶⁹ e desta forma a monarquia espanhola, usa a Inquisição, como um tipo de exército gratuito, para defender seus interesses. Liberdade e centralização se apresentam como duas faces da mesma moeda. De um lado a Igreja defende o livre- arbítrio em oposição às religiões protestantes que pregam a pré-determinação. A liberdade de escolha é a peculiaridade da Igreja católica, ao mesmo tempo, contudo, a centralização estabelecida pela Inquisição anula em parte esta liberdade e estabelece mais uma tensão ao homem barroco: o livre-arbítrio e a Inquisição.

... a crise religiosa do século XVI é a causa da transformação radical da relação entre o homem e o universo ocorrida no século XVII. Mesmo sem entrar na análise das razões doutrinárias das duas correntes religiosas, é claro que a unidade religiosa se desarticulou e que o homem, tendo diante de si uma alternativa, deve escolher: a escolha, é claro, não é apenas entre duas teses, mas entre dois modos de comportamento na vida (...) se a salvação pela graça é aleatória, a salvação por meio de boas ações se apresenta cheia de dificuldades

⁶⁸ ELLIOTT, *Imperial Spain*, p. 218 “O Santo Ofício foi essencialmente o produto do medo (...). Nas décadas de 1530 e 1540 ele se transformou em um grande aparato operando através da delação e denunciação – uma máquina terrível que eventualmente sairia do controle de seus próprios criadores e adquiriria uma existência independente. Mesmo se, como parece provável, a maioria dos espanhóis em meados do século XVI consideravam o Santo Ofício uma proteção necessária – um remédio enviado do Paraíso –, (...) isto não implica necessariamente que eles não sentissem medo dele. Medo produz medo e foi o sucesso da propaganda da inquisição que persuadiu a população a temer a heresia ainda mais do que a instituição que foi designada para exterminá-la.”

⁶⁹ ELLIOTT, *idem.*, p. 229

e incógnitas. Os fenômenos que emergem nesse campo problemático dizem menos respeito à natureza que à existência humana e à vida em sociedade, já que esta é a condição humana.⁷⁰

As Reformas Religiosas, bem como a Contra Reforma, contribuem para a transformação deste homem barroco, que vive dividido entre o divino e o humano. Contudo, se estes aspectos aparecem como opostos são, por outro lado, complementares, uma vez que a questão da sociabilidade se faz essencial para ambos. Argan argumenta:

Como o problema do comportamento parece bem mais importante que o da natureza humana, e já que o comportamento se exprime na esfera social, a questão da sociedade e de sua organização funcional logo se apresenta como essencial. Não só a divergência religiosa, que divide a humanidade cristã em dois grupos distintos e opostos, implica a possibilidade de uma salvação ou de uma danação coletivas, dependendo unicamente da escolha inicial, mas tanto a doutrina reformada quanto a ortodoxa colocam a questão da fé e do comportamento sociais: os reformistas limitam a autonomia individual revogando o princípio do livre-arbítrio, os católicos indicam a fé e o culto de massa como as melhores defesas contra a tentação da heresia. De qualquer modo, em ambos os casos a religião se preocupa mais em dirigir as escolhas e os comportamentos humanos do que contemplar e descrever a lógica providencial do universo.⁷¹

Pensando sobre esta questão da influência provocada pela religião no modo de agir dos homens, citada acima, é que podemos realizar uma associação entre a Contra Reforma e o mundo Barroco onde Gracián vivia. De acordo com Argan a religião, seja ela católica ou protestante, está preocupada com o comportamento dos homens, que é exibido nas cortes da sociedade absolutista, ambiente dos livros selecionados para o estudo. A ligação entre o comportamento em sociedade e os princípios da religião católica está presente na corte e são refletidas no objetivo de Gracián, ao produzir o *El Discreto* e *A Arte da Prudência*, em orientar as atitudes do homem de fé ao mesmo tempo em que busca a sua salvação.

⁷⁰ ARGAN, *Op. Cit.* p. 49

⁷¹ ARGAN, *Idem.* p. 49

4

Manuais de comportamentos: *El Discreto* e *A Arte da Prudência*

A sociedade na qual Gracián viveu e redigiu seus trabalhos era diferente da nossa. A revolução burguesa de 1789 ainda não havia triunfado e determinado o modelo das sociedades ocidentais, ainda vivia-se no modelo da monarquia absolutista nos grandes países europeus. Gracián redigiu *El Discreto* no ano de 1646 e *A Arte da Prudência* no ano seguinte, ambos voltados para a sociedade de corte. Todavia, seus textos foram lidos nas diferentes cortes européias, tornando-se comum para aqueles que as compunham. São os princípios cristãos nelas inseridos que permitem que a obra do espanhol se torne universal, pois é dirigida para qualquer homem com fé em Cristo, independente de sua nacionalidade.

Ambos os textos pretendem contribuir para a formação moral e espiritual do Discreto, por isso a religiosidade está presente nos trabalhos, pois segundo Gracián, o verdadeiro Discreto supõe uma moralidade cristã muito acentuada. Todavia, os livros se apresentam com formas retóricas distintas: *El Discreto* apresenta um texto corrido, divididos por capítulos, onde o uso de alegorias se mostra recorrente, bem como a criação de diálogos e de cartas. Por sua vez, *A Arte de Prudência* não foi redigida em prosa, mas em máximas, com aforismos que se completam de modo a passar a informação inteira ao leitor; além disso, a repetição parece servir para reafirmar os pontos mais importantes. Em ambas, entretanto, o conceptismo está presente, a associação entre palavras e idéias de forma criativa e engenhosa, acontece com regularidade nos textos.

Para exemplificar seus pensamentos é comum a Gracián recorrer à mitologia grega e romana e mesmo a personagens históricos de muita sabedoria e conhecimento. Contudo, este retorno ao passado não acontece gratuitamente, ao contrário, ele é calculado, como o próprio autor demonstra. A escolha dos Antigos deve-se ao fato de estarem distantes no tempo, ou seja, mais afastados do que os homens do Renascimento, é que o elogio aos seus costumes se torna mais fácil.

La lounge se mesure sur la distance des temps et des lieux; elle est comme un hommage forcé que l'on recule autant qu'il se peut, et qu l'on aime toujours rendre de loin que de près.¹

De acordo com a citação, o elogio é mais fácil para aqueles homens que se encontram mais afastados no tempo. Porque aos homens do barroco é preferível o louvor aos homens Antigos do que aos do Renascimento. De acordo com a argumentação de Maravall², o louvor e o retorno aos textos antigos permitiriam a descoberta de temas inéditos, enquanto que o retorno aos renascentistas seria apenas uma revisão temática. À este aspecto, da descoberta, é associado uma busca pela novidade, que era empreendida pelos homens do Barroco, nela os antigos eram considerados como sendo a fonte do desconhecido e por isso seus textos deveriam ser retomados. Além dos fins acadêmicos, o estudo de textos clássicos possuía uma função pragmática: promover uma distinção entre os homens modernos e os antigos para contribuir no desenvolvimento de uma consciência histórica, que levasse os homens modernos a uma marcha progressiva³. Aqui é apresentado o argumento da emulação que será retomado adiante.

Para a melhor apreciação desta questão é importante retomar o contexto intelectual do século XVII⁴ e realizar uma aproximação entre Gracián e seus contemporâneos espanhóis Pedro Calderón de la Barca (1600-1681) e Diego Velázquez (1599-1660), cada um dos três notabilizados em campos artísticos diferentes: literatura, teatro e pintura respectivamente.

The playwright [Pedro Calderón de la Barca] achieved this through the use of moralizing allegories that a common mythologizing aspiration as did the works of Gracián and Velázquez.⁵

¹ GRACIÁN, *L'Homme Universel*, p. 31 “o louvor se mede pela distância dos tempos e dos lugares; ele é como uma homenagem forçada que recua-se tanto quanto se pode, e que prefere-se fazer de longe do que de perto.”

² MARAVALL, *Antiguos y Modernos*

³ MARAVALL, *Idem*, p. 321. “O escritor de peças teatrais [Pedro Calderón de la Barca] atingiu isto através do uso de alegorias moralizantes e que uma aspiração mitológica comum, como nos trabalhos de Gracián e Velázquez.”

⁴ ACKER, *The Baroque Vortex*, capítulo 1.

⁵ ACKER, *Idem*, p.11

No caso do texto da *A Arte da Prudência*, há constantes referências às mitologias greco- romanas e aos grandes personagens como César (aforismo XXIII). Apolo aparece citado cinco aforismos depois:

Em nada vulgar: Não no gosto. Oh, grande sábio quem ficava descontente de que suas coisas agradassem a muitos! Fartura de aplausos comum não satisfazem o discreto. Alguns são tão camaleões da popularidade que põem a fruição não nas suavíssimas aragens de **Apolo**, mas no hálito vulgar. Mesmo no entendimento, que não satisfaçam os milagres do vulgo, pois não passam de espanta-ignorantes, admirando a nescidade comum o que desengana a advertência singular.⁶

No aforismo XLIII, há uma referência à Sócrates:

Sentir com a minoria e falar com a maioria. Querer ir contra a corrente é tão impossível para o desengano quanto é fácil para o perigo. Somente **Sócrates** poderia empreende-lo. Tem-se por agravo o discernir, porque é condenar o juízo alheio: multiplicam-se os desgostos, seja pelo individuo censurado, seja pelo que o aplaudia: a verdade é de poucos, o engano é tão comum quanto o vulgar. Tampouco pelo que fala em público se há de perceber o sábio, pois ali não fala por voz própria, mas pela nescidade comum, por mais que a esteja desmentindo seu íntimo; o cordo tanto foge de ser contradito ou de contradizer: o que tem de presteza na censura tem de lentidão na publicidade dela. O sentir é livre; não se pode nem se deve violentar; recolhe-se ao se sagrado silêncio, e, se alguma vez se atrever, será à sombra de poucos, e prudentes.⁷

Aos argumentos pagãos, Gracián, introduz alguns aspectos da moralidade cristã, de maneira que esta característica se tornou uma das mais pontual de toda sua obra.⁸ Hansen tematiza⁹ sobre o movimento de retorno aos mitos antigos e o classifica como uma

⁶ GRACIAN, *A Arte da Prudência*, XVIII. Apolo é o deus grego da luz, das artes e da adivinhação. Grifos meus.

⁷ Grifos meus

⁸ Aput, ACKER, *Idem*, p. 18. “in the Sixteenth century, critics as well as the Church insisted upon the need to these manuals for the use of mythology in literature and art. The authors of dogmatic treatise about painting insisted upon the importance of these manuals in what they referred to as ‘the form’, urging those artists to consult them in order to learn how the gods should be depicted. The Church’s censors, envisioning the inherent danger of paganism, specially after the Council of Trent and during the Counterreformation, considered the allegorical interpretation of mythology as a reconciliation of the pagan spirit and Christian morality”. “no século XVI críticos e a Igreja insistiram na necessidade destes manuais para o uso destes manuais para o uso da mitologia na literatura e na arte. Os autores de tratados dogmáticos sobre pintura insistiram na importância destes manuais no que eles se referiam como ‘a forma’, encorajando esses artistas a consulta-los para aprender como os deuses deveriam ser retratados. Os censores da Igreja, pressentindo o perigo iminente do paganismo, especialmente depois do Concílio de Trento e durante a Contra-Reforma, consideraram a interpretação alegórica do mito como a reconciliação do espírito pagão e moralidade cristã.”

⁹ HANSEN, *O Discreto In Libertinos e Libertinários*.

“libertinagem erudita” que segundo ele pode ser explicada como uma “liberdade de reflexão moral impregnada de erudição antiga.”¹⁰

Este retorno aos clássicos promove uma modificação entre as formas de pensar renascentistas e barrocas. Na primeira a imitação era a chave de compressão e de leitura dos textos clássicos, no entanto, o olhar barroco procura inspiração no passado antigo, mas pretende superá-lo. Na citação a seguir, Gracián evidencia esta tensão surgida entre os homens antigos e modernos: superação.

Eleger idéia Heróica, **mais para emulação que para imitação**. Há exemplares de grandeza, textos animados pela reputação. Que cada um se proponha os melhores em seu ofício, **não tanto para seguir quanto para superar**. Alexander chorou, não por Aquiles sepultado, mas por si mesmo, ainda mal nascido para a glória. Não há coisa que desperte tantas ambições no espírito quanto o clarim da fama alheia. Do mesmo modo como a inveja sufoca, a grandiosidade alenta.¹¹

É significativamente prudente aprender com a exemplaridade antiga, pois com as experiências anteriores pode-se compreender determinadas situações e as alternativas para resolvê-las. Contudo, o Discreto não deve se limitar apenas a conhecê-las e imitá-las, muito ao contrário, é necessário que ele as entenda para, só assim, poder superá-las, ou seja, Gracián apresenta ao seu leitor a necessidade de respeitar e inspirar-se nos textos da cultura clássica, mas ao mesmo tempo apresenta a noção de emulação dos mesmos, pois deveriam ser explorados como fonte de inspiração para serem superados. Cabe, portanto, ao autor barroco produzir um trabalho equivalente aos textos clássicos, mas este deve ser adaptado as circunstâncias do século XVII. A cópia, pura e simples, das obras antigas não elevaria o autor moderno a um alto nível, para isso era necessário que o homem barroco produzisse um texto grandioso, assim como faziam os antigos.

No *El Discreto*, Gracián também destaca a importância de estar ciente das atitudes que os homens antigos tomaram e, na versão francesa aparece:

Mais la partie du savoir qui distingue davantage l'honnête homme, c'est la connaissance parfaite des grands, des premier acteurs sur la scène de ce monde. Il sait quel rôle ils jouent et comment ils s'en acquittent, par quels motifs et par quels endroits ils sont blâmés ou

¹⁰ HANSEN, *Op. Cit.*, p 78

¹¹ GRACIÁN, *A Arte da Prudência*, LXXV. Grifos meus.

applaudis. Il connaît dans chaque royaume les hommes illustres par leur naissance, par leur rang, par leur science, par leur habilité, par leur mérite, et surtout par leur vertu.¹²

Diante destas metáforas concebidas por Gracián e do retorno à sabedoria Antiga pode-se notar a capacidade que o homem barroco possuía de apreciar o passado para transcendê-lo. A partir daí, podemos entender como Gracián compreendia os homens de seu tempo, já que em sua maneira de ver, a humanidade no século XVII atingiu um nível superior, principalmente quando comparado aos homens do passado; seu entendimento da história dos homens pré- cristãos é ao mesmo tempo positivo e negativo. É positivo pois os grandes homens do tempo de Gracián podem neles se inspirar, mas é negativo pois é algo a ser transcendido pelos homens barrocos.

Portanto, os trabalhos de Gracián estão assinalados por uma atitude comum aos seus contemporâneos, o que nos confirma a grande importância e contemporaneidade dos mesmos no século XVII: a utilização de referências à Idade Antiga era algo recorrente nas diferentes formas de representação artística e, como afirma Acker, servia para simbolizar uma idéia, um pensamento a ser seguido para que, deste modo, fosse possível atingir o duplo objetivo desejado pelo autor: o melhor comportamento nas cortes ao mesmo tempo em que se assegurava a salvação da alma.

Retomamos Maravall que estuda¹³ o tema do movimento e do progresso e apresenta o conceito de progresso como algo que não pode ser analisado isoladamente, pois não se trata de uma melhora brusca e sem continuidade, ao contrário depende de avanços graduais que surgem ao longo do tempo. De acordo com seu texto existe no conjunto de obras de Gracián

una idea de perfectibilidad de las cosas humanas que se diría típicamente barroca (...). Algo de ellos hemos visto en el *Oráculo Manual* [*Arte da Prudência*], pero tal vez en *El Discreto* donde encuentra su más precisa expresión.(...) Una concepción de la perfectibilidad de las cosas inspira el pensamiento de los barrocos y se encuentra también en la base de las doctrinas naturalistas de los fisiócratas¹⁴

¹² GRACIÁN, *L'Homme Universel*, p.32. “Mas a parte do saber que distingue mais o homem *Discreto*, é o conhecimento perfeito dos grandes, dos primeiros atores na cena do mundo. Ele sabe qual papel este homens representam e como eles se liberam deles, por quais motivos e por quais lugares eles são condenados ou aplaudidos. Ele conhece em cada reino os homens ilustres, por seu nascimento, por sua posição, por sua ciência, por sua habilidade, por seu mérito e sobretudo por sua virtude.”

¹³ MARAVALL, *Antiguos y Modernos*

¹⁴ MARAVALL, *Idem*, p.609

A partir do que foi descrito, podemos notar que no trabalho da *A Arte da Prudência* este tema da perfectibilidade está presente nos aforismos I e VI:

Tudo já está em seu cume, e o ser grande homem no mais alto. Mais se requer hoje para um sábio do que antigamente para sete, e mais é mister para tratar com um só homem nestes tempos que com todo o povo no passado.

O homem em seu cume. **Não se nasce feito**: vai-se a cada dia aperfeiçoando na pessoa, no cargo, até chegar ao ponto do ser consumado, de dotes completos, de eminências: far-se-á conhecer pelo elevado **gosto**, pelo purificado **engenho**, pelo maduro juízo, pela clarificada vontade. Alguns nunca chegam a ser cabais: falta-lhes sempre algo, outros tardam a fazer-se. O varão consumado, sábio em ditos, cordo em feitos, é admitido e mesmo desejado no singular comércio dos discretos.¹⁵

Os destaques na citação apresentam uma das tensões comuns aos homens barrocos: a oposição entre a arte/ artifício e a natureza. O artifício ocupa um lugar de evidência na sociedade de corte, a natureza simples não basta e por isso não nascemos feitos, deste modo, a arte passa a ser essencial ao homem de corte. O gosto e o engenho são artifício que determinam o ideal cortês, ou seja, o Discreto faz uso dos artifícios, pois é só deste modo que ele pode atingir a perfeição. Portanto, a natureza é aperfeiçoada cotidianamente pelo artifício, de maneira que é a arte que distingue esta sociedade em dois grupos, diferenciando nobres e plebeus: os primeiros fazem uso do artifício e os segundos não. No *El Discreto* a noção de perfeição – artifício - adquirida ao longo do tempo aparece de uma maneira mais evidente, no capítulo XVII, *Hombre en su punto* (no título original) e *L'Homme au point de sa perfection* (na tradução francesa), no qual Gracián nos mostra que a sucessão do tempo é fundamental para se alcançar a perfeição.

Nous ne nassons pas des hommes faits: nous croissons insensiblrmnt de jour em jour, soit pour le corps, soit pour l'esprit; jusqu'à ce que nous parvenions à l'age viril, à avoir une raison développée, un jugement sain, un esprit forme, un discernement juste, etc.¹⁶

¹⁵ Grifos meus.

¹⁶ GRACIÁN, *L'Homme Universel*, p. 103. “Nós não nascemos homens feitos: nós crescemos insensivelmente a cada dia, seja no corpo, seja no espírito, até que nós chegamos a idade viril, a ter uma razão desenvolvida, um julgamento são, um espírito formado, um discernimento justo.”

A citação a seguir reúne, além do tema da passagem do tempo como essencial para se atingir a perfectabilidade, um aspecto que deve ser destacados: a comparação da vida com as frutas, pois além do recurso do retorno aos Antigos para exemplificar suas idéias, Gracián também faz uso constante de comparações entre os homens e as frutas, com as estações do ano e com o reino animal, principalmente no texto do *El Discreto*. As abelhas, o pavão e as moscas serviram a este propósito:

Lorsque le vin sort de la grappe, il a une douceur fade; et lorsqu' il n' est pas entièrement fait, il a une acreté rude; mais, quand il a suffisamment bouilli, il perd son goût douceâtre, il quitte son âpreté et prend enfin une force saoureuse qui l' égale au nectar, si le fonds en était excellent. Peinture de l' état de l' enfance, de l' état de la jeunesse, et de celui de l' homme fait.¹⁷

Em outro momento as frutas também servem de inspiração para o autor ilustrar os seus argumentos: “Les premiers fruits de la saison sont rarement d' un aussi bon goût que les autres (...).”¹⁸ e ainda:

Semblable à l' ingénieuse abeille qui démêle les fleurs propres à composer son miel, un homme qui a du goût remarque les faits, ou les traits spirituels et choisis que les maîtres de l' art sèment à propos dans la conversation...¹⁹

No texto de *A Arte da Prudência*, a metáfora com os animais se apresenta no aforismo CCLXXVI:

Saber renovar o gênio com a natureza e a arte: dizem que de sete anos muda-se de feição: que seja para melhorar e realçar o gosto. Nos primeiro sete anos entre a razão; que entre depois, a cada lustro, uma nova perfeição. Observe esta variedade natural para ajudá-la e esperar também dos outros a melhoria. Por isso foi que muitos mudaram de porte, ou em estado ou em emprego, e ‘as vezes ninguém o adverte até que se veja o excesso da mudança. Aos vinte anos é-se pavão; aos trinta leão; aos quarenta camelo; aos cinquenta serpente; aos sessenta cão; aos setenta, macaco; aos oitenta, nada.

¹⁷ GRACIÁN, *L' Homme Universel*, p. 106. “Quando o vinho sai diretamente da uva, ele possui um sabor esmaecido; e quando ele ainda não está completamente pronto, ele tem uma acidez rude; mas, quando ele ferveu suficientemente, ele perde seu sabor acre-doce, ele perde a sua acidez e adquire enfim uma força saborosa que o iguala ao néctar, se a matéria-prima é boa. Retrato do estado da infância, da juventude e do homem feito.”

¹⁸ GRACIÁN *Idem*, p. 92

¹⁹ GRACIÁN, *Ibidem*, p. 35 “Como a engenhosa abelha que identifica as flores próprias para compor seu mel, um homem que tem gosto nota os fatos ou os traços espirituais e escolhidos que o mestre da arte semeia a este respeito na conversa.”

Este aforismo nos permite destacar dois pontos: a metáfora, ou comparação/ associação entre as etapas da vida e os animais, que vínhamos trabalhando, e o gênio que foi desenvolvido no capítulo anterior e que mais adiante será retomado.

Neste ponto o argumento da tensão entre a natureza e o artifício é retomado, pois há uma aproximação entre elementos da natureza com o artifício, característica do Discreto. O artifício está sendo compreendido aqui como sendo resultado da interferência humana sobre a natureza, ou seja, as criações humanas. É diante da tensão entre as criações divinas e humanas vive o homem barroco, pois o artifício deve permitir ao Discreto realizar a produção artística da natureza, mas não de forma exagerada, uma vez que a afetação e a rusticidade devem ser evitadas. A rusticidade diferencia os nobres dos não-nobres, enquanto a afetação cria uma caricatura do homem cortês e por isso ambas devem ser evitadas.

Esta tensão apresentada – entre a natureza e o artifício - aparece em alguns momentos com mais clareza:

Natureza e arte, matéria e obra. não há beleza sem ajuda, nem perfeição que não dê em bárbara sem o realce do artifício; socorre o que é ruim e aperfeiçoa o que é bom. A natureza comumente nos deixa ao melhor: recorremos à arte. O melhor natural é inculto sem ela, e falta metade às perfeições se lhes falta a cultura. Todo homem sabe a tosco sem artifício, e é mister polir-se em toda ordem de perfeições.²⁰

Homem Universal. Composto de toda a perfeição, vale por muitos. Torna felicíssimo o viver, comunicando esta fruição aos próximos. Variedade com perfeição é entretenimento na vida. Grande arte é sabe fruir tudo o que é bom, e assim como a natureza fez do homem um compêndio de todas as excelências naturais, que a arte faça dele um universo, pelo exercício e a cultura do gosto e do entendimento.²¹

Sobre a afetação Gracián trata:

Homem sem afetação. Quanto mais qualidades, menos afetação, que costuma ser vulgar desdouro de todas elas. A afetação é tão enfadonha para os demais quanto penosa para quem a sustenta, porque vive mártir do cuidado e atormenta-se com a precisão. Com ela perdem méritos até as eminências, que se consideram nascidas mais da artificiosa violência que da livre natureza, e tudo o que é natural sempre foi mais grato do que o artificial. Os

²⁰ GRACIÁN, *A Arte da Prudência*, aforismo XII

²¹ GRACIÁN, *Idem*, aforismo XCII

afetados são tidos por estranhos ao que afetam. Quanto melhor se faz uma coisa mais se há de desmentir a indústria, para que vejam que a perfeição vem do natural. Tampouco para fugir à afetação se há de nela dar, afetando não afetar. Nunca o Discreto deve mostrar-se conhecedor de seus méritos, pois o próprio descuido desperta nos outros a atenção. É duas vezes eminente que encerra todas as perfeições em si e nenhuma em sua própria estima; e por esse caminho chega ao termo da aplausibilidade.²²

Outro tema que pode ser retomado, pois está associado a idéia de artifício, é o relacionado aos conceitos do gênio e o engenho (relacionado à invenção/imaginação). Para Gracián a inteligência (gênio) de um Discreto está diretamente relacionada à sua capacidade inventiva e de criação (engenho). O engenho, no entanto, deveria ser utilizado de forma prudente e por isso Gracián escreve um trabalho intitulado *A Arte da Prudência*. Ambos os conceitos aparecem nos textos selecionados como sendo necessariamente complementares e, portanto, não devemos analisá-los separadamente, pois assim perderiam a razão de existir.

Nos aforismos II e XXIV de *A Arte da Prudência*, Gracián trata:

Gênio e engenho. Os dois eixos da admiração dos dotes de um homem; um sem o outro, felicidade pelo meio. Não basta ser douto, deseja-se o genial. Infelicidade de néscio é errar na escolha do estado, do ofício, da região, dos amigos²³.

Temperar a imaginação. Uma vez corrigindo-a, outras vezes ajudando-a, que é tudo isso pela felicidade, e ainda ajusta a cordura. Dá em tirania: nem se contenta com a especulação, mas obra, e ainda costuma assenhorear-se da vida, fazendo-a alegre ou triste, segundo a nesciedade em que dá, porque cria descontentes ou satisfeitos de si mesmo. Para uns representa continuamente penas, feita verdugo interno dos néscios; a outros propõe felicidade e venturas com alegre presunção. De tudo isso é capaz, se não é freada pela prudentíssima sindérese²⁴ (discernimento).

Pela citação anterior é possível perceber que a noção de discernimento está diretamente relacionada ao *engenho* que o Discreto deve possuir. Ao refletir/discernir sobre a melhor maneira de se comportar numa determinada situação cabe ao engenho humano criar uma forma adequada para passar às pessoas ao redor a sua aparente total

²² GRACIÁN, *Op. Cit.*, aforismo CXXIII

²³ Estado neste aforismo está entendido como sinônimo de situação social.

²⁴ Aput em GRACIÁN, *A Arte da Prudência*, nota 10, pg 170. “sindérese: rel.: ‘Censura secreta feita consciência por algum crime cometido, que atormenta sem cessar’ (Dictionnaire de Trévoux, ed. De 1771), Faculdade natural do juízo moram, consciência moral do homem. Em espanhol, esse termo se tornou sinônimo de discernimento.”

adaptação à ocasião. Neste sentido, a escolha realizada pelo Discreto é de extrema importância uma vez que é baseada nela que seu engenho irá se desenvolver. Portanto, a escolha realizada pelo Discreto é fundamental, do seu sucesso depende sua adaptação no ambiente, que na sociedade de corte é fundamental. Gracián apresenta ao seu leitor esta importância da *ciência da escolha*:

La science du choix est essentielle dans toutes les conditions de la vie, toutes en ont besoin selon leur degré (...). C'est d'elle que dépend en chaque chose le bon, le meilleur, le parfait, l'excellent; (...)²⁵

la science de bon choix suppose nécessairement un fonds de bon goût avec lequel on soit né. (...) La science du choix suppose encore la connaissance parfaite des circonstances, qui font qu'une chose convient actuellement, ou ne convient pas. Un homme de bon choix considère attentivement tout ce qui enviore son objet: l'excellence ne le contente pas toute seule, il veut la voir accompagnée de la convenance (...)²⁶

O engenho aparece, ainda, no aforismo VII, como sendo o rei dos atributos, e como toda majestade não suporta ser ultrapassado ou lesado de maneira alguma.

Escusar vitórias sobre o padrão. Toda vitória é odiosa; sobre o dono, insana ou fatal. A superioridade sempre foi detestada, muito mais pela própria superioridade. O atento só o dissimular vantagens vulgares, como desmentir a beleza com o desalinho. É fácil achar quem queira ceder na ventura ou no gênio, mas no engenho ninguém, muito menos um soberano: esse é o rei dos atributos, e, assim, qualquer crime contra ele é de lesa-majestade. São soberanos e querem sê-los no que é mais. Os príncipes gostam de ser ajudados, mas não excedidos, e que o aviso tenha mais visto de lembrança do que foi esquecido que de luz do que não foi entendido. Bem nos ensinam essa sutileza os astros, que, ainda que filhos e brilhantes, nunca se atrevem a luzir como o sol.

A citação a seguir nos permite entender, pelas palavras do autor, a interação entre o gênio e o engenho.

Ter a arte de conversar, em que se mostra o que é. Em nenhum exercício humano se requer mais atenção, por ser o de mais usança no viver. Nisso está o perder ou ganhar, pois se é

²⁵ GRACIÁN, *L'Homme Universel*, p. 59 “A ciência da escolha é essencial em todas as condições da vida, todas precisam dela em diferentes graus (...). é dela que depende em cada coisa, o bom, o melhor, o perfeito, o excelente.”

²⁶ GRACIÁN, *idem*, p. 61/62 “a ciência da boa escolha supõe necessariamente uma essência de bom gosto com o qual se nasce. (...) A ciência da escolha supõe o conhecimento perfeito das circunstâncias, que fazem com que uma coisa seja ou não conveniente num determinado momento. Um homem de boa escolha considera atentamente tudo aquilo que está em torno do seu objetivo. A excelência sozinha não o contenta, ele quer vê-la acompanhada da conveniência.”

necessária a advertência para escrever uma carta, por ser conservação pensada e escrita, quanto mais na conversação comum, onde logo se faz o exame da discrição! É na língua que os experimentados tomam o pulso o pulso da alma, e por isso disse o sábio: ‘Fala, se queres que te conheça.’ Para alguns, a arte da conversação é falar sem arte, e o falar há de ser folgado como o vestir; entende-se isso entre amigos, mas, quando há respeito, a conversação deve ser mais substancial e indicar a muita substância da pessoa. Para ser aceita, há de ser ajustada ao gênio e ao engenho dos que dela participam; ninguém se há de mostrar censor de palavras, por será tido por gramático; muito menos fiscal das razões, porque todos se furtarão a seu trato e lhe vedarão a comunicação. A discrição no falar importam mais do que a eloquência.²⁷

O aforismo de número LVIII liga este argumento, da importância do engenho, ao seguinte. De modo que serve para ilustrar a relação entre os conceitos trabalhados pelo autor. A partir dele pode-se notar a relação existente entre o discernimento, o engenho e a etiqueta, qualidades que se mostram fundamentais para a vida na corte, uma vez que são elas que permitem a qualificação social, política e econômica de um determinado indivíduo e por isso são próprias do verdadeiro Discreto.

Saber temperar-se. Não se mostre igualmente douto com todos, nem empregue mais força do que as necessárias. Não haja desperdícios, nem de saber, nem de valer. O bom falcoeiro não joga para a presa mais ceva do que a necessária para dar-lhe caça. Não viva a ostentar-se, que em outro dia não causará admiração. É sempre mister ter novidades com que brilhar, pois quem a cada dia descobre mais, mantém sempre a expectativa, e nunca chegam a descobrir-lhe os términos do grande cabedal.

São esses conceitos, acima referidos, que caracterizam a vida na sociedade de corte, são a partir deles que se distingue as classes sociais na monarquia absoluta. A etiqueta, o engenho e o discernimento assinalam as diferenças entre nobres e plebeus, aqueles que dominam o artifício e aqueles que não.

Como trabalhado no capítulo anterior, a etiqueta possui uma importância significativa na sociedade espanhola do século XVII. Segundo Gracián é “infiniment plus glorieux d’observer une grande règle de conduire que de l’avoir débitée dans une célèbre academie.”²⁸ A regra de comportamento humano, ou seja, a etiqueta, abrangia diferentes aspectos, como o político e o social. No primeiro caso ela servia como um espaço de manobra de governo para o soberano, pois o valor atribuído à presença do rei e às

²⁷ GRACIÁN, *A Arte da Prudência*, aforismo CXLVIII, p. 98

²⁸ GRACIAN, *L’Homme Universel*, p. 145. “infinitamente mais glorioso observar uma grande regra de conduta do que tê-la debitada em uma célebre academia”

cerimônias criava uma certa disputa entre os nobres e uma possibilidade do soberano trabalhar estas disputas a seu favor. Contudo, já é sabido que nesta sociedade o espaço político e o social estão sempre juntos, não havendo a distinção que hoje entendemos. Deste modo, a etiqueta é explicada (e não definida como é ressaltado pelo próprio autor) na obra do *El Discreto*.

La manière en un mot est, comme le spécifique universel qui remédie à tout, le supplément universel qui remplace tout, le moyen universel que réussit à tout.²⁹

A etiqueta permite que Discreto possua o controle sobre suas paixões de modo a expressá-las na medida certa de cada ocasião, ou seja, que ele seja capaz de se auto-controlar. Na *A Arte da Prudência* a etiqueta e suas funções também são lembradas ao leitor.

Saber conter-se. É mister fazer grande caso dos acasos. São os ímpetos de paixão resvaladouros da cordura e aí está o risco de perder-se. Avança-se mais em um instante de furor ou de prazer que em muitas horas de indiferença. Corre-se às vezes um breve instante para corre-se depois toda a vida. A astuta intenção alheia traça essas tentações da prudência para descobrir o fundo ou a alma; vale-se de semelhantes arrancadores de segredos, que costumam sorver até a última gota os maiores caudais. Que a contra-ardileza seja conter-se, e ainda mais nos apressuramentos. É mister muita reflexão para que uma paixão não desboque, e cordo é quem lhe fica a cavalo. Vai com tento quem concebe o perigo. Parece tão leve a palavra a quem a lança quão pesada parece a quem a recebe e pondera.³⁰

Moderar-se no sentir. Cada um julga segundo sua conveniência e sobeja de razões em sua opinião. Na maioria, o ditame cede ao afeto. Acontece encontrarem-se dois em oposição, e cada um presume ter de seu lado a razão; mas ela, fiel, nunca soube ter duas caras. Proceda o sábio com reflexão em tão delicado assunto, e assim sua própria dúvida reformará a qualificação do proceder alheio. Ponha-se por vezes do outro lado; examine os motivos do adversário; com isso não o condenará nem se justificará com tanto deslumbre.³¹

Neste caso, era fundamental aqueles que fossem participar deste jogo, o autocontrole “(...) il n’est point permis de négliger la manière en quoi que ce soi.”³² Ciente desta útil faculdade Gracián escreve aos seus leitores:

²⁹ GRACIÁN, *L’Homme universel*, p. 149. “A maneira em uma palavra é, como o específico universal que remedia a tudo, o suplemento universal que substituiu tudo, o meio universal que é bem sucedido em tudo.”

³⁰ GRACIÁN, *A Arte da Prudência*, aforismo CCVII.

³¹ GRACIÁN, *Idem*, aforismo CCXCVI

³² GRACIÁN, *Ibidem*. P. 145. “não é permitido de negligenciar a maneira onde quer que seja.”

Nunca obrar apaixonado: tudo errará. Não obre por si, pois a paixão sempre desterra a razão. Faça-se substituir por um terceiro, que será prudente se desapaixonado. Sempre vê mais quem olha do que quem joga, porque não se apaixona. Em se sabendo alterado, que a cordura toque a retirada, para que o sangue não ferva e tudo torne sangrento, dando matéria num instante a muitos dias de opróbio seu e murmuração alheia.³³

Homem que não se apaixona, qualidade do mais elevado espírito: sua própria superioridade o redime da sujeição a impressões passageiras e vulgares. Não há maior domínio que o de si mesmo, de seus afetos, o que chaga a ser triunfo do arbítrio; e quando a paixão ocupar a alma, que não se atreva ao ofício, e tanto menos quanto mais for: civil modo de poupar desgostos e de cortar caminho para a reputação.³⁴

se conduire par humeur, c'est une doublé servitude, l'une de coeur et l'autre de l'esprit.³⁵

A paixão referida nos aforismos não está relacionada, necessariamente, ao sentimento do amor, é apenas uma forma de manifestar qualquer sentimento mais forte. Portanto, na realidade da sociedade de corte, é importante controlar-se para aparentar uma serenidade mesmo nos momentos de maior exaltação. O Discreto não pode permitir que o humor o guie, pois sua brusca variação seria fatal ao homem de corte. Se por uma razão estratégica o soberano conceder maior prestígio a um dos membros de sua corte, não significa que esta posição é eterna, pois a corte é muito volúvel, baseada na vontade do rei, que pode mudar a qualquer momento. Por causa disso é que segue o conselho:

Nunca se descompor: Grande matéria de cordura é nunca se desarvorar. Mostra ser homem de coração soberano, porque a magnanimidade dificilmente se comove. Paixões são humores do espírito, e qualquer excesso nelas causa indisposição de cordura; e, se o mal sobe à boca, periga a reputação. Seja, pois, tão senhor de si e tão grande, que nem na prosperidade nem na adversidade possa alguém censurá-lo por perturbado, mas sim admirá-lo por superior.³⁶

Enfin, la politesse, comme inséparable de l'ordre, suppose plus de fonds d'esprit qu'on ne pense peut-être; il en faut beaucoup, selon moi, pour donner à chaque chose et en tout genre une élégance bien placée.³⁷

³³ GRACIÁN, *Op. Cit.*, aforismo CCLXXXVII

³⁴ GRACIÁN, *A Arte da Prudência*, aforismo VIII

³⁵ GRACIÁN, *L'Homme Universel*, p. 87. "Comportar-se pelo humor, é uma dupla servidão, uma do coração e outra do espírito."

³⁶ GRACIÁN, *A Arte da Prudência*, aforismo LII

³⁷ GRACIÁN, *Idem*, p. 119/120. "Enfim a polidez, como inseparável da ordem supõe mais essência de espírito do que se acredita; é preciso muito desta essência, segundo eu, para dar a cada coisa e em todos os sentidos uma elegância bem colocada."

Em estreita relação a maneira pela qual Gracián trabalha as idéias de engenho e etiqueta, completa-se este quadro com a reflexão de alguns trechos onde o autor trata do tema do discernimento e do bem adaptar-se às situações. No aforismo LXXVII, entre outros, o autor espanhol deixa claro aos leitores a importância de se portar bem em todas às circunstâncias:

Saber acomodar-se a todos. Discreto Proteu: com o douto, douto; com o santo, santo. Grande a arte de todos ganhar, porque a semelhança granjeia benevolência. Observar os gênios e afinar-se ao de cada um; ao sério e ao jovial, seguir-lhes a corrente, fazendo política transformação, forçosa aos que dependem. Esta requer grande sutileza de viver um grande cabedal; menos dificultosa para o varão universal, de engenho em conhecimentos e de gênios em gostos.

Saber avaliar: não há ninguém que não possa ser mestre de outro em algo; nem não há quem exceda quem excede. Saber valer-se de cada um é útil saber; o sábio a todos estima porque reconhece o bom em cada um e sabe quanto custa fazer bem as coisas. O néscio a todos despreza por ignorância do bom e por eleição do pior.³⁸

Homem de plausível saber: É munição de discretos a erudição galante e de bom gosto; um prático saber de tudo o que é corrente; mais para o douto, menos para o vulgar; ter abundância de agudos ditos de espíritos, de feitos galantes, e saber empregá-los na ocasião oportuna. Pois às vezes foi melhor o efeito do aviso num chiste que no mais grave magistério. Saber conversar valeu mais a alguns do que todas as sete artes, ainda que tão liberais.³⁹

Viver segundo a ocasião. Governar, discorrer, tudo há de ser a propósito. Queira-se quando se pode, que a sação e o tempo não esperam ninguém. Não se dê a generalidades do viver, se não for em favor da virtude, nem imponha leis precisas ao querer, pois amanhã será preciso beber a água que hoje desprezada. Há os paradoxalmente impertinentes, para quem todas as circunstâncias do acerto devem ajustar-se à sua mania, e não ao contrário. mas o sábio sabe que o norte da prudência consiste em portar-se segundo a ocasião.⁴⁰

No *El Discreto* o discernimento é explicado de outra maneira, mesmo porque o estilo do texto é outro. Contudo, é importante chamar a atenção para a presença do tema em ambos os trabalhos, pois para Gracián o discernimento era a base sobre a qual todo o

³⁸ GRACIÁN, *A Arte da Prudência*, CXCV

³⁹ GRACIÁN, *Idem*, aforismo XXII

⁴⁰ GRACIÁN, *Ibidem*, aforismo CCLXXXVIII, p. 162

comportamento do homem de corte irá se montar. Uma boa capacidade de reflexão é, portanto, fundamental para este homem.

Avoir de la réflexion, c'est quelque chose d'essentiel au mérite supérieur que je loue ici: mais ce n'est pas tout que cela; puisqu'un esprit médiocre ne laisse pas quelquefois de réfléchir beaucoup. Ce que je demande donc, c'est une pénétration de jugement qui redige les choses à leur dernière analyse; et une justesse de critique qui les fixe au point précis de l'estime ou du mépris qui leur sont dus.⁴¹

As citações acima nos permitem perceber a importância do discernimento. Gracián continua explicando, no *El Discreto*, que um homem hábil não se deixa levar pelas aparências, que diante delas ele é capaz de julgar independentemente o homem que se encontra por trás.

A aplicação do discernimento, do engenho e da etiqueta pelo Discreto são maneiras de ser adaptar a uma determinada circunstância, e de representar algo que não é necessariamente real. Retorna-se, portanto, ao argumento da aparência e da realidade: ser e parecer nesta sociedade é a mesma coisa. Em *A Arte da Prudência*, o autor destaca, aforismo XIV:

A realidade e o modo. Não basta a substância, requer-se também a circunstância. Um mau modo tudo estraga, até a justiça e a razão. O bom tudo supre; doura o *não*, adoça a verdade e enfeita até a velhice. É grande o papel do *como* não coisas, e o bom jeito é o taful das coisas. O *bel* portar-se é a gala do viver, desmpeço singular de todo bom termo.

Já está exemplificado aqui o argumento que venho desenvolvendo ao longo do trabalho: Gracián escreve seus textos com um objetivo que se desdobra em duas faces, a preocupação de formar um verdadeiro Discreto, ajudando-o a viver na sociedade de corte e ao atingir este primeiro aspecto do seu objetivo, fatalmente irá atingir o segundo que é o de salvar a alma do Discreto, quando este morrer.

Este segundo aspecto, ligado ao religioso, é que será desenvolvido agora. Gracián estabelece uma ligação entre os ensinamentos que devem ser passados e os aspectos

⁴¹ GRACIÁN, *L'Homme Universel*, p 122 “Refletir é uma coisa essencial para o mérito superior que eu louvo aqui: mas não é somente isto; já que um espírito medíocre não deixa, algumas vezes, de refletir muito. O que eu peço então, é um aprofundamento de julgamento que reduza as coisas a sua última análise; e uma justeza de crítica que as fixe no ponto preciso da estima ou do desprezo que lhes são devidos.”

cristãos. Desse modo Gracián cita Santo Ignácio de Loyola, em *A Arte da Prudência*, na máxima CCLI:

Cumpre procurar os meios humanos como se não houvessem divinos, e os divinos como se não houvesse humanos: regra do grande mestre, a que não se há de acrescentar comentário

O levantamento de temas verdadeiramente cristãos e a menção de Deus aparecem em alguns momentos dos trabalhos, como por exemplo no aforismo CXXXVII:

Que o sábio baste a si mesmo. Ele era em todas as suas coisas, e, levando a si, levava tudo. Se um amigo universal basta para fazer Roma e todo o resto do universo, que cada um seja esse amigo de si mesmo, e poderá viver sozinho. Quem lhe poderá fazer falta, se não há maior conceito nem maior gosto do que o seu? Dependerá de si apenas, que é felicidade suprema semelhar a entidade suprema. Quem puder passar assim sozinho nada terá de bruto, mas muito de sábio e tudo de Deus.

Gracián acredita que o verdadeiro Discreto deve possuir uma grandeza da alma, ou seja generosidade, mas segundo ele “(...) le christianisme est fondement de la grandeur d’âme (...)”⁴². Deste modo, os ensinamentos de Cristo estão presentes constantemente no comportamento do homem de corte, que passa a ser entendido como sendo um homem universal. Em *A Arte da Prudência* existe uma relação entre os ensinamentos cristãos e os que Gracián quer passar ao seu leitor.

Entrar com a dos outros para sair com a sua. É estratagemma do conseguir; mesmo em assuntos do Céu os mestres cristãos encomendam esta santa astúcia. (...) ⁴³

Além disso, Gracián apresenta o termo “grande homem” como sinônimo de homem virtuoso “ce sont des qualités inséparables, dont l’une ne passera point avec honneur à la postérité sans l’autre”⁴⁴. A partir da citação se evidencia a relação entre o bom comportamento na sociedade e a salvação eterna: um depende do outro.

Deste modo, é possível notar que, inevitavelmente, um traz consigo o outro, pois o verdadeiro Discreto é um homem ético, de bem e que segue os ensinamentos e a moral

⁴² GRACIÁN, *Op. Cit*, p. 26 “o cristianismo é fundamentalmente a grandeza da alma”

⁴³ GRACIÁN, *A Arte da Prudência*, máxima CXLIV

⁴⁴ GRACIÁN, *Idem*, p. 100 “são qualidades inseparáveis, da qual não se passará com honra a posteridade sem a outra.”

cristã, a consequência deste comportamento durante a vida é a salvação da sua alma. No *El Discreto*, Gracián nos aponta esta proximidade entre o comportamento terreno e a salvação cristã, pois afirma:

(...) la philosophie morale, qui est la véritable nourriture de l'âme et qui la perfectionne dans toutes les vertus de l'honnête homme. (...) Toutes ces études sont terminées par la lecture continuelle des saintes lettres: c'est la lecture la plus utile, la plus consolante, la plus agréable même, par la sublimité et par la variété des choses dont les livres sacrés sont rempli⁴⁵

Gracián, está constantemente preocupado, em ambos os trabalhos, em chamar a atenção do Discreto sobre os aspectos negativos e perigosos de se ser considerado um néscio, ou até mesmo de prosseguir na nesciedade. A única forma de se evitar este mal, é preservando-se o bom gosto. Hansen, produz uma classificação para cada categoria no seu texto *A Sátira e o Engenho*, onde segundo ele:

(...) há dois tipos de destinatários codificados pela preceptiva retórica e dramatizada na formulação dos poemas satíricos, o *discreto* e o *néscio*. Apresentando as virtudes do cortesão e do perfeito cavaleiro cristão, o *discreto* distingue-se pelo engenho e pela prudência, que fazem dele um tipo agudo e racional, capacitado sempre para distinguir o melhor em todas as ocasiões. Quanto ao *néscio*, caracteriza-se pela falta de juízo, rústico e confuso. (...) a oposição é antes de tudo intelectual, tendo por núcleo o conceito de *juízo*, aristotelicamente definido.⁴⁶

Portanto, a diferenciação entre o Discreto e o *Néscio* acontece em termos intelectuais e podem ser (como muitas vezes o são) independentes da situação social de cada um. Não é necessariamente verdade que uma pessoa de nível social alto seja um Discreto, e o mesmo se passa com o contrário. A categoria intelectual é independente das esferas social e financeira.

Gracián, contudo, aconselha ao Discreto, a manipular esta distinção entre ele e o *néscio* através do uso do artifício, uma vez que ele contribui para a caracterização desta sociedade de corte e da distinção social que nela existe. No texto de *A Arte da Prudência*, isto aparece no aforismo CCXL.

⁴⁵ GRACIÁN, *Op. Cit.*, p. 163 “A filosofia moral, que é o verdadeiro alimento da alma e que a aperfeiçoa em todas as virtudes do *Discreto* (...) Todos os estudos são terminados pela leitura contínua das cartas sagradas: é a leitura mais útil, a mais consoladora, até mesmo mais agradável, pela sublimidade e pela variedade das coisas cujos os livros sagrados são cheios.”

⁴⁶ HANSEN. *A Sátira e o Engenho*. p.93.

saber usar da nesciedade. O maior sábio por vezes joga essa peça, e há ocasiões em que o melhor saber consiste em mostrar não saber. Não se deve ignorar, mas sim afetar que ignora. Como os néscios pouco importa ser sábio, e com os loucos cordo. A cada um convém falar em sua linguagem: não e' néscio quem afeta nesciedade, mas quem dela padece. A sincera o é, não a fingida, pois até aí chago o artifício. Para ser benquistado, o único meio é vestir a pele do mais simples dos brutos.

O artifício a ser usado pelo *Discreto* deve ser, como na concepção de Castiglione, encoberto. As outras pessoas não devem perceber aplicação dele, pois se o fizeram, seu uso não estará correto. No *El Discreto*, este argumento aparece: “L’ affectation ne peut jamais plaire.”⁴⁷

É possível compreender, então, o Discreto como um homem que deve sempre escolher o meio termo, deve agir com temperança e nunca com tendências extremistas. Deve conhecer “le juste tempérament, le point précis entre les deux extrémités.”⁴⁸ Portanto, o aforismo CCC de *A Arte da Prudência*, de certo modo, pode ser considerado um resumo das características positivas que devem compor o caráter do verdadeiro Discreto.

em uma palavra, santo, que é dizer tudo de uma vez. A virtude é o elo de todas as perfeições, centro das felicidades. Torna o sujeito prudente, atento, sagaz, cordo, sábio, valoroso, recatado, íntegro, feliz, aplausível, verdadeiro e universal herói. Três S fazem a felicidade: santo, sadio e sábio. A virtude é o sol do mundo menor e tem por hemisfério a boa consciência. É tão formosa que ganha as graças de Deus e das pessoas. Não há coisa que se deva amar como a virtude, nem abominar como o vício. A virtude é coisa deveras: tudo o demais, de mentira. A capacidade e a grandeza se medem pela virtude, não pela fortuna. Só ela basta a si mesma. Vivo o homem, tornando-o amorável; morto, memorável.⁴⁹

De acordo com o exposto, conclui-se que a utilização do artifício não deve ser feita de forma indiscriminada, mas com o objetivo de contribuir para o discernimento e para engenho do Discreto, para que, assim, ele possa se adaptar a cada circunstância.

Na versão francesa de *El Discreto* pode-se encontrar o capítulo XIII, *La réalité et la Montre*; trata-se de um apólogo, que tem como objetivo passar ao leitor uma lição moral,

⁴⁷ GRACIÁN, *L’Homme Universel*, p. 57. “a afetação não pode jamais agradar.”

⁴⁸ GRACIÁN, *idem*, p.17 “o justo temperamento, o ponto preciso entre duas extremidades.”

⁴⁹ GRACIÁN, *A Arte da Prudência*, p. 167.

mas apresenta diferentes aspectos tratados ao longo do texto, e desta forma pode ser considerada significativa e conclusiva.

Este apólogo nos permite retomar aspectos do trabalho de Starobinski⁵⁰, na medida em que há um caráter moralizante como os das fábulas, onde as idéias são transmitidas indiretamente ao leitor. Starobinski nos apresenta como as fábulas e histórias de assuntos mundanos podem ser utilizadas para passarem importantes valores para o homem da sociedade de corte e contribuir na formação da moral cristã. Segundo o autor, esta circulação de fábulas e textos clássicos era permitida pela Igreja e pelo poder político, pois não era considerada uma ameaça aos valores transmitidos por essas instituições. No caso religioso era, até mesmo, incentivada, porém sua utilização deveria ser monitorada e controlada pela Igreja católica.

Uma descrição resumida deste capítulo é importante. Após uma breve descrição sobre os olhos da inveja, Gracián trata de uma revolta entre os pássaros, que estavam inconformados com a grande beleza do pavão. Fazendo uso do artifício para esconder o ciúme, os pássaros acusaram o pavão de orgulho pela sua plumagem e tentavam, então, que ele não mais abrisse suas plumas na tentativa de eclipsar a beleza do pavão, pois o que não parece é quase como se não existisse. Uma comitiva de pássaros foi formada para levar oficialmente a queixa ao pavão. Este por sua vez os recebeu exibindo o brilho de suas plumas.

Os pássaros apresentaram suas queixas ao pavão, que foi interditado. Neste momento, o pavão iniciou um discurso sobre a beleza que a natureza lhe concedeu, quando terminou exibiu novamente sua cauda, o que provocou a ira dos pássaros invejosos, que atacaram o pavão e por causa do medo que ele sentiu ficou com a voz rouca. O leão, que estava nos arredores, interviu para terminar com a disputa. Para tanto apelou à raposa para ser o árbitro e resolver a questão com justiça, uma vez que é um animal muito sábio. Após uma breve reflexão sobre a aparência e a realidade e sobre o artifício e o exagero do mesmo, a raposa discursa sobre as qualidades do artifício bem utilizado, pois ele contribuiria ao gosto e ao discernimento.

Finalmente, a raposa iniciou seu veredicto. Segundo ela, proibir o pavão de exibir sua plumagem seria uma grande violência, seria como condená-lo a não mais respirar e

⁵⁰ STAROBINSKI, *Le Remède dans le mal*.

ainda, ele deixaria de parecer um pavão. Para acomodar todas as distintas opiniões, a raposa sugeriu que em todos os momentos que o pavão fosse exibir sua plumagem ele deveria, ao mesmo tempo, olhar a deformidade dos seus pés, e isso o impediria de ter vaidade. Diante desta declaração todos os pássaros aplaudiram. O pavão se submeteu a decisão e um dos pássaros foi encontrar Esopo, para que este acrescentasse este apólogo aos seus.

A partir do resumo exposto algumas indicações podem ser identificadas. A primeira delas é referente ao caráter engenho do texto, já que Gracián expõe ao seu leitor importantes aspectos da sociedade de corte através de uma analogia com os animais. Assim, Gracián faz uso de agudezas engenhosas para produzir uma terceira idéia, ou seja, o engenho do autor que é associado ao seu gênio: quanto mais criativa e engenhosa uma frase ou a metáfora, maior é a inteligência daquele que a produziu.

Além do gênio do autor, a comparação do mundo animal com a sociedade de corte do século XVII indica, também, a tensão vivida pelos homens do Barroco entre a natureza e o artifício. Sobre este equilíbrio Gracián escreve:

Il est assez difficile de paraître sans donner le moindre soupçon qu'on cherche à se distinguer. Que de ménagements à observer pour se faire connaître et ne blesser pas en même temps des rivaux, ou des esprits faibles! Ainsi que le corps doit s'abstenir de tout excès pour se conserver en santé, de même l'esprit doit s'abstenir de toute affectation pour se conserver en honneur; cette sorte de tempérance d'esprit noue est nécessaire aussi bien que celle du corps. Le mérite qui se répand trop est comme une tendre fleur à qui un souffle malin ne manque point de s'attacher et d'en tenir l'éclat.⁵¹

Tous les oiseaux conclurent donc d'un commun accord à diminuer au paon sa beauté, si l'on ne pouvait pas la lui ôter tout à fait. Ils usèrent pour cela d'artifice, et cachèrent leur jalousie sous un crime d'orgueil dont ils convinrent qu'ils accuseraient le paon.⁵²

⁵¹ GRACIÁN, *L'Homme Universel*, p. 83 “É bastante difícil de parecer sem dar perceber a menor suspeita que nós tentamos nos diferenciar. Quantos artificios se deve observar para se fazer conhecer sem ferir os rivais ou os espíritos fracos! Assim o corpo deve se abster de todo excesso para conservar-se em saúde, da mesma forma o espírito deve abster-se de toda afetação para conservar-se honrado; este tipo de equilíbrio de espírito nos é tão necessária quanto a do corpo. O mérito que se revela demais é como uma tenra flor a qual um sopro maligno atinge e empalhece o esplendor.”

⁵² GRACIÁN, *Idem*, p. 78 “Todos os pássaros concluíram então, de comum acordo, diminuir a beleza do pavão, já que não podiam retirá-la por completo. Eles, para isto, utilizavam-se de um artifício escondendo o seu ciúme sob um crime de orgulho do qual eles acusariam o pavão.”

O equilíbrio entre a natureza e o artifício é um aspecto importante para Gracián. A referência ao problema da afetação, ou desajuste nesta relação, aparece relacionado aos vulgares: L'ostentation est un défaut qui ne se recontre que dans le vulgaire⁵³ ou ainda:

les plus rares qualité perdent leur prix lorsqu'on veut trop les montrer. C'est comme se louer soi-même que d'en user ainsi, et se louer soi-même, c'est mériter le mépris des autres.⁵⁴

Ao tema do artifício associa-se a relação entre ser e parecer. O arbitro do conflito do apólogo, ou seja a raposa, reflete sobre esta questão e conclui que em muitos casos o parecer é mais importante do que o ser.

C'est une question, dit l'arbitre, c'est une question agitée par les plus habiles politiques: savoir si la réalité nous importe plus que la montre. Il est certain que très souvent de grandes choses en elle-mêmes ne paraissent presque rien, et que de petites choses, au contraire, paraissent beaucoup. De ce principe, je tire cette conclusion: **que très souvent la montre importe plus que la réalité**. La montre est comme le supplément propre à remplir un vide, et comme l'ornement et le lustre du solide. Elle ajoute du prix à tout ce qui frappe les sens, et encore plus aux qualités de l'esprit, **pourvu qu'elle soit réglée aux circonstances et aux personnes**. Alors, il ne sied que bien de montrer un talent que l'on a reçu; sontemps est venu pour paraître.⁵⁵

Il y a des gens qui sont fort estimé avec un mérite médiocre et qui passeraient pour des prodiges s'ils en avaient un degré de plus. C'est qu'il savent parfaitement **joindre la montre à la réalité**; les autres, au contraire, à qui **cet art** manque, perdent toujours une bonne partie de leur mérite. Oui, sans doute, et il faut l'avouer, que la montre est absolument nécessaire et donne aux chose, en quelques sorte, un second être. Car je suppose un mérite réel sur quoi la montre soit fondée, sans cela elle n'est plus qu'une vaine apparence dont le vulgaire peut.⁵⁶

⁵³ GRACIÁN, *Op. Cit*, P. 80 "A ostentação é um defeito que se encontra somente no vulgar."

⁵⁴ GRACIÁN, *Idem*, p. 78 "as mais raras qualidades perdem o seu valor quando se quer ostentá-las em excesso. É como elogiar-se a si mesmo e elogiar a si mesmo é merecer o desprezo dos outros."

⁵⁵ Grifos meus. Gracián, *L'Homme Universel*, p. 82 e 83 "É uma questão, disse o arbitro, é uma questão agitada pelos mais sábios políticos: saber se a realidade importa mais do que a aparência. É certo que muito frequentemente, grandes coisas em si mesmo pareçam quase nada e que pequenas coisas, ao contrário, pareçam muito. Deste princípio eu tiro esta conclusão: **que muito frequentemente a aparência importa mais do que a realidade**. A aparência é como o suplemento próprio para preencher um vazio e como ornamento e brilho do sólido. Ela valoriza tudo aquilo que atinge os sentidos e ainda mais as qualidades do espírito, ainda que ela seja adaptada às circunstâncias e às pessoas. Então, convém somente mostrar um talento que se recebeu, quando se apresenta o momento do mostrá-lo."

⁵⁶ GRACIÁN, *L'Homme Universel*, p. 83. "As pessoas que são muito estimadas com mérito mediocre e passariam por prodígios se eles tivessem um grau a mais. É que eles sabem perfeitamente **reunir a aparência à realidade**, os outros ao contrário, a quem **esta arte** falta, perdem sempre uma boa parte do seu mérito. Sim, provavelmente, e á preciso confessa-lo, que a aparência é absolutamente necessária e dá as coisas, de qualquer modo, um segundo ser. Pois eu suponho um mérito real sobre o qual a aparência esteja

A partir dos trechos e dos grifos selecionados, é possível notar que a aparência e o artifício estão relacionados um com o outro, pois saber parecer ser é mais importante do que a realidade, e esta adaptação entre aparência e realidade é um artifício produzido pelo homem cortês. Contudo, o artifício da aparência deve ser adaptado às circunstâncias e às pessoas presentes: neste ponto retomamos a importância do discernimento do Discreto.

Pour donner une idée avantageuse de nous, tantôt c'est assez de quelques paroles à propos, mais en apparence sans dessein, tantôt c'est assez de garder le silence d'une certaine façon et de dissimuler avec sagesse. Ces ménagements bien placés, loin de couvrir le mérite, en sont des marques sensibles à ceux dont il importe d'être connu; **je veux dire à ceux qui ont du discernement et du goût.** Certainement, il y a une grande finesse d'esprit à savoir ne montrer qu'à demi ses talents; moyennant cela, l'on a toujours du fonds pour paraître quand il faut; on croît toujours dans l'estime d'autrui, parce qu'on a mis en réserve de quoi la gagner de plus en plus; enfin, on nourrit toujours avec honneur l'attente de tout le monde accoutumé à ne nous voir jamais sans quelque ressource.⁵⁷

Portanto, o gosto e o discernimento são peculiaridades importantes do homem de corte, na concepção de Gracián. A adaptação às circunstâncias depende da capacidade de avaliação do Discreto, bem como do seu engenho e da utilização do artifício, pois ambos devem permitir a criação de um comportamento adequado. Além destes, etiqueta – ou autocontrole –, também é importante para a adequação perfeita do cortesão à sociedade.

Assim como as fábulas tratadas por Starobinski, o apólogo redigido por Gracián possui um determinado objetivo: transmitir ao leitor informações sobre o comportamento social na corte absolutista da Espanha do século XVII. De uma maneira prazerosa e ficcional, Gracián pode descrever diferentes aspectos da sua sociedade sem se tornar uma ameaça perigosa para a Igreja Católica.

Desta forma, o autor expõe as tensões vividas pelos homens do Barroco. Destaco uma tensão pouco evidente: a tensão entre o religioso e o profano, que não está descrita

fundada, sem isto ela não é mais do que uma vã aparência, cuja vulgaridade é somente engenhosa e da qual as pessoas esclarecidas deboçam.”

⁵⁷GRACIÁN, *L'Homme Universel*, p. 84 “Para dar uma idéia vantajosa de nós tanto é preciso dizer algumas palavras a propósito, mas em aparência sem objetivo, tanto é necessário guardar o silêncio de uma certa maneira e de dissimular com sabedoria. Esses artifícios bem colocados longe de esconder o mérito, são marcas sensíveis para aqueles quem importa conhecer, quero dizer, **aqueles que tem discernimento e gosto.** Certamente há um grande refinamento de espírito para saber mostrar somente a metade dos seus talentos; dosando isto, tem-se sempre essência para mostrar quando é necessário; cresce sempre na estima do outro, porque reservou-se com o que ganha-la cada vez mais; enfim nutrir-se sempre com honra a espera de todo o mundo acostumado a não nos ver nunca sem alguma reserva.” Grifos meus.

explicitamente neste apólogo. Gracián é um homem religioso que trata da sociedade em que vive, ou seja de temas terrenos, para tanto o autor faz uso de uma forma retórica específica: a fábula. Neste ponto reside a tensão, pois um jesuíta aborda assuntos terrenos através de uma forma retórica profana e por isso não é considerado um perigo aos olhos da Igreja. Outra tensão vivenciada pelos homens do Barroco e que pode ser visualizada mais claramente é a relação conflituosa entre a natureza e a arte/ artifício. Seja na passagem da razão natural para uma mais artificial, como destaca Argan, ou na racionalização das relações sociais através da etiqueta, do engenho e do discernimento. A tensão entre natureza e arte também se reflete no equilíbrio do artifício e da rusticidade do Discreto, pois a natureza deste deve ser aperfeiçoada pela arte, mas esta não deve ser aplicada demasiadamente, já que provocaria a afetação; a temperança é a melhor escolha.

Esta tensão entre arte e natureza é desenvolvida por Beaussant⁵⁸, que propõe uma analogia entre a ópera a sociedade cortesã: em ambas os movimento deveriam ser pensados e racionalizados, de forma que ao movimento natural o homem barroco introduz o artifício e a sua racionalidade. A teatralização da corte, também, é uma expressão desta tensão entre arte e natureza, pois a relação social passa a se submeter à racionalização do homem. A representação da corte nos remete a outra tensão: entre o ser e o parecer.

Portanto, a partir deste apólogo, Gracián descreve ao seu leitor a sociedade e o homem barroco, ambos marcados por muitas tensões. Contudo, ao mesmo tempo, propõe uma solução para este problema, pois indica a temperança na utilização do artifício, do engenho e do discernimento.

⁵⁸ BEAUSSANT, *Versalles, Opéra*.

5

Considerações Finais

A apresentação da sociedade espanhola e do *Discreto* concretizada por Baltasar Gracián nos dois textos selecionados, nos permite perceber a riqueza dos documentos, e através deles é possível conhecer diferentes nuances de um mesmo período e de uma mesma sociedade. A leitura de grandes autores como Elias - no tema da sociedade de corte -, de Argan - sobre o Barroco - e de Maravall - que trabalha com a Espanha de forma mais detalhada- foram fundamentais para contribuir na leitura dos documentos históricos, mas não podem e não devem substituí-los. A experiência proporcionada pelo questionamento do documento, pela procura de respostas às questões elaboradas, permitem um relacionamento profundo com o tema estudado.

Encontrar nos textos do autor espanhol, influências religiosas nos assuntos políticos e sociais foi uma tarefa interessante e enriquecedora, pois permitiu compreender a realidade da Espanha do século XVII, além do ideal do *Discreto*, na concepção de Gracián.

Cabe, aqui retomar alguns pontos deste trabalho para formar um panorama geral desta sociedade e das pessoas que a compunham. O primeiro apontamento está relacionado à retórica utilizada pelo autor para expressar um argumento, pois é ela que permite confrontar idéias e conceitos para formar o ideal a ser seguido pelo *Discreto*. É pela retórica que se manifesta a complexidade entre a imagem e o conceito, forte característica do conceptismo, que é ao mesmo tempo um exercício filosófico como literário. Há de um lado o esforço do autor em produzir sentenças e conceitos engenhosos para expressar uma idéia que não está explícita, ao mesmo tempo o leitor deve possuir mecanismos suficientes para identificar a idéia ‘escondida’ pelas palavras. Portanto, Gracián espera de seus leitores uma qualidade específica para a compreensão de seu texto, já que as idéias e os argumentos não eram passados de forma direta, mas eram elaborados por ornamentos literários.

Esta capacidade de desenvolvimento retórico era, ainda, uma forma de perceber a aptidão intelectual do artista que a produzia, por isso o pragmatismo do autor, de passar uma idéia ao leitor, é deixado de lado para se exaltar a ornamentação do texto.

Desta maneira, o gênio estava diretamente relacionado ao engenho do autor, ou seja, a inteligência era baseada na capacidade inventiva. O engenho representa, portanto, o artifício no âmbito da atividade literária, pois a criatividade é uma forma de intervenção do homem sobre a natureza. Se o objetivo de qualquer autor é passar um argumento ao seu leitor a criatividade de ornamentação é um refinamento desta natureza. Esta era, então, o papel do artifício: um aprimoramento do que é natural.

Deste modo, o homem barroco é caracterizado por uma tensão constante entre os aspectos naturais e os artificiosos. Contudo, a perfeita aplicação do artifício é necessária ao *Discreto*, pois caso contrário ele pode ser considerado um homem rústico ou sofrer de afetação, porém em ambos os casos ele não estará agindo conforme o ideal cortês. Portanto, a tensão pode ser apresentada pela dependência do *Discreto* ao uso do artifício, mas ao mesmo tempo ele não pode apenas utiliza-lo e deixar a natureza de lado. A temperança na aplicação de ambos é fundamental para a sua representação na corte.

Gracián, acredita que o homem não nasce pronto, exatamente porque apenas o natural não é suficiente para o *Discreto* viver em sociedade. É preciso, também, uma dose de arte, e esta só é adquirida pela educação: ao longo da vida. Diante disso, fica claro a necessidade do autor de esclarecer este ponto ao seu leitor através de comparação com frutas e com o reino animal, demonstrando que como as frutas, os homens amadurecem com o transcorrer do tempo.

Mas uma vez retorna-se à tensão entre o natural e o artifício, pois as frutas amadurecessem sem qualquer interferência humana, apenas com o passar do tempo. Com os homens o mesmo não pode ser afirmado, pois para atingir um grau de maturidade é necessário ao homem a educação, pois é a partir dela que ele irá aprender a utilização do artifício, para aprimorar sua natureza.

Em estreita proximidade entre esta tensão acima referida está a relação entre o ser e o parecer, nesta sociedade. Se, como já foi afirmado anteriormente, a corte é entendida como um teatro, ou como uma ilusão, então o papel de cada um que a compõe deve ser expressado diante dos demais, com muita perfeição. A necessidade do parecer é maior

que a do ser, pois o parecer permite que cada membro da sociedade identifique a sua posição social. Aqui se insere outra tensão, mas que ao mesmo tempo está articulada à tensão entre o natural e o artifício, pois podemos associar o natural ao ser e o artifício ao parecer. O ser é algo natural, cada homem nasce com suas características, mas o parecer requer uma racionalização das atitudes para passar uma mensagem aos outros, que nem sempre coincide com a real. Neste ponto se insere o tema da razão natural e da razão artificial que rege a sociedade espanhola do século XVII.

Durante o Barroco, a sociedade de corte e suas relações eram baseadas numa razão artificial figurada pela etiqueta. A etiqueta servia ao monarca como uma manobra de governo, pois o possibilitava criar uma disputa entre os nobres pela possibilidade de sua presença, uma vez que as pessoas de maior prestígio social eram exatamente aqueles que poderiam desfrutar da presença real. Contudo, cabia ao monarca selecionar aqueles homens que teriam o privilégio de sua companhia, e desta forma o rei cria uma manobra de governo, pois surge uma competição constante entre os próprios nobres e entre os nobres e a burguesia. Além disso, a etiqueta possibilitava ao cortesão, que desejava a presenciar a figura do monarca, um auto-controle de suas emoções. A etiqueta revelava a colietividade, o prestígio de cada nobre que participava das cerimônias reais, determinando o lugar de cada pessoa nesta sociedade. Permitia aos homens um auto-controle maior, bem como a racionalização de suas atitudes e de suas emoções, o que, por sua vez, possibilitou a criação de regras para a conduta social e para a competitividade entre os nobres. É competência do monarca a manipulação destes antagonismos e da competição para reinar de maneira absoluta.

Diante de tantas tensões, o equilíbrio parece ser a melhor solução: ao rei a perfeita moderação das forças contrárias permitiria o exercício de sua função com tranquilidade e ao *Discreto* a boa proporção entre o artifício e a natureza o possibilitaria alcançar o mais elevado grau de auto- controle e discernimento.

O discernimento está relacionado ao engenho, ao artifício e a etiqueta, pois é ele que permite ao *Discreto* uma avaliação racional de cada circunstância, para poder se adaptar. A ponderação sobre diversas situações requer uma aplicação da razão artificial do homem, pois só assim é possível compreendê-las. A partir desta avaliação racional, o engenho humano irá possibilitar ao cortesão criar a melhor atitude para cada

circunstância. Por isso Gracián chama a atenção de seu leitor, que o *Discreto* deve se comportar de acordo com as pessoas que o circulam e como cada situação exige, não adianta se dirigir a néscios de uma maneira que ele não vão compreender, é necessário adaptar as atitudes as diversas realidades que a vida pode oferecer e para isso o artifício é necessário.

Diante da leitura dos textos de Gracián, de sua constante preocupação em guiar os passos do *Discreto* para a melhor maneira de se comportar na sociedade de corte, sem deixar de lado a moralidade cristã, é que se formou a compreensão da corte absolutista espanhola. As diferentes formas retóricas utilizadas pelo autor para expressar seus argumentos caracterizam as formas de pensamento vigente no século XVII. A necessidade de ornamentação engenhosa, aforismos e a utilização de apólogos nos permitem refletir sobre algumas peculiaridades do autor. Gracián é um jesuíta, mas não escreve tratados religiosos, ao contrario seus textos possuem um caráter social e político, ainda que moralizante. Apesar de possuírem um modo terreno, seus trabalhos são aprovados pelos superiores religiosos de Gracián. Chama-se atenção, portanto, a outra tensão presente nas obras e na vida do autor: religião e os assuntos terrenos. Diante deste aspecto é que se pode afirmar que Gracián possuía um objetivo desdobrado em duas faces: guiar os atos dos homens na sociedade de corte em concordância aos ensinamentos religiosos.

Portanto, o homem barroco sofre por constantes tensões em sua vida, sejam elas entre o ser e o parecer, entre a natureza e o artifício, ou entre a religião e o mundo. Este caráter angustiante é uma peculiaridade do homem dividido, que busca um meio-termo para solucionar as tensões por ele vividas. É isso que Gracián procura concretizar em seus textos, sua tentativa é de lidar da melhor forma possível com as tensões existentes, que são as características do Barroco e da sociedade de corte.

Acredito, que esta pesquisa tenha um caráter ensaístico, pois a leitura de apenas dois textos de Gracián nos permite conhecer, apenas, parte da sociedade espanhola do século XVII, muitas nuances não aparecem nesta dissertação. O trabalho do *El Discreto* necessita, ainda, de maior desmembramento, cada um dos capítulos e as diversas formas retóricas utilizadas por Gracián trazem muitas informações importantes. Minha intenção,

no terceiro capítulo, ao propor uma reflexão concentrada no apólogo *La réalité et la montre*, XIII capítulo de *L'Homme Universel*, foi iniciar este projeto.

A utilização de um apólogo deve ser destacada, pois é nas fábulas de cunho profano e de divertimento que se encontra uma abertura para tratar dos mais diversos temas sem ser considerado uma ameaça à Igreja católica contra-reformada ou a monarquia absolutista de Filipe IV. Neste ponto, a tensão entre o ser e o parecer é retomada, pois ainda que se trate de temas importantes, as fábulas devem parecer não contestar a verdade religiosa, devem parecer ser apenas ficção preocupada com a graça e com a ornamentação. A própria Igreja se aproveita desta tensão, na medida em que cristianiza textos pagãos para passar aos leitores fundamentos religiosos: parecem pagãos, mas possuem ensinamentos cristãos. Gracián também segue este caminho no apólogo citado, pois de sua leitura conclui-se um ensinamento moral, sobre a afetação – uso indiscriminado do artifício-, sobre a tensão entre ser e parecer, entre natureza e arte e retórica, além de outros aspectos da sociedade de corte espanhola, mas o leitor que o consultar despretensiosamente encontrará apenas uma fábula sobre uma disputa entre o pavão e os outros pássaros.

Finalmente, considero ser interessante realizar uma comparação entre os manuais de comportamento espanhóis e franceses, bem como um estudo mais aprofundado sobre a apropriação dos textos de Gracián na corte do Rei Sol. Contudo, estes são temas para o desenvolvimento de uma próxima pesquisa.

6

Referências bibliográficas

- ÄCKER, T. **The Baroque Vortex**. New York: Peter Lang Publishing, 2000.
- ARGAN, G. C. **Imagem e persuasão: ensaios sobre o barroco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- AYALA, J. **Pensadores Aragoneses: historia de las ideas filosóficas en Aragón**. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, 2000. (Versão eletrônica em formato PDF de Acrobat www.dpz.es/ifc/libros/libros.htm)
- BEAUSSANT, P. **Verailles, Opéra**. Paris: Gallimard, 1981.
- BENNASSAR, B. **L’Inquisition Espagnole**. Paris: Hachette, 1979.
- BURKE, P. **A Fabricação do Rei**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994
- BORQUE, J. M. D. **Teatro y Fiesta en el Barroco**. Sevilha: Ediciones del Serbal, 1986.
- CASTIGLIONE, B. **O Cortesão**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CAVALCANTE, B. (Org.) **Modernas tradições: percursos da cultura ocidental (séculos XV-XVII)**. Rio de Janeiro: ACESS, 2002.
- ECO, U. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ELIAS, N. **O Processo Civilizador, Volume II**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- _____. **A Sociedade de Corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ELLIOTT, J. **Imperial Spain**. Middlesex: Penguin Books, 1970.
- FUMAROLI, M. **Histoire de la rhétorique dans l’Europe moderne. 1450- 1950**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- HANSEN, J. A. **A Sátira e o Engenho**. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

HAUSER, A. **História Social da Arte e da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HATZFELD, H. **Estudos sobre o Barroco**. São Paulo: Perspectiva e Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.

HAZARD, P. **La Crise de la Conscience Européenne**. Paris: Ed. Boevin, 1935.

HOLANDA, S. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GRACIÁN, B. **A Arte da Prudência** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **L'Homme Universel**. Paris: Éditions Gérard Lebovici, 1991.
(versão eletrônica disponível em:
<http://visualiseur.bnf.fr/Visualiseur?Destination=galica&O=NUMM-734>)

NOVAES, A. (Org.). **Libertinos Libertários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MARAVALL, J. A. **A cultura do Barroco**. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. **Antiguos y Modernos**. Madrid: Alianza, 1986.

_____. **Estado Moderno y Mentalidade Social**. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

_____. **Estudo da Historia del Pensamiento Español**, Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1984.

PINA M. C; EGIDO, A. (coords.), **Baltasar Gracián: Estados de las cuestión y nuevas perspectivas**. Ed. IFC, Gobierno de Aragón, 2001. (Versão eletrônica www.dpz.es/ifc/libros/libros.htm)

QUIÑONES J. **Conceptismo y agudeza: Max Aub en la tradición aforística**. Artigo do Congresso Internacional de centenário “Max Aub, Testigo Del Siglo XX” Valencia , abril de 2003

RIBEIRO, R. J. **A etiqueta no Antigo regime: do sangue à doce vida**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

STAROBINSKI, J. **Le remède dans le mal**. Paris: Gallimard, 1991.

7 Apêndice

La réalité et la Montre

L'envie a d'étranges yeux: elle découvre de si loin les choses, qu'elle semble plutôt les pressentir que les apercevoir; elle voudrait ne pas autant voir qu'elle voit, néanmoins son penchant l'entraîne à voir même ce qui n'est pas. Bien qu'elle ait les yeux si perçant, ils ne sont guère sans nuages et le paradoxe est que ces nuages ne servent qu'à la rendre plus clarvivante. C'est avec de tels yeux que les oiseaux regardèrent un jour le paon, les délices de Junon et la merveille de leur espèce. Ils le virent briller d'autant de rayons qu'il étale de diverses nuances: des regards ils passèrent à l'admiration et de l'admiration à une fureur jalouse. Car, c'est ainsi que l'on tombe dans la besesse de l'envie, lorsqu'on ne saurait aspirer à la noblesse de l'émulation.

La coneille, comme la plus difforme de la gent volatile, depuis qu'elle avait été honteusement plumée, fut plus irritée de la beauté du paon; elle s'en alla à tout les oiseaux, aux aigles, aux cygnes, aux éperviers, sans oublier les chouettes et les hoboux, pour les engager à une ligue commune contre l'oiseau de Junon. Elle commençait toujours sa harangue par des louanges feintes, qui servaient de préludes à une piquante satire. Le paon est beau, disait-elle, il est joli, il est mignon. Mais il n'est plus rien de tout cela parce qu'il affecte de le paraître; les plus rares qualités perdent leur prix lorsqu'on veut trop les montrer. C'est comme se louer soi-même que d'en user ainsi, et se louer soi-même, c'est mériter le mépris des autres.

Le cygne de Bilbilis ne parla pas, il chanta, et ses accents roulèrent tous sur l'orgueil qui est le vice le plus insupportable et le moins pardonné. Si l'aigle majestueux, ajoutait-il, voulait faire montre de son plumage pompeux, il est aussi sûr qu'il s'attirerait nos regards qu'il est sûr qu'il soutient ceux de l'astre du jour. Mais le phénix même, la

merveille de l'univers, appréhende cette vanité qu'il revoie au goût dépravé du vulgaire: et plus il abhorre l'ostentations, plus la véritable gloire lui reste dans sa solitude.

Le cygne chanta longtemps sur le même ton, parce que ceux qui, comme lui, se plaisent le plus à se taire, ne sauraient finir quand ils ont une fois interrompu leur silence. Le cygne donc réussit à exciter l'envie dans tous les esprits et encore plus dans les faibles que tout blesse et ulcère aisément. Car, l'envie trouve toujours à quoi s'attacher pour en fait sa proie, ou d'une manière ou d'une autre. Le mal, le bien, le faux, le vrai, le chimérique, le réel, elle saisit également tout cela; c'est-à-dire, le mauvais pour s'en réjouir et le rendre pire, le bon pour l'empoisonner et pour en nourrir son fiel. Passion bizarre qui fait de la félicité d'autrui et son aliment et son supplice tout ensemble!

Tous les oiseaux conclurent donc d'un commun accord à diminuer au paon sa beauté, si l'on ne pouvait pas la lui ôter tout à fait. Ils usèrent pour cela d'artifice, et cachèrent leur jalousie sous un crime d'orgueil dont ils convinrent qu'ils accuseraient le paon. Si nous obtenons, dit la pie, que ce bel oiseau de junon ne développe plus le superbe étalage de ses plumes, nous faisons éclipser sa beauté. Ce qui ne paraît pas, reprit un oiseau de proie, est à peu près comme s'il n'était point.

Le savoir n'est rien, ajoutèrent quelques autres plus habiles et plus spirituels, le savoir n'est rien, si l'on ignore que nous savons. Les choses ne s'apparécissent point d'ordinaire par ce qu'elles sont, mais par ce qu'elles semblent être. Les nobles des sots passe infiniment celui des sages; les premiers ne regardent que la surface et pour les autres, bien qu'il pénètrent le fonds, l'innuon presque générale prévaut sur leurs propres lumières et les entraîne quelquefois, malgré eux, avec le torrent.

Après ces réflexions inspirées par l'envie si ingénieuse à mal faire, la République ailée envoya signifier sa plainte au paon. Le corbeau, la corneille, la pie et autres oiseaux acariâtres se chargèrent de la commission: l'aigle l'avait refusée comme indigne de la noblesse, le phénix comme opposée à sa modestie, la colombe comme contraire à la candeur. Quoi qu'il en soit, les commissaires partirent et gagnèrent en peu de temps le palais de la Richesse, où devait être l'oiseau de Junon. A leur arrivée, le premier objet qui les frappa, ce fut un perroquet de haut parage perché sur un balcon. Le perroquet leur dit, sans qu'ils se donnassent la peine de le questionner, tout ce qu'il savait, c'était aussi tout ce qu'ils voulaient savoir. Dès qu'ils eurent appris où était le paon, ils prièrent un singe,

ancien domestique du palais, de vouloir bien le annoncer; ce que le singe fit de la meilleure grâce du monde. Son annonce plut au paon qui regarda cette aventure comme une belle occasion pour lui de paraître. Il reçut la visite des oiseaux ses confrères dans une vaste cour, théâtre de sa gloire, où il se disputait alors par le brillant de son plumage à l'éclat des rayons du soleil.

Mais, quelque beau que fût le spectacle qu'offrait le paon, il ne lui réussit pas pour cette fois. Les plus excellentes choses dépendent beaucoup des circonstances où on les place, et de ceux qui en sont témoins. Le regard de l'envie est un poison qui infecte tout: c'est le regard meurtrier du basilic. Les oiseaux, plus jaloux et plus irrités que jamais de la beauté du paon qui semblait les insulter, la lui décrièrent à lui-même avec aigreur. Sais- tu, ô le plus vain et le plus imbécile des oiseaux, sais- tu ce qui nous amène ici, de la part de Sénat volatile? C'est pour t'avertir que nous sommes tous fort scandalisés de ta fastueuse chamarrure – ainsi dit- on l'attrail bigarré de ton plumage. Quelle orgueilleuse singularité que, seul entre les oiseaux, tu déploies de la sorte tes plumes, quoique une infinité d'autres pussent le faire avec plus d'honneur! Ni le heron n'affecte de faire voltiger ses aigrettes à la faveur des zephyrs, ni l'autruche n'affecte de faire briller son panache. On t'ordonne donc resserrer ton plumage pour ne te plus singulariser. Cet ordre regarde ton propre intérêt: car, si tu avais un peu moins de brillant et plus de solide, tu aurais compris qu'en t'efforçant pour paraître beau, tu fais une grimace qui te défigure. L'ostentation est un défaut qui ne se rencontre que dans le vulgaire: elle naît d'une sottise vanité, laquelle naît à son tour d'une petitesse d'esprit, elle ne sert qu'à nous faire mépriser des gens raisonnables qui ne la peuvent souffrir. La modestie et la retenue mettent le mérite en sûreté; c'est exposer le mérite que d'en faire parade: la réalité se suffit à elle-même, sans le secours du spectacle. En un mot, tu es le symbole des richesses; et ce n'est point être sage, c'est être imprudent, que de les découvrir.

A cette piquante moralité, l'oiseau de Junon demeura interdit. Néanmoins, après quelques moments de trouble et de rêverie, il s'écria: O louange, tu ne nous viens guère que de la part des étrangers! O mépris, tu nous viens toujours de la part de nous proches! Quoi? Tandis que la beauté simple et naturelle de mon plumage m'attire les éloges des humains, je me verrais en proie à la langue inquiète et médisante des corneilles et des pies? Pourquoi ne condamner en moi que la montre et non point la beauté? Le ciel qui

m'accorde l'une, me défend-il l'autre? La sagesse est de savoir paraître à propos. Savoir et savoir montrer ce que l'on sait, c'est, ce me semble, être doublement habile: un peu de dehors vaut quelquefois mieux que le plus solide fonds qui est caché. A quoi serviraient les merveilles de la nature si elles étaient condamnées à une éternelle obscurité? Si le soleil était toujours éclipsé par d'épaisses ténèbres? Si l'or demeurait toujours dans le sein de la terre? Si les pierres précieuses restaient toujours au fond de la mer?

Le paon eut à peine achevé de prononcer ces dernières paroles qu'il recommença d'étaler majestueusement toute la beauté de son plumage. Ce fut, pur lors, que l'envie frémit de rage et éclata hautement. Cette action du paon fut regardée par les oiseaux comme une insulte faite à leurs remontrances. Ils fondirent tous au même moment sur lui, les uns se jettant à ses yeux pour les lui crever, les autres se lançant sur son plumage pour lui arracher jusqu'à la dernière plume. Enfin, le paon ne se trouva jamais dans un plus pressant danger. Il en fut si glacé d'effroi qu'il lui en resta depuis cet enrouement de voix qui le distingue aujourd'hui des autres oiseaux. Cependant, il songea à sa sûreté et n'en vit point d'autre moyen que celui que prend, en pareil cas, le plus faible, qui est de crier de toutes ses forces, appelant le ciel et la terre à son secours. Ses ennemis criaient aussi de leur côté sur le même ton, afin qu'il ne fût point entendu. Ce fracas avertit et rassembla quantité d'oiseaux et d'autres animaux répandus dans les lieux d'alentour. Un Lion, un tigre, un ours et deux singes, domestiques du palais de la Richesse, vinrent à l'aide de leur commensal, dont ils avaient démêlé la voix parmi les autres. Aux cris des corbeaux et des pies, accoururent du milieu des champs un loup et un renard, croyant qu'il s'agissait de la déconfiture de quelque cadavre; un aigle même, qui avait peut-être manqué sa proie, vint grossir l'assemblée, lorsqu'on l'y attendait le moins.

Alors, le lion interposant son autorité pour apaiser la querelle, et déclara qu'il se ferait un plaisir de la voir terminer au contentement des parties, enjoignant, à l'une la retenue et à l'autre le silence. Il avait déjà reconnu, par quelques mots échappés à l'envie, que c'était elle qui avait tort et qui couvrait une action basse de beau prétexte de la vertu. Néanmoins, il proposa de remettre à un tiers l'examen du différend, et ce tiers fut le renard, personne sage et avisée. On accepta de part et d'autre l'arbitre, avec serment qu'on s'en tiendrait à ce qu'il aurait arrêté. Le renard employa toutes les subtilités dont il est

capable pour complaire à tout, pour flatter le lion sans offenser l'aigle, et pour rendre la justice sans se brouiller avec qui que ce soit.

C'est une question, dit l'arbitre, c'est une question agitée par les plus habiles politiques: savoir si la réalité nous importe plus que la montre. Il est certain que très souvent de grandes choses en elle-mêmes ne paraissent presque rien, et que de petites choses, au contraire, paraissent beaucoup. De ce principe, je tire cette conclusion: que très souvent la montre importe plus que la réalité. La montre est comme le supplément propre à remplir un vide, et comme l'ornement et le lustre du solide. Elle ajoute du prix à tout ce qui frappe les sens, et encore plus aux qualités de l'esprit, pourvu qu'elle soit réglée aux circonstances et aux personnes. Alors, il ne sied que bien de montrer un talent que l'on a reçu; sontemps est venu pour paraître.

Il y a des gens qui sont fort estimé avec un mérite médiocre et qui passeraient pour des prodiges s'ils en avaient un degré de plus. C'est qu'il savent parfaitement joindre la montre à la réalité; les autres, au contraire, à qui cet art manque, perdent toujours une bonne partie de leur mérite. Oui, sans doute, et il faut l'avouer, que la montre est absolument nécessaire et donne aux choses, en quelques sorte, un second être. Car je suppose un mérite réel sur quoi la montre soit fondée, sans cela elle n'est plus qu'une vaine apparence dont le vulgaire peut. Seul être la dupe et dont les gens éclairés se moquent. Par exemple, quelques-uns ont une violente passion de signaler leur savoir; et que leur arrive-t-il? C'est de mettre plus en jour leur ignorance, de la publier eux-mêmes, comme à son de trompe, et de se couvrir d'une opprobre que l'obscurité leur eût sauvé.

Au reste, rien ne doit moins être affecté que la montre, parce que rien ne ressemble davantage à la vanité. Il est assez difficile de paraître sans donner le moindre soupçon qu'on cherche à se distinguer. Que de ménagements à observer pour se faire connaître et ne blesser pas en même temps des rivaux, ou des esprits faibles! Ainsi que le corps doit s'abstenir de tout excès pour se conserver en santé, de même l'esprit doit s'abstenir de toute affectation pour se conserver en honneur; cette sorte de tempérance d'esprit nous est nécessaire aussi bien que celle du corps. Le mérite qui se répand trop est comme une tendre fleur à qui un souffle malin ne manque point de s'attacher et d'en tenir l'éclat.

Pour donner une idée avantageuse de nous, tantôt c'est assez de quelques paroles à propos, mais en apparence sans dessein, tantôt c'est assez de garder le silence d'une

certaine façon et de dissimuler avec sagesse. Ces ménagements bien placés, loin de couvrir le mérite, ee sont des marques sensibles à ceux dont il importe d'être connu; je veux dire à ceux qui ont du discernement et du goût. Certainement, il ya une grande finesse d'esprit à savoir ne montre qu'à demi ses talents; moyennant cela, l'on a toujours du fonds pour paraître quand il faut; on croît toujours dans l'estime d'autrui, parce qu'on a mis en reserve de quoi la gagner de plus en plus; enfin, on nourrit toujours avec honneur l'attente de tout le monde accoutumé à ne nous voir jamais sans quelque ressource.

Je viens maintenant à l'espèce d'aujourd'hui. Je dis, et c'est ma pensée, que ce serait faire au paon une violence inouïe que de lui laisser sa beauté, comme la justice le demande, et de lui en défendre néanmoins l'étalage, comme la reconnaissance envers la nature l'y oblige. D'ailleurs, inutilment le condamnerait-on à ne déployer jamais son plumage, ce serait comme le condamner à ne plus respirer l'air: il lui est aussi peu possible de ne paraître point que de n' être pas paon.

Voici donc l'unique, et en même temps l'efficace moyen, à mon sens, d'accommoder toutes choses: c'est d'ordonner au paon, sur les plus graves peines, de n'étaler jamais la beauté de son plumage sans jeter les yeux, à l'instant même, sur la difformité de ses pieds. Je vous réponds que ce regard humiliant l'empêchera d'avoir de la vanité. Tout le monde applaudit aux conclusions de l'arbitre: le paon s'y soumit, et l'assemblée en se séparant dépêcha un des plus célèbres oiseaux vers le sage esope, pour le supplier d'admettre cet apologue moderne au noble des siens.¹

¹ GRACIÁN, *l'Homme Universel*, cap. XIII p. 77-83. “ A inveja tem olhos estranhos: ela descobre de tão longe as coisas que ela parece mais pressenti-las que percebe-las. Ela gostaria de não ver tanto quanto vê, entretanto a sua tendência a leva a ver o que não é. Ainda que ela tenha olhos penetrantes, eles não são totalmente sem névoas e o paradoxo é que esta névoa serve somente para torna-la ainda mais evidente. É com tais olhos que os pássaros olharam um dia o pavão, a maravilha de sua espécie. Eles viram brilhar tantos raios que apresentavam diversas nuances: de olhares eles passaram a admiração e da admiração a uma fúria ciumenta. Pois, é assim que se cai na baixeza da inveja, quando não se deve aspirar a nobreza da emulação.

O corvo como a mais disforme da espécie voadora, desde que ela foi vergonhosamente emplumada, foi a mais irritada pela beleza do pavão; ele se foi grasnando para todos os pássaros, águias, cisnes, gaviões, sem esquecer as corujas, grandes ou pequenas, para engaja-los em uma liga contra o pavão. Ele começava sempre seus sermões com elogios fingidos que serviriam como preâmbulos a uma sátira picante. O pavão é belo, dizia ele, ele é bonito e gracioso. Mas ele não é nada disso que ele faz parecer que é; as mais raras qualidades perdem o seu valor quando se quer ostentá-las em excesso. É como elogiar-se a si mesmo e elogiar a si mesmo é merecer o desprezo dos outros.

O cisne de Bilbilis não disse nada, ele cantou e as suas notas atingiram o seu orgulho que é o vício mais insuportável e menos perdoado. Se a águia majestosa, acrescentou, quiser exibir sua plumagem

pomposa, é também certo que ela atraia para ela nossos olhares, que certamente ela atrairia aqueles olhares do astro do dia. Mas a fênix, a maravilha do universo, apreende esta vaidade que ela devolve ao gosto depravado da vulgaridade, tanto mais ela despreza a ostentação tanto mais a verdadeira glória se conserva na sua solidão.

O cisne canta há muito tempo no mesmo tom, porque aqueles que, como ele, se regozijam mais em calar-se, não saberiam terminar quando eles tivessem interrompido o seu silêncio. O cisne, então, conseguiu provocar a inveja em todos os espíritos e ainda mais nos fracos, a quem tudo fere e ulcera facilmente. Pois a inveja encontra sempre uma presa, de uma maneira ou de outra, o mal, o bem, o falso, o verdadeiro, a fantasia, o real, a inveja se apodera igualmente de tudo isso, quer dizer, o mal para se regozijar e torna-lo pior, o bom para envenená-lo e nutri-lo de seu fel. Paixão bizarra que faz a felicidade de outrem seu alimento e seu suplício, tudo junto.

Todos os pássaros concluíram então, de comum acordo, diminuir a beleza do pavão, já que não podiam retirá-la por completo. Eles, para isto, utilizavam-se de um artifício escondendo o seu ciúme sob um crime de orgulho do qual eles acusariam o pavão. Se nós obtivermos, disse a gralha, que o pavão não desenvolva mais a maravilhosa abertura de suas plumas, faremos eclipsar sua beleza. O que não parece, retomou, uma ave de rapina é quase como se não existisse. O saber não é nada, acrescentaram alguns mais hábeis e mais espirituais. O saber não é nada se ignoramos o que sabemos. As coisas não são apreciadas pelo que elas são, mas pelo que elas parecem ser. O número de néscios ultrapassam o número de sábios; os primeiros olham somente a superfície e para os outros e ainda que eles não penetrem mais profundamente, a ilusão quase sempre prevalece sobre suas próprias luzes e os levam, algumas vezes, contra a corrente.

Depois destas reflexões inspiradas pela inveja, tão engenhosa, a República alada enviou sua queixa ao pavão. O corvo, a gralha e outros pássaros rancorosos se encarregaram de sua divulgação: a águia recusou-a como indigna da sua nobreza, a fênix em oposição a sua modéstia e a pomba como contrária a sua doçura. O que quer que seja, os enviados partiram e chegaram ao palácio da riqueza, onde deveria estar o pavão. À sua chegada, o primeiro objeto que encontraram foi um papagaio empoleirado sobre um balcão. O papagaio lhes disse, sem que eles precisassem perguntar, tudo o que ele sabia, que era também tudo o que ele queriam saber. Assim que eles souberam onde estava o pavão, eles pediram ao macaco, antigo empregado do palácio, para anunciá-los; o que o macaco fez de boa vontade. Seu anúncio agradou o pavão, que viu esta abertura como uma boa ocasião para aparecer. Ele recebeu a visita dos pássaros, seus camaradas, num vasto pátio, teatro de sua glória, onde o pavão exibía o brilho de sua plumagem à luz dos raios de sol.

Mas por mais bonito que fosse o espetáculo que oferecia o pavão, ele não foi bem sucedido, desta vez. As melhores coisas dependem muito das circunstâncias onde são colocadas e daqueles que a testemunham. O olhar de inveja é um veneno que infecta tudo: é o olhar assassino do lagarto venenoso. Os pássaros mais ciumentos e os mais irritados, do que nunca, com a beleza do pavão, que parecia insultá-los desprezaram-na com amargura. Sabes, oh mais vão e mais imbecil dos pássaros, sabes o que nos traz aqui? É para te avisar que estamos muito escandalizados com a sua faustosa ornamentação, assim deve se chamar o atrativo multi-colorido da tua plumagem, que pretensiosa diferença existe que somente você dentre as aves possa exibir de tal modo tuas plumas, mesmo que outros possam fazê-lo com mais honra. Nem a garça exhibe sua crista, que balançam a favor do vento, nem o avestruz se exhibe de modo a fazer brilhar as suas plumas. Nós te ordenamos, então, fechar a tua plumagem para não ser mais diferente, esta ordem é do seu próprio interesse pois: se você tivesse um pouco menos de brilho e mais solidez você teria compreendido que, esforçando-se para parecer belo você faz uma careta que te desfigura. A ostentação é um defeito que se encontra somente no vulgar, ela provém de uma vaidade imbecil, que, por sua vez, nasce de uma pequenez de espírito, ela serve somente para nos fazer desprezar as pessoas razoáveis que dela podem sofrer. A modéstia e a reserva colocam o mérito em segurança; é expor o mérito que dele se exhibe; a realidade se basta a ela mesma, sem o socorro do espetáculo. Em uma palavra, você é o símbolo das riquezas e isto não é ser sábio, é ser imprudente, de mostrá-las.

Diante desta picante moralidade, o pavão foi interditado. Entretanto, após alguns momentos de perturbação ele exclamou: Oh elogio nos vem sempre dos nossos próximos! O quê? Enquanto a beleza simples e natural da minha plumagem atrair os elogios humanos, eu me veria presa à língua inquieta e maldosa dos corvos e das gralhas, porque não condenar em mim somente o exibicionismo e não a beleza. O céu que me deu uma, me proíbe da outra? A sabedoria é de saber parecer convincente. Saber e saber mostrar o que se sabe é o que me parece duplamente hábil: um pouco de fora vale mais algumas vezes do que o mais sólida essência que está escondida. Para que serviriam as maravilhas da natureza se elas

estivessem condenadas a uma eterna obscuridade? Se o sol estivesse sempre eclipsado por densas trevas? Se o ouro ficasse sempre no seio da terra? Se as pedras preciosas ficassem para sempre no fundo do mar?

O pavão tendo apenas acabado de pronunciar estas últimas palavras recomeçou a exhibir majestosamente a beleza de suas plumas. Foi então que a inveja aguçada pela raiva estourou fortemente. Esta ação do pavão foi compreendida como um insulto feito às suas reprimendas. Eles se uniram todos ao mesmo tempo sobre o pavão, uns atacando seus olhos para furá-los, outros sobre sua plumagem para arrancar até a sua última pena. Enfim, o pavão jamais se sentiu num tão grande perigo. Ele ficou tão paralisado de medo que o que lhe restou depois deste episódio, foi a voz rouca que, hoje, o distingue dos outros pássaros. Entretanto, ele pensou na sua segurança e ele não viu nenhum outro meio, além daquele que, em casos parecidos o mais fraco se utiliza, que é gritar com todas as suas forças, chamando o céu e a terra, em seu socorro. Seus inimigos gritaram também, ao seu lado, no mesmo tom para que ele não fosse ouvido; esta balbúrdia alertou e reuniu grande quantidade de pássaros e outros animais que se encontravam nos arredores, um leão, um tigre, um urso e dois macacos empregados do palácio da Riqueza, vieram ajudar o convidado cuja voz eles distinguiram dentre as outras. o grito dos corvos e as gralhas do meio dos campos correram um lobo e uma raposa pensando que tratava-se da disputa de algum cadáver; uma águia que talvez tivesse perdido a sua presa veio aumentar a assembléia quando não se esperava por isso.

Então o leão impôs sua autoridade para apaziguar a disputa e declarou que ele teria prazer de ver terminado a disputa a contento das partes ordenando a uma a modéstia e a outro silêncio. Ele já tinha reconhecido por algumas palavras escapadas a inveja que era ela que estava errada e que cobria uma ação vil com o belo pretexto da virtude. Entretanto, ele propôs de fazer examinar a contenta por um terceiro e este terceiro foi a raposa, pessoa sábia e prudente. Aceitou-se de uma parte e de outra o arbitro, com o juramento que se aceitaria o que ele tivesse decidido. A raposa empregou toda a flexibilidade de que era capaz para agradar a todos, para lisonjear o leão sem ofender a águia e pata fazer justiça sem se indispor com quem quer que seja.

É uma questão, disse o arbitro, é uma questão agitada pelos mais sábios políticos: saber se a realidade importa mais do que a aparência. É certo que muito freqüentemente grandes coisas em si mesmo pareçam quase nada e que pequenas coisas, ao contrário, pareçam muito. Deste principio eu tiro esta conclusão: que muito freqüentemente a aparência importa mais do que a realidade. A aparência é como o suplemento próprio para preencher um vazio e como ornamento e brilho do sólido. Ela valoriza tudo aquilo que atinge os sentidos e ainda mais as qualidades do espírito, ainda que ela seja adaptada às circunstâncias e às pessoas. Então, convém somente mostrar um talento que se recebeu, quando se apresenta o momento do mostrá-lo.

As pessoas que são muito estimadas com mérito medíocre e passariam por prodígios se eles tivessem um grau a mais. É que eles sabem perfeitamente reunir a aparência à realidade, os outros ao contrário, a quem esta arte falta, perdem sempre uma boa parte do seu mérito. Sim, provavelmente, e é preciso confessa-lo, que a aparência é absolutamente necessária e dá as coisas, de qualquer modo, um segundo ser. Pois eu suponho um mérito real sobre o qual a aparência esteja fundada, sem isto ela não é mais do que uma vã aparência, cuja vulgaridade é somente engenhosa e da qual as pessoas esclarecidas deboçam. Por exemplo, alguns têm uma violenta paixão de mostrar o seu saber, e o que lhes acontece? É trazer mais luz sobre a sua ignorância, de publica-la eles mesmos, como se a alardiassem e de se cobrir de uma vergonha que a obscuridade os teriam salvo.

Além disso, nada deve ser menos afetado do que a aparência, porque nada parece mais com a vaidade. É bastante difícil de parecer sem dar perceber a menor suspeita que nós tentamos nos diferenciar. Quantos artificios se deve observar para se fazer conhecer sem ferir os rivais ou os espíritos fracos! Assim o corpo deve se abster de todo excesso para conservar-se em saúde, da mesma forma o espírito deve abster-se de toda afetação para conservar-se honrado; este tipo de equilíbrio de espírito nos é tão necessária quanto a do corpo. O mérito que se revela demais é como uma tenra flor a qual um sopro maligno atinge e empalhece o esplendor.

Para dar uma idéia vantajosa de nós tanto é preciso dizer algumas palavras a propósito, mas em aparência sem objetivo, tanto é necessário guardar o silêncio de uma certa maneira e de dissimular com sabedoria. Esses artificios bem colocados longe de esconder o mérito, são marcas sensíveis para aqueles quem importa conhecer, quero dizer, àqueles que tem discernimento e gosto. Certamente há um grande refinamento de espírito para saber mostrar somente a metade dos seus talentos; dosando isto, tem-se sempre essência para mostrar quando é necessário; cresce sempre na estima do outro, porque reservou-se com o

que ganha-la cada vez mais; enfim nutrir- se sempre com honra a espera de todo o mundo acostumado a não nos ver nunca sem alguma reserva.

Eu chego agora a espécie de hoje, eu digo e este é meu pensamento, que seria fazer ao pavão uma violência inaudita deixando- lhe sua beleza, como a justiça o pede, proibindo- lhe, entretanto, de exibi-la como seria o reconhecimento relacionado à natureza. Além disso, condenando- lhe a não mais exibir sua plumagem, seria como condena-lo a não mais respirar: seria também pouco possível não parecer ser um pavão.

Eis aqui o único e ao mesmo tempo meio eficaz, na minha opinião, de acomodar todas as coisas: é ordenar ao pavão sob as mais graves penalidades de jamais exibir a beleza da sua plumagem sem olhar no mesmo instante à deformidade dos seus pés. Eu vos respondo que este olhar humilhante o impedirá de ter vaidade. Todo mundo aplaudiu as conclusões do arbitro; o pavão se submeteu e a assembléia separando- se enviou um dos mais célebres pássaros para encontrar o sábio Esopo, para suplica-lo de acrescentar este apólogo moderno aos seus.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)